EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

128 ANOS - PATRIMÔNIO DA PARAÍBA

Fundado em 2 de fevereiro de 1893
no governo de Álvaro Machado

Ano CXXVIII Número 084 | R$ 3,50 | João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 9 de maio de 2021 | auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

Paraíba vai ampliar rede de fibra ótica de alto desempenho

Convênio que envolve Fapesq, Finep e a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa já atende João Pessoa, Campina Grande, Cabedelo, Santa Rita e deve chegar a mais 49 cidades. Página 15

Foto: Pixabay

Exemplos de força e superação no Dia das Mães

Filhos que assistiram a suas mães enfrentarem momentos de dor e dificuldade falam sobre o orgulho que sentem e de como se inspiram nessas histórias. Página 5

Cultura

Foto: André Hawk/Divulgação

Multiartista Enquanto se prepara para estrelar série na Netflix, Lucy Alves investe em álbum de forró com releituras da banda Falamansa. Página 9

Almanaque

Foto: Marcus Antônius

Sob medida Alfaiatarias, como a de José Elias, têm um passado glorioso, mas ramo se reinventa para atrair público que procura roupa personalizada. Página 25

Entrevista

Foto: Roberto Guedes

Carmélio Reynaldo Professor e jornalista avalia mercado e as ameaças à imprensa. Página 4

Paraíba

Programas oferecem uma nova vida a presos na PB

Com iniciativas de ressocialização, apenados conseguem reduzir o tempo de prisão e aprender um ofício para retomarem a vida no futuro. Página 7

Economia

Foto: Roberto Guedes

Produtos orgânicos Apesar de estarem mais caros, alimentos sem agrotóxicos não afastam consumidores. Página 17

Geral

Imprensa brasileira recebe 6 ataques virtuais por minuto

Levantamento da Associação das Emissoras de Rádio e Televisão revela que, no ano passado, foram registradas mais de 2,9 milhões de agressões a jornalistas. Página 3

Esportes

Clássico Tradição: 10 anos de um jogo que fez história

Relembre a partida de 2011 entre Botafogo e Treze pelas semifinais do Campeonato Paraibano, um jogo que terminou em briga dentro e fora do estádio. Página 21

Colunas

"Ao fazer uma homenagem ao humorista Paulo Gustavo, Caetano Veloso fez um desabafo que traduz esta onda de sectarismo e intransigência que ameaça varrer os humores da vida nacional para lugares tão distantes." Página 2

Editorial

"Se pretendo obter resultados diferentes, preciso fazer de um novo jeito, sair da rotina e até correr riscos. Para melhorar as chances de acertar, faz-se necessário planejar." Página 17

Chico Nunes

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6518 | (83) 9 9117.7042 circulacao@epc.pb.gov.br

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

Editorial

Desolado palco

Não é só crise econômica nem pandemia de coronavírus. A atmosfera do país, já impregnada de gases expelidos por fábricas, automóveis e queimadas, tornou-se, no plano simbólico, ainda mais irrespirável em virtude do clima político nacional, cujo aquecimento se deve às visões de mundo conflitantes que fragmentam a sociedade em nichos de intolerância.

Há poucos dias, ao fazer uma homenagem ao humorista Paulo Gustavo, outra vítima recente da pandemia, o cantor e compositor Caetano Veloso fez um desabafo que traduz esta onda de sectarismo e intransigência que ameaça varrer os humores da vida nacional para lugares tão distantes, que vai demorar algo ou alguém trazer de volta o contentamento.

Disse o autor de "Alegria, alegria": "Tem que vir uma resposta da alma brasileira à situação que estamos vivendo e da qual a morte de Paulo Gustavo é um símbolo de grande intensidade. Paulo Gustavo já devia ter sido vacinado num país que tivesse agindo decentemente". O recado do artista, é evidente, tinha endereço certo: o Palácio do Planalto.

No entanto, vai um pouco mais além o sentido das palavras de Caetano. A concentração, em determinados cérebros, dos efeitos da crise econômica, da situação de emergência em saúde, do fanatismo religioso, do desequilíbrio emocional, da falta de educação, do radicalismo ideológico e da alienação política é fator de desordem comportamental.

O Brasil não é mais simplesmente o amálgama de Bélgica e Índia, nem a questão é mais se o Haiti é ou não é aqui. "Ninguém, ninguém é cidadão", a frase musical parece agora sair das bocas de estranhos compatriotas, cheios de razões, que até ontem eram vizinhos, primos, cunhados, irmãos, colegas de trabalho, parceiros de bares, baralhos e peladas.

Esse Brasil de alma telúrica, jocosa, irreverente, criativa, ao mesmo tempo guerreira e reflexiva, talvez vague perdido por uma floresta de copas fechadas, sob as quais não se consegue ver a luz dos astros, e o medo do ataque das feras, que abandonaram suas tocas e rosnam agora ameaçadoras, transforma a psique coletiva em palco de dramas de atos inesperados.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com | Colaborador

A revogação do Decreto-Lei 477

Estávamos no mês de maio de 1979 quando o então ministro da Educação, Eduardo Portela, anunciava o fim da vigência do Decreto-Lei 477, conhecido como o "AI-5 das Universidades". Reconhecia publicamente o ministro que "não seria possível o desenvolvimento de uma Nação, estando a sua juventude omissa e marginalizada". A ditadura começava a confessar seus erros. Fazia parte do processo de redemocratização prometida pelo presidente João Figueiredo.

O 477 foi responsável pela exclusão de expoentes do corpo docente das universidades brasileiras à época da ditadura militar. Muitos estudantes tiveram que abandonar os cursos superiores que frequentavam e se viram obrigados a sair do país. O decreto-lei estabelecia punição a professores, funcionários e alunos das universidades públicas ou particulares, através de um rito sumário, quando acusados da prática de atos considerados subversivos pelo regime. Eram, quase sempre, classificados como "comunistas", todos aqueles que se dispunham a combater o governo.

> "Eram, quase sempre, classificados como "comunistas", todos aqueles que se dispunham a combater o governo"

Os professores alcançados pela norma legal implementada, ficavam impedidos de ensinar em qualquer instituição de ensino do país por um período de cinco anos. Aos estudantes afastados pelo 477, o prazo em que estavam proibidos de se matricular nas universidades era de três anos. Assim, muitas trajetórias acadêmicas de professores e estudantes foram ceifadas. Instalou-se o terror na vida universitária.

Entretanto, o projeto de lei encaminhado ao Congresso permanecia proibindo a representação estudantil através de entidades a nível nacional, como a UNE, e dos diretórios acadêmicos. O deputado Antônio Mariz se insurgiu contra essa restrição à liberdade de reorganização do movimento estudantil e apresentou emenda que autorizava a volta de sua existência. "Não podemos continuar admitindo que se contenha a ação estudantil no recinto universitário, negando-se legitimidade a qualquer representação de ordem estadual e nacional", proclamou Mariz. Sua emenda foi aceita e a lei aprovada pelo Congresso em agosto já alterava o "artigo segundo" do projeto de lei apresentado pelo ministro.

Na Paraíba, ouviu-se a voz do jovem parlamentar paraibano Ramalho Leite, comemorando o ato do governo; "Vamos passar uma esponja no passado, que se conceda a anistia e que sejam revistas todas as punições advindas da aplicação do "AI5 das Universidades". Começamos, enfim, a viver ares novos na política brasileira, em que o aceno da democracia plena estava dado".

O passo seguinte seria efetivamente a Lei da Anistia. O povo brasileiro esperava por essa definição. Portanto, a notícia divulgada produzia um alívio, porquanto fazia desaparecer a sanha repressora que a ditadura impôs no campo do ensino universitário do Brasil.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A cobra que engoliu o trem

Primeiro desapareceu a Maria Fumaça, que recolhia cana na baixa de Goiana. Sumiu sem dar notícia. Só ficou o rastro, comprido de vinte braças, conforme os antigos calcularam. Mas eles mesmos não sabiam calcular direito, pois o rastro da cobra era ao longo. Ninguém sabia onde começava nem terminava. Se media a largura; essa sim, por ela se fazia a média do comprimento. Era para mais de vinte braças, podes crer.

O rastro saía serpenteando pelo canavial adentro. Nunca ninguém tinha visto coisa igual. E assoviava. Quando o trem passava, apitava numa extrema e o rastro ripostava da outra. Só quem viu, isto é, disseram que viram, foram os meninos que pescavam pitus no canal de Goiana. Mas história de palavra menino, palavra de menino, já sabe como é. A peia comeu, mas a história foi a mesma: a cobra media mais de cem palmos, seja vinte braças.

Os animais estavam desaparecendo, e podia ser ela mesma. Baés, bodes, ovelhas, bezerros. Até cavalos de montaria. Eles sumiam perto do rastro da dita. Um rastro de uma braça de largo. Fazia medo até medir-lhe em braça, pois a dita podia levar quem a media. Quando assoviava, o guaxinim corria, a água fervia com os pitus fugindo, os muçus se escondendo, os bagres se socando na lama, primeiro a cabeça, só ficava fora o rabo.

Bicho duro de morrer o tal de bagre. Eu vi um cortado ao meio, na feira de Guarabira. Só tinha uma banda, a da cabeça. O bicho mexia com ela, estava viva. A outra banda, não sei. Era um bagre pequeno, pouco mais de um palmo. Da grossura de uma banana. Vi outro, de mais de cinco palmos, no frigorífico da Pindá (Pesca Industrial e Artesanal), em praia de Tambaú. Completamente eviscerado, mas se mexia, abria e fechava a boca. Não roncava; assim também era demais. Juro.

Há mais de mil qualidades de bagres. Do tamanho de um cascudo (como o de Guarabira), até o mero, ou os do Rio Mekong, em Ásia, onde Camões perdeu Dinamene. Mas não foi o bagre, eles não mexem com ninguém. Foi o naufrágio da barca onde Camões e Dinamene estavam. Eis um nome bonito para uma embarcação: Dinamene. Pergunte a Camões. Diz a lenda que ele saiu nadando com um braço só, o outro levantado, segurando os originais. E Dinamene? Musa é musa, fusa, semifusa.

Como eu ia dizendo: sumiram a Maraia, digo, Maria Fumaça, e alguns pequenos animais, até cachorros. Não tem aquele canal de Goiana? Pois foi por ali. Tinha gente que não queria mais pescar, mesmo de anzol. Não se falava de entrar na água, o rastro da dita estava ali. O lugar mais seguro, ou menos perigoso, era em cima da ponte. O pescador ficava no seco, a vara no ar, o peixe adiante, a minhoca n'água. O apito da Maria lá longe.

Aí – disseram as lavadeiras –, o trem apitou, a cobra assoviou, deu o bote. Uma rabanada tirou o trem da linha, outra rabanada enrolou o trem. A dita abriu a boca, começou a engolir a composição pela cabeça, pela locomotiva. Ficou esfumaçando pela boca aberta, feito um cachimbo, um charuto de caixeiro-viajante, feito meu tio.

Perguntei ao Tio Rufino que cobra podia ser aquela, capaz de engolir um trem.

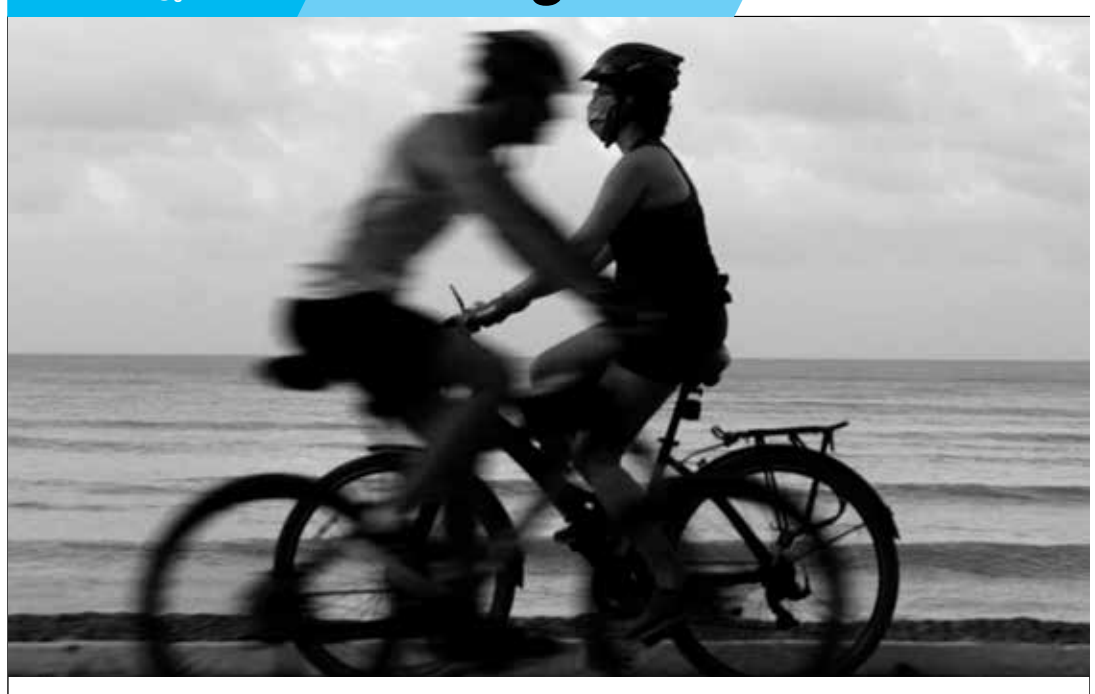
–Titanoboa–, disse meu tio sapiencial, muito viajado. – Trata-se de uma cobra pré-histórica. Mas, ao que saiba, ela só existiu na Amazônia dos Andes. Faz tempo que desapareceu, há dezenas de milhões de anos.

Tio Rufino estava contando, explicando a titanoboa na barbearia de Chá Preto, em Campina Grande. Aí um cara começou a rir e ele parou. – Você está pensando que é mentira, não conto mais não.

E a titanoboa desceu o canal de Goiana no giro do mar, nunca mais foi vista. Nem pelos meninos, nem pelas lavadeiras, nem pelo maquinista do trem que a cobra engoliu.

Marcus Antonius
marcusfreefoto@gmail.com

Fotolegenda



Encontro perigoso

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

Jornalismo sob pressão

Relatório revela que Brasil continua entre os países que mais registram ataques contra a imprensa

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Que o Brasil vive tempos trágicos não é novidade para ninguém – com uma crise sanitária causada pela pandemia do novo coronavírus, desde o ano passado – mas, o que muita gente não sabe é que os profissionais que trouxeram e trazem essas 'novidades' para a sociedade vêm sendo alvo de violência constante, em todas as regiões do país. Além disso, também seguem perdendo cada vez mais a sua liberdade de expressão. Em 2020, segundo a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), foram registrados mais de 2,9 milhões de ataques virtuais, o equivalente a cerca de 7,9 mil conteúdos pejorativos por dia, 331 posts violentos por hora e a quase 6 agressões por minuto.

De janeiro a 8 de abril deste ano, foram 25 atos contra jornalistas registados pela ABERT. São ataques virtuais, físicos, atos de vandalismo contra prédios de empresas de comunicação, intimidações e decisões judiciais contra a liberdade de expressão.

Mesmo diante do papel fundamental que esses profissionais exercem em todas as nações no mundo, sendo o setor responsável em levar as informações à sociedade, os jornalistas seguem recebendo ataques. Só o ano passado, de acordo com a ABERT, foram mais de 42 milhões de publicações virtuais envolvendo as palavras 'imprensa', 'jornalista' e 'jornalismo' e algum tipo de contexto de constrangimento. Ao todo, foram registrados 150 casos de violência não letal (ofensas, agressões, intimidações, ameaças, roubos/furtos, atentados, censuras, ataques/vandalismo, detenções e sequestro) um aumento de mais de 167% em relação a 2019. Também houve um crescimento de 142,3% dos atos violentos em que cerca de 189 profissionais foram vítimas.

Pela classificação mundial de liberdade de imprensa feita pela organização internacional Repórteres Sem Fronteiras (RSF) em 2020, o Brasil ocupa o 107º lugar no ranking dos países que violam os direitos da liberdade. Essa é a pior classificação do país no ranking desde 2002 e em relação a 2019 o caiu duas posições (ocupava o 102º); já em 2018 estava no 102º, ou seja, nos últimos dois anos foi uma queda de cinco colocações. Esses dados só comprovam que o Brasil segue entre os países mais violentos para o exercício da profissão de jornalismo.

Foto: pixabay.com

Associação revela que profissionais do jornalismo brasileiro sofreram 2,9 milhões de ataques virtuais em 2020

Peleja do jornalista contra as *fakes*

As redes sociais possibilitaram que qualquer pessoa pudesse compartilhar suas informações com um público mundial. Mas o espaço virtual também é lugar de muitas agressões, difamações e violações do direito à liberdade de expressão, principalmente dos profissionais jornalistas, conforme o relatório da ABERT.

A jornalista Sony Lacerda, de 48 anos, não esconde os desafios de relatar os fatos nos tempos atuais, diante de tantas fake news. "Desde que a internet surgiu e com a chegada das redes sociais, as pessoas passaram a ser dona do seu próprio 'veículo de comunicação', você mesmo produz a sua pauta, ou seja, fala daquilo que gostou ou não gostou e lá se vão as críticas... só que isso provocou um fenômeno inverso, o cerceamento da liberdade do outro. Porque, a partir do momento que eu dou liberdade para se falar o que quer (e aí as pessoas confundem muito com liberdade de expressão), mas isso não lhe dar o direito de espalhar informações erradas só porque você quer acreditar naquilo", comenta.

Um exemplo que a profissional ressalta é do presidente Jair Bolsonaro, que utiliza as redes para falar o que quer, como sendo verdades absolutas e não estão preocupadas se essas falas vão provocar algum tipo de problema, constrangimento ou algum tipo de tragédia no país.

Foto: Arquivo pessoal

Jornalista Sony Lacerda aponta desafios da profissão diante de notícias falsas propagadas nas redes sociais

O passado refletido no presente

A violência contra os profissionais da imprensa no Brasil não é recente. O decano no jornalismo paraibano, Agnaldo Almeida, de 72 anos, destaca que ser jornalista nunca foi para quem tem medo de "colocar a cara para bater" e relembra os atos contra a liberdade quando começou na profissão. "Nos anos 1970, vivíamos em plena ditadura militar. Era o tempo de um Estado policialesco, tanto na esfera nacional como estadual. Havia na época a chamada "autocensura". Para não ter que enfrentar problemas mais graves, inclusive com agressões físicas, a gente se cuidava. Penso que existia até mais violência, jornalistas foram mortos e torturados; Wladimir Herzog virou símbolo da época. Há muitas outras vítimas. O regime era duro com a imprensa", relata.

Agnaldo relembra ainda as intimidações que sofrera, mas também pontua que a falta de liberdade da imprensa não é brasileira, é mundial. "Embora nunca tenha sido processado, já sofri ameaças e constrangimentos. Uma vez fui demitido da minha função por conta de perseguições, mas nunca me assustei com isso. Ainda que tivessem mais poder que os jornalistas, esses políticos – alguns até hoje endeusados – morriam de medo da gente. Era ruim, mas não deixava de ser divertido. Hoje, já na redemocratização, a perseguição aos jornalistas continua. Governos não gostam da imprensa. Preferem os áulicos. A violência contra os profissionais muda de forma, mas continua a mesma".

Sobre os novos tempos para o jornalismo, Agnaldo pontua que com o surgimento da internet os governos passaram a ter um problema maior, que é impossível calar todas as vozes – "sempre será impossível" – e que Democracia não existe sem imprensa livre.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PARA ALÉM DE UMA REUNIÃO: APROXIMAÇÃO DE GILBERTO KASSAB E LULA REMONTA A 2012

Foto: Wilson Dias/Agencia Brasil

A aproximação política - ou afeição - entre Lula e Gilberto Kassab, presidente nacional do PSD, remonta ao ano de 2012, quando este último era prefeito de São Paulo e o líder petista se recuperava de um câncer. Por sugestão de Henrique Meirelles, que fora presidente do Banco Central na gestão de Lula, Kassab o visitou no Hospital Sírio Libanês. E após uma conversa amistosa sobre assuntos não necessariamente políticos, aí incluídos o futebol, ele ouviu de Lula o pedido para que apoiasse a candidatura de Fernando Haddad a prefeito de São Paulo. A aliança não vingou - Kassab terminou apoiando José Serra (PSDB) -, mas a amizade não se desfez. E a prova disso foi que o presidente do PSD tornou-se ministro das Cidades, um ano depois, do governo de Dilma Housseff. Antes, após deixar o cargo de prefeito, ele havia declarado apoio à reeleição da presidente, mesmo quando a popularidade de Dilma estava em baixa, com a ocorrência de manifestações de rua contra o seu governo. Há que se registrar que Kassab deu outra demonstração de lealdade ao PT, no período: apoiou a candidatura do petista Arlindo Chinaglia à presidência da Câmara dos Deputados, mesmo com as pesquisas mostrando que ele seria derrotado por Eduardo Cunha (MDB). Esse recorte da trajetória de Kassab, portanto, oferece elementos para que se possa enxergar a franca possibilidade de ele apoiar a candidatura de Lula em 2022, afora o fato de que o ex-presidente o visitou esta semana, em Brasília. Detalhe: Kassab chegou a atuar para ser o candidato a vice-presidente na chapa petista, em 2018.

POR OUTRA SIGLA

Em que pese a aproximação do PSD com o PT, o presidente da legenda na Paraíba, Romero Rodrigues, mantém sua posição de apoio à recondução de Bolsonaro, em 2022. À imprensa, ele disse que irá se posicionar a favor da reeleição do presidente. Na hipótese de ocorrer essa aliança, só se for por outra legenda.

WILSON NO PSD?

A propósito de eventual saída de Romero do PSD - caso se concretize a aliança do partido com os petistas - não será surpresa se o PSD cair no colo de Wilson Santiago, que acaba de ser afastado da presidência do PTB, por decisão do bolsonarista Roberto Jefferson. O deputado Wilson Filho disse que o destino dele e do pai "são passos que serão dados mais à frente".

"ACREDITO QUE SIM"

Wilson Santiago poderá deixar o PTB antes da abertura da janela partidária, sem o risco de ter o mandato solicitado na Justiça, pela direção nacional, por infidelidade partidária? A resposta foi dada pelo filho dele, o deputado estadual Wilson Filho, numa emissora de TV: "Como advogado, acredito que sim".

PARA AONDE IRIA?

E para aonde iria Romero Rodrigues, caso decidisse deixar o PSD? Bem, o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, declarou à imprensa que existe "possibilidade bem grande" de o presidente Bolsonaro filiar-se ao seu partido, o PRTB. Como esta legenda está sem presidente na Paraíba, essa conta poderá fechar. Ou não.

"ISSO NÃO PROCEDE"

Romero Rodrigues nega ter sido convidado para assumir a direção do PTB, após a destituição de Wilson Santiago da presidência da legenda. Essa especulação surgiu por um motivo óbvio: apoiador de Bolsonaro na Paraíba, Romero se identificaria com os encaminhamentos do presidente nacional do PTB, Roberto Jefferson, bolsonarista de carteirinha.

PT PARAIBANO APROVA ALIANÇA COM O PSD

"O PT está ampliando as discussões para montar um grande palanque contra o fascismo". Do presidente do partido na Paraíba, Jackson Macedo, ao comentar a aproximação de Lula com o PSD de Gilberto Kassab. Para o dirigente, esse movimento do PT é importante para a construção de "uma ampla frente nacional de oposição a Bolsonaro".

Carmélio Reynaldo,
Jornalista

"Tanto as redes sociais quanto a imprensa são bem ou mal usadas"

Professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba analisa a crise no mercado e os ataques ao jornalismo profissional no país

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.pb.gov.br

Para pensar o mundo da comunicação, Walter Clark, um dos importantes nomes do meio produtivo da televisão no Brasil, falou, em 1975, que os meios de comunicação são como indústrias e, como qualquer outra, estão sujeitos às leis de economia de mercado. No Brasil, não é diferente. Imerso em uma crise econômica, política e social há anos, com pioras drásticas e uma política de sucateamento em prática, o país vive também o atravessamento das crises no meio jornalístico. Como outras indústrias, o ramo da comunicação e os jornalistas profissionais estão sendo atacados, sucateados e descredibilizados com o crescimento das fake news em massa e da violência explícita.

O ano de 2020 foi, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), considerado o mais violento para a categoria dos jornalistas no Brasil. Ataques à imprensa e agressões diretas cresceram em mais de 100% em comparação com o ano de 2019. O que acaba revelando uma fragilização da liberdade de imprensa no país.

Ao mesmo passo que são atacados diretamente, os jornalistas são atingidos ainda pela economia, o que significa, também para estes profissionais, o desaparecimento de postos de trabalho e o desemprego. No entanto, também em 2020, o Brasil viu emergir a necessidade de um trabalho cada vez mais sério no trato e compartilhamento da informação, diante do contexto pandêmico. Para pensar estas relações, o Jornal A União conversou com o jornalista e professor aposentado da UFPB Carmélio Reynaldo.

Carmélio Reynaldo faz críticas a Jair Bolsonaro e afirma que o presidente lidera as ameças voltadas aos jornalistas e aos veículos de imprensa

Foto: Roberto Guedes

> "O profissional não é o curso que forma, é ele mesmo que se forma. A universidade pública dará condições, mas o aluno precisa mostrar interesse"

A entrevista

O jornalismo tem realizado um papel fundamental durante a pandemia do novo coronavírus, dialogando com a informação cada vez mais completa sobre a doença. Como o senhor analisa esse comportamento?

Na situação atual, nessa pandemia, na circunstância e no momento histórico em que a humanidade se encontra, prevalecem as fake news, mentiras e a desinformação. A humanidade tem a necessidade da informação correta e, ainda bem, teve o jornalismo como aliado. Me parece que o papel do jornalismo foi fundamental para que a sensatez prevalecesse entre as pessoas e as autoridades. Em alguns lugares, tristemente onde houve a resistência das autoridades e até tentativa de desacreditar o jornalismo, infelizmente, um desses lugares foi o Brasil e estamos sofrendo muito por conta disso. Só não estamos sofrendo mais porque o jornalismo, de certa forma, assumiu o protagonismo. Por exemplo, os dados diários sobre a pandemia... o Governo tentou boicotar, ocultou, escondeu, e o jornalismo, através do consórcio de veículos de imprensa, assumiu este trabalho. Isso demonstra o quanto a contribuição do jornalismo tem sido importante.

As redes sociais acabam dando autonomia e fala a atores sociais que antes não possuíam, entre elas a capacidade de criar notícias falsas e compartilhar na internet. Como o senhor compreende as relações do jornalismo com as redes sociais diante deste cenário?

Tem dois aspectos importantes para se examinar. O jornalismo também não é essa coisa perfeita e maravilhosa, principalmente aqui no Brasil. Um dos grandes culpados de as fake news terem espaço na informação são os veículos de imprensa. A imprensa brasileira sempre teve um comportamento que não deveria ser o do jornalismo. Vamos tomar, por exemplo, se pensarmos no histórico dos anos iniciais do governo Lula, criaram-se escândalos enormes por conta de que a primeira-dama, Dona Marisa, gostaria de fazer um canteiro com flores vermelhas no Palácio da Alvorada. Tentaram desacreditar as ações do governo e foi uma coisa orquestrada. A ONG Repórteres Sem Fronteiras colocou o Brasil como um dos piores lugares para o exercício do jornalismo, mas a mesma ONG teve atuações contra o governo Lula e única coisa que esse governo fez que tentasse, de alguma, se aproximar da liberdade de imprensa, foi a regulamentação do exercício da profissão do jornalista. Tudo isso, de certa forma, demonstra quanto o jornalismo e os jornalistas trabalharam contra a própria categoria. E, sendo desacreditado, ao mesmo tempo, quem precisava trocar informações que estivesse em contraponto do discurso tendencioso da imprensa, estaria nas redes sociais. E foi a partir delas que a informação desconstruindo o discurso da imprensa também circulou. Criou-se esse canal. Mas tanto as redes sociais quanto a imprensa são bem ou mal usadas. As redes sociais podem continuar assim, mas a imprensa não pode.

Existe um limiar no Brasil entre a ideologia dos veículos de comunicação e o exercício da profissão em si, ou essas relações existem em atravessamento?

Não existe barreira, infelizmente. Volto à discussão da ONG Repórteres Sem Fronteiras... Eu acredito que o exercício do jornalismo no Brasil esteja, de fato, muito deficitário. Nos governos do PT, por exemplo, jornalistas não estavam sendo ameaçados de morte. Existia, assim, ataques, manifestações, o jornalista era vaiado... mas isso são coisas que fazem parte da nossa profissão. Outra situação é que você tem que ver quais são os tipos de jornalistas que temos hoje no Brasil. Criaram blogs e sites e falam que estão fazendo jornalismo, só caçando cliques para difamar as pessoas. Então estas pessoas estão fazendo jornalismo? É claro que eu posso me revoltar contra uma pessoa que faz algo que vai te difamar. O que me preocupa muito é que eu considero a entidade dos Repórteres sem Fronteiras tendenciosa e ela é de direita.

A gente percebe que existem ataques cada vez menos velados ao jornalismo e jornalistas, principalmente vindos do presidente Bolsonaro. Em 2020, a FENAJ disse que foi o ano em que mais se constatou ataques aos jornalistas. O senhor acha que estes ataques podem estar relacionados ao atual governo?

Sem dúvida nenhuma ele estimula isso. Por isso que digo, nenhum candidato que disputou a Presidência com ele em 2018 teria o mesmo comportamento que ele tem diante da imprensa. Ele lidera ataques voltados aos profissionais de imprensa e a própria imprensa terminou sendo afetada. Os jornalistas sabiam quem era Bolsonaro, não havia dúvidas. Mas a imprensa colocou ele e o Haddad no mesmo patamar de radicalismo, não é por falta de informação. Ele enganou durante a campanha e continuou enganando até agora há pouco. E todos os que continuam dizendo que há radicalismos iguais não estão sendo honestos e fazendo jornalismo como deveria ser.

Outra percepção é o sucateamento do trabalho do jornalismo no país e no Brasil como um todo, com demissões em massa. Quais foram os fatores principais para que assistíssemos hoje o sucateamento do exercício da comunicação no Brasil?

Um dos problemas é justamente um governo ineficiente e inato para a gestão de um país. Estávamos em uma crise difícil porque é o seguinte... a imprensa é mantida pelas verbas da publicidade. Então quando tivemos a época da recessão, houve corte exatamente na publicidade. Sendo assim, a comunicação é a primeira que sofre, ocorrendo as demissões. O que me deixa triste são os jornalistas defendendo políticas que vão resultar em recessão, que a gente sabe que eles estão ameaçando os próprios postos de emprego. Na situação atual ainda tem o agravante da crise econômica causada pelo novo coronavírus, além da crise de quando derrubaram a Dilma, com Temer piorou e agora estamos no fundo do poço. Houve então o encolhimento da economia e, consequentemente, o fechamento de postos de emprego.

Como o senhor avalia as perspectivas de mercado para os próximos anos no Brasil e na Paraíba?

Se não vier um presidente que implante no país uma política desenvolvimentista, com investimentos maciços, a gente vai continuar nessa situação, os jornalistas e o jornalismo também. Como se não bastasse a concorrência das redes sociais e desses desinformadores, ainda vem uma situação em que o emprego sempre estará em uma situação de precariedade. Acredito que só assim conseguiremos sair dessa crise. Qualquer governante que falar de reajuste fiscal e de redução do tamanho do estado, corte de investimento estatal, ele vai levar a gente para o porão do fundo do poço.

A academia prepara os alunos para essa realidade do cotidiano social da profissão nas redações?

Eu saí da universidade em 2018, mas ainda acompanho o curso de Jornalismo da UFPB, e posso falar por ele. Então eu acho que prepara sim. Quando saí, foi uma das melhores fases do curso, quando saímos de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo apenas para Jornalismo. Formamos uma grade curricular muito boa e temos um bom elenco de professores. Há, é claro, professores que não aproveitam isso. O profissional não é o curso que forma, é ele mesmo que se forma. A Universidade Pública dará condições, mas o aluno precisa mostrar interesse, participando das atividades de pesquisa e extensão que a universidade oferece gratuitamente. Temos os melhores professores disponíveis, são oportunidades maravilhosas e muita gente deixa isso passar.

Uma jovem cidade

Criado em 1994, um dos municípios mais novos da Paraíba, o município de Casserengue se destaca pela sua história e riqueza ambiental. Página 8

Fotos: Jonh Felype/Divulgação

Mães com histórias de vida inspiradoras para os filhos

Maria Aparecida de Sousa, Maria das Graças França e Fabiana Gomes são exemplos de superação, coragem e amor

Carol Cassoli
Especial para **A União**

Um elo que surge antes do nascimento, ainda na barriga, e perdura pela vida. A aliança entre mães e filhos é, para muitas mulheres, a relação mais forte que já conheceram e este sentimento é a potência necessária para enfrentar os desafios que o mundo reserva dia após dia. A força das mães é o que inspira grande parte dos filhos a seguirem uma jornada de luta em busca de melhores condições e oportunidades iguais para todos. É o caso de Joeva Correia, Nycolly Honorato e Mayra Alves, três filhas que, de maneiras diferentes, honram os passos das mães com muito orgulho.

Em uma iniciativa espontânea, o desejo de Mayra de agradecer a mãe, surge muito antes do interesse comercial que cerca o segundo domingo de maio, quando filhos espalhados por todo o país presenteiam suas mães. A jovem, de 30 anos, conta que, desde sempre, viu Maria Aparecida de Sousa batalhando para criar, sozinha, os três filhos. "Minha mãe é força, dedicação, alegria, alento e amor", explica.

Mayra se refere à mãe como a base de onde saiu e para onde volta quando precisa. Não à toa a jovem considera Cida seu porto seguro, afinal, há 20 anos, a manicure se viu diante do desafio de sustentar, educar e transmitir valores a três crianças e, mesmo com todas as dificuldades, deu conta do recado. "Meu pai não estava presente, constituiu outra família e, por isso, a assistência era pouca, então por muito tempo minha mãe fez papel de pai também", mesmo com o cenário de ausência paterna, Mayra não lamenta, pois, segundo ela, Cida foi o suficiente.

> "Meu pai não estava presente, constituiu outra família e, por isso, a assistência era pouca, então por muito tempo minha mãe fez papel de pai também."

Ao revisitar as memórias de infância, a filha do meio de Maria Aparecida, lembra da mulher saindo para trabalhar tão cedo ao ponto de uma criança ser incapaz de calcular que horas são. "Ela é uma guerreira. Hoje em dia faz unhas em domicílio e, às vezes, diária de faxina", a jovem enaltece a mãe, de 50 anos, e conta que, mesmo os irmãos não morando mais sob o mesmo teto que Cida, se importam muito com ela.

"Quando contei que estava grávida, ela me apoiou. Disse que onde come 1, comem 2 e 3 também. E falou para eu erguer a cabeça", acolhedora, Cida ensinou os filhos a se orgulharem de quem são e, hoje, passa os mesmos valores para a neta Louise, por quem é apaixonada. Mayra destaca que a mãe é generosa ao ponto de dividir o amor para os três filhos e para a neta e ainda distribuir o que sobra. A manicure é querida não apenas pelos filhos, mas pelos amigos dos filhos também. "Eu tenho uma amiga, que foi nossa vizinha e a chama de mãe. Ela diz que recebe da minha mãe o amor que não recebe da dela".

Continua na Página 6

Foto: Acervo pessoal

Mayra Alves faz questão de exaltar as qualidades da sua mãe, Maria Aparecida: "Minha mãe é força, dedicação, alegria, alento e amor"

Elas enfrentam os desafios, seja em casa ou no trabalho

Mulheres que se tornaram exemplo para os seus filhos quando diante de grandes dificuldades persistiram, lutaram e venceram

Carol Cassoli
Especial para **A União**

Assim como Mayra reforça o caráter protetor de Cida para com os seus, Joeva Correia também enfatiza a bondade no coração de sua mãe. A radialista conta que, sua mãe, Maria das Graças França, atendente da Cooperativa de Reciclagem de Marcos Moura (Cooremm), sempre esteve presente no ambiente familiar e no acolhimento dos catadores que realizam a coleta na Cooremm. E os trabalhadores da cooperativa concordam com Joeva. "Essa mulher é a alma sustentadora desse projeto. Uma amiga para todas as horas, a pessoa mais fiel que essa cooperativa tem", enfatiza Rita de Cássia, amiga de Graça e uma das colaboradoras do projeto. "Diálogo, companheirismo, amizade... isso é muito importante e existe na nossa relação", aos 25 anos Joeva se alegra ao perceber que, perto da mãe, nunca sentiu falta de aconchego.

"Existem valores que eu trago de berço. Minha família carrego comigo onde vou", relata Graça ao explicar de onde surge tanto afeto para compartilhar. Graça conta que, mesmo hoje, aos 55 anos, não esquece dos ensinamentos de sua avó; uma pessoa que, segundo ela, tinha carisma suficiente para transpor o coração das gerações futuras.

> "Diálogo, companheirismo, amizade... isso é muito importante e existe na nossa relação. Existem valores que eu trago de berço. Minha família carrego comigo onde vou."

A sede de conhecimento

Percorrendo suas lembranças, Joeva confessa que herdou da mãe a vontade de estudar. "Eu me orgulho muito da minha mãe por ser uma mulher guerreira. Sertaneja que, pela vontade de estudar, se sujeitou a trabalhar em casa de família", filha de analfabetos, Graça (que aos 12 anos começou a trabalhar como babá para poder estudar) foi a primeira pessoa da família a obter um diploma. "Por todas as dificuldades que a gente passou e ela nunca se amedrontou, não deixou a peteca cair", constata a filha que, revisitando a história de luta da mãe, encontrou a vontade necessária para finalizar sua graduação no ano passado.

Maria das Graças complementa que, depois de vir de São José de Piranhas para João Pessoa a fim de estudar, finalizou o Ensino Fundamental, cursou o Ensino Médio-Técnico em contabilidade e, aos 25 anos - mesma idade que sua filha tem hoje -, inscreveu-se para o vestibular na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Infelizmente, no entanto, não pôde prestar a prova, porque adoeceu no dia e não conseguiu sua vaga na faculdade.

À época, Graça trabalhava em uma fábrica de calçados e acabou se desestimulando para os estudos, por isso, passou muito tempo sem voltar para os livros. Contudo, treze anos mais tarde, o sonho de se formar no Ensino Superior reacendeu no coração da mulher que decidiu se inscrever novamente para o vestibular. Foi assim que Graça soube que sua formação médio-técnica não era mais o suficiente para a inscrição e resolveu cursar o Ensino Médio novamente.

Assim, em 2003, a mãe de Joeva formou-se pela segunda vez, cursou o pré-vestibular e correu atrás de seu sonho até ser aprovada no curso de Serviço Social da UFPB em 2012 e obter seu tão esperado diploma em 2017; ano em que a filha, já adulta, também estava na universidade. "Isso é muito significativo para a família; uma família pobre do Sertão da Paraíba que veio para João Pessoa em busca de uma vida melhor", completa Joeva.

A sede de conhecimento que permeia Maria das Graças vive em tantas outras mulheres, jovens e mães destes país e vivia, igualmente, em Fabiana Gomes; enfermeira emergencista que, em sua formatura, recebeu o reconhecimento por ser a melhor aluna da turma. "Ela é uma excelente mãe, profissional e um exemplo incrível tanto para mim como para meus irmãos", conta Maria Nycolly Honorato, a primogênita que, seguindo o exemplo da mãe e da avó (que também foi enfermeira), cursa Enfermagem.

Foto: Marcus Antonius

Marica das Graças França

Fabiana Gomes é a heroína da filha primogênita Nycolly Honorato, que se orgulha de ter visto a mãe atuando como enfermeira na linha de frente no combate à covid-19 para salvar vidas

Foto: Acervo pessoal

Na linha de frente

"Antes de ser um excelente profissional, a gente tem que ser um bom ser humano", a frase dita por Nycolly é, na verdade, de sua mãe. "Minha mãe nunca mediu esforços para ajudar", Nycolly complementa que toda a população da cidade de Santa Helena, no Alto Sertão paraibano, reconhece Fabiana por sua presença na área da saúde, onde atua na linha de frente do combate à covid-19. A filha revela que, quando pensa na mãe se dedicando à erradicação da pandemia, divide os sentimentos entre preocupação e orgulho. "O vírus é invisível aos olhos, mas tem uma proporção muito grande, por isso, eu sinto medo de ela se contaminar; mas me orgulho por saber que ela escolheu uma profissão que cuida das pessoas", por meio de sua coragem e desempenho durante a pandemia, Fabiana tornou-se conhecida em Santa Helena e, hoje, é vereadora.

"Para atuar na área da enfermagem, você tem que ser um ser humano muito bom mesmo. Não pode distinguir quem é bom de quem é ruim e nem diferenciar as pessoas" , Nycolly salienta a força (física e psicológica) da mãe num período como o que o país passa atualmente e, assim como tantos outros filhos que veem suas mães na luta dos ambientes hospitalares brasileiros, se sente lisonjeada em ser filha de Fabiana.

O Dia das Mães

Origem da data

A comemoração foi criada nos Estados Unidos, no início do século XX. A ideia surgiu de Anna Jarvis, uma filha que buscava homenagear a mãe, após seu falecimento.

Em 1908, Anna organizou um dia em memória de sua mãe; aquele ficou conhecido como o primeiro Dia das Mães. Movida pelo sentimento despertado durante a celebração, Anna voltou seu engajamento para que o Dia das Mães fosse convertido de maneira permanente em uma data significativa. Neste mesmo ano, surgiu no Senado norte-americano a proposta para a instauração da data. E, apesar dos esforços coletivos, a sugestão não foi ouvida.

Não contente com a resposta negativa das autoridades, Anna Jarvis continuou em busca do reconhecimento ao empenho materno e, rapidamente, as festividades tornaram-se conhecidas por todo os Estados Unidos. A reação otimista da população fez com que Anna não desistisse de seu propósito e, em 1910, o estado da Virgínia Ocidental, oficializou a data. Finalmente, quatro anos mais tarde, o Congresso dos Estados Unidos firmou o segundo domingo de maio como data fixa para a comemoração.

DIA DAS MÃES AO REDOR DO MUNDO

- **Suécia -** último domingo de maio
- **Noruega -** segundo domingo de fevereiro
- **Líbano -** primeiro dia da primavera
- **Inglaterra -** quarto domingo de quaresma
- **Argentina -** segundo domingo de outubro
- **Espanha e Portugal -** 8 de dezembro

Ressocialização é o caminho para conquistar a liberdade

Apenados conseguem, através da profissionalização, reduzir tempo de prisão e aprender um ofício para retomarem a vida

José Alves
zavieira2@gmail.com

O Programa de Ressocialização para Pessoas Privadas de Liberdade implantado pelo Governo do Estado da Paraíba, tem dado excelentes resultados, reinserindo detentos na sociedade de forma digna e de maneira produtiva. Pelo programa que tem cerca de 80 projetos para reeducandos (masculinos e femininos), os apenados por meio do talento, do trabalho, educação e da vontade de mudar de vida, resgatam os valores humanos. Em liberdade e com novo aprendizado, o que eles trazem na bagagem é o desejo de seguir com a nova profissão ou de reconquistar um espaço no mercado de trabalho.

Um dos projetos que vem se destacando dentro do Programa de Ressocialização na Paraíba é o da confecção de bonecas por meio do Projeto 'Castelo de Bonecas', na Penitenciária Júlia Maranhão. A detenta Célia Fernandes, que não entendia nada de costura, se tornou uma profissional na área. Como ela mesma disse, "de costura eu só sabia pregar um botão numa camisa, mas agora estou apta para trabalhar".

"Por causa desse projeto, eu ganhei uma nova profissão e um motivo para querer minha liberdade. Quando ganhar minha liberdade vou seguir com essa profissão porque agora sou uma costureira que sabe fazer belas bonecas, bordados, máscaras de proteção, roupas e muitas outras coisas. Aprendi a fazer tudo aqui no Castelo de Bonecas", comemorou Célia Fernandes, complementando que pretende montar seu próprio ateliê e produzir muitas bonecas. Ela agradeceu ao Governo do Estado, pela oportunidade do recomeço.

Ainda segundo Célia, "com esse trabalho que com certeza vai gerar renda para minha família eu estou conseguindo reduzir o tempo de minha pena com cada dia trabalhado". Em 2020 as detentas do projeto produziram 150 mil máscaras para abastecer os presídios e os hospitais da capital. O melhor é que quando essas pessoas saem do presídio através de programas de ressocialização, dificilmente retornam ao mundo do crime.

Nessa atividade de reinserção social as apenadas que confeccionam bonecas, são remuneradas, e a cada três dias trabalhados, ganham um dia de remição da pena. Os produtos fabricados pelas mulheres estão à venda através das redes sociais. Basta acessar @ger.seappb.

Trabalho

A política de reinserção social de pessoas privadas de liberdade tem alcançado mais de quatro mil reeducandos, cerca de quatro mil reeducandos, entre beneficiados com atividades educacionais e atividades laborais (trabalho). A prática de ressocialização também inclui a educação pelo estudo a distância proporcionado pelo Governo do Estado em parceria com o Tribunal de Justiça. Para todos que estudam também é dada a remição da pena.

O secretário da Administração Penitenciária (Seap), Sérgio Fonseca de Souza, é um entusiasta das boas práticas. "Esses projetos ajudam pessoas privadas de liberdade a buscar a reinserção social no campo da leitura, do artesanato, da qualificação profissional para que, de volta à sociedade, tenham mais oportunidade de emprego e renda", destacou.

A Seap, por meio da Gerência Executiva de Ressocialização (GER), tem ampliado a lista de parceiros para absorver a mão de obra dos detentos que entram em liberdade através do programa de ressocialização. A empresa CW Lógistica é uma das parceiras que oferta postos de trabalho a pessoas privadas de liberdade. Há convênios firmados com instituições de ensino superior e novas parcerias tem surgido têm surgido. Em breve, acontecerá o lançamento do mais novo programa estadual de reinserção social: A Leitura Liberta.

Atualmente, a Secretaria tem parcerias com instituições como IFPB, Fundação Cidade Viva, Igreja Universal, TJPB, Consol Construtora, Departamento Penitenciário Nacional (Depen) e diversas Secretarias de Estado e órgãos da administração indireta. Todos voltados à reinserção social e à redução da reincidência criminal. Mensalmente a Seap encaminha a postos de trabalho em empresas parceiras vários egressos do sistema penitenciário. Na Paraíba existem 64 unidades prisionais e cerca de 13 mil presos.

São diversos os caminhos que contribuem com a ressocialização de apenados. A Seap também realiza o 'Projeto Saúde Itinerante', envolvendo profissionais da Secretaria da Saúde e parceiros nos municípios onde há penitenciária ou cadeia pública. Os apenados e apenadas são beneficiados com consulta médica, aferição de pressão arterial, glicemia capilar, busca ativa de sintomáticos respiratórios para detecção precoce de casos novos de tuberculose; testes rápidos para sífilis, HIV, hepatites B e C, além de atendimento odontológico e assistência jurídica.

O processo de ressocialização se apresenta dentro da política penitenciária brasileira desde o ano de 1984. Na Paraíba, os projetos de ressocialização executados no sistema penitenciário voltados para as pessoas privadas de liberdade, estão mudando a vida de diversos apenados e dando a eles a esperança de ao ficarem livres reconquistarem o mercado de trabalho.

De acordo com o gerente de Ressocialização da Seap, João Sitônio Rosas, dentro desse programa os apenados se destacam em diversas áreas. Eles aprendem o ofício em trabalho com Gesso (gesso em 3D para ambientes) na Penitenciária Geraldo Beltrão; em Calçados na (fábrica de sandálias) no Presídio Sílvio Porto.

Foto: Arquivo/Seap

Na Colônia Penal Agrícola de Sousa, os presos cultivam alimentos em três hortas

Projeto 'Castelo de Bonecas', na Penitenciária Júlia Maranhão, é caminho de recuperação social para as presas

Panificadora Esperança Viva, 40 anos de exemplo de reinserção social de apenados

Padaria, hortas e oficinas pelo estado

Na produção de pães e biscoitos que acontece na Panificadora Esperança Viva, instalada na Penitenciária Hitler Cantalice, em Mangabeira, os reeducandos abastecem as penitenciárias e cadeias da grande João Pesssoa. A padaria é o projeto de reinserção social de apenados mais antigo no sistema prisional paraibano, pois existe há mais de 40 anos. A Seap está planejando modernizar e ampliar as instalações da panificadora. A ideia é transformá-la em padaria-escola.

Na Colônia Penal Agrícola de Sousa, os reeducandos cultivam três hortas, fabricam bolas de futebol e estão no programa de remição da pena por meio da leitura e resenha de livros. A unidade também dispõe de um laboratório de informática e uma biblioteca. Na cadeia de Solânea, no projeto Hortas para a Liberdade, há a fabricação de molho de pimenta e na Penitenciária Padrão de Santa Rita, existe um projeto que ensina os apenados a profissão de barbeiro.

Diversos reeducandos já sabem cortar cabelo e quando estiverem em liberdade terão essa opção no mercado de trabalho. Na cadeia de Santa Luzia, os presos fabricam bolas de futebol e cultivam hortaliças. Enfim, na Paraíba, os reeducandos produzem bolas, bonecas, máscaras, vassouras, móveis e outros produtos.

Avanços na pandemia

Um outro projeto de destaque é a produção de pimenta em conserva. Atualmente ele acontece nas cidades de Solânea e Bananeiras e será ampliado para Remígio, Areia, Esperança e Alagoas Grande. Mesmo diante da pandemia da covid-19 seguem os avanços. Todas as ações são realizadas de acordo com as recomendações dos órgãos de saúde e seguindo o Plano de Contingência elaborado pela Secretaria.

O Projeto "Hortas para a Liberdade" consiste na produção de molhos de pimentas em conservas que são produzidos pelos reeducandos das unidades prisionais. A fabricação dos molhos acontece em parceria com o curso de Agroecologia do Campus III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e segue todos os protocolos sanitários exigidos pela Agência de Vigilância Sanitária da Paraíba (Agevisa).

A previsão é de que a partir desta ação seja formada uma cooperativa entre as unidades que produzem o Molho de Pimenta Villa Branca para abastecer a agroindústria da região.

Escritório Social

A inauguração do Escritório Social pelo governador João Azevêdo no ano passado e a parceria da Seap com o Instituto Humanitas 360, vem ofertando cerca de 230 cursos à distância a apenados. Para isto, foram instalados laboratórios de informática e entregues notebooks e tablets cedidos pelo Instituto a Seap. O equipamento permite que os reeducandos façam cursos à distância, melhorando a qualidade de vida de todos.

Em 2018, trinta reeducandos foram aprovados no Enem para Pessoas Privadas de Liberdade. Em 2019, foram 56 e em 2020 um total de 120 aprovados. Desses, 21 foram selecionados no Sisu para cursos de Nível Superior em instituições de ensino público. O que mostra que as políticas públicas voltadas para apenados na Paraíba estão proporcionando uma mudança comportamental entre os internos, dando-lhes esperança, logo que eles retornem ao convívio externo em sociedade.

Produção de molhos apimentados pelos detentos ocorre através do Projeto "Hortas para a Liberadade"

Fotos: Jonh Felype/Divulgação

História e atrações de uma das mais jovens cidades da Paraíba

Município de Casserengue foi criado em 1994 e atrai muitos visitantes amantes do contato com a natureza

José Alves
zavieira2@gmail.com

Situado no Curimataú paraibano, Casserengue completou 27 anos de fundação no último dia 29 de abril. O município foi criado em 1994 através da Lei 5.922 assinada pelo então governador e atual prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena Filho. Na ocasião, o distrito de Casserengue foi desmembrado da cidade de Solânea. Três anos depois, no dia 1º de Janeiro de 1997, foi dada a posse ao primeiro prefeito da localidade, Antônio Pereira de Souza. Uma das maiores atrações turísticas da cidade são as trilhas ecológicas realizadas na Serra da Caxexa. Uma excelente atividade para os amantes da natureza.

Atualmente, a cidade é comandada pelo prefeito Antônio Judivan de Sousa. Casserengue que é um dos municípios mais jovens da Paraíba, detém em seu calendário turístico as seguintes festas: dia 29 de abril a Festa de emancipação política, no dia 29 de junho, a Festa de São Pedro, que se destaca como a principal festa junina da cidade. E nos dias 17 e 18 de outubro realiza a Festa da Padroeira, um dos principais eventos do calendário turístico da cidade, em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A tradicional Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro acontece desde o ano de 2012, e envolve toda a comunidade do Agreste paraibano. Pela manhã acontecem gincanas escolares. No período da tarde, o destaque é o futebol pelo campeonato municipal. E à noite, bandas locais se apresentam no palco principal em praça pública.

Nas festividades também ocorrem a procissão da Padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e as missas. Paralelamente a diversão é garantida nos parques de diversões e na tradicional cavalgada, que é um dos destaques da festa que cresce a cada ano. O evento conta com a participação de cavaleiros e amazonas de diversos municípios da região. No ano de 2014, a festa da padroeira teve como grande ponto de destaque a criação da paróquia. A cerimônia aconteceu no dia 18 de outubro na Igreja Matriz de Casserengue.

No ano de 2010, sua população, de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) era de 7.058 habitantes. Uma das maiores atrações para os moradores é a Lagoa de Casserengue, que foi revitalizada para a festa dos 24 anos de emancipação do município. Na oportunidade, foi realizada na lagoa, uma competição de natação entre os moradores. A competição foi vista por praticamente toda a população que vibrou o tempo todo com o desempenho dos nadadores.

Fotos: Jonh Felype

Casserengue, no Curimataú paraibano, possui menos de 10 mil habitantes

Caminhadas e trilhas na Serra da Caxexa

Com uma área de 201 km², Casserengue se limita com os municípios de Solânea, Arara, Barra de Santa Rosa, Damião e Algodão de Jandaíra. A cidade é dividida pelo Rio Salgado do Bola, Cacimba da Várzea. É lá que se encontra a Serra da Caxexa (na foto abaixo), onde acontecem caminhadas e trilhas ecológicas culturais. Segundo Wagner Santos Azevedo, um dos coordenadores das trilhas, os eventos têm o objetivo de fortalecer o turismo da região através dos sítios arqueológicos do município.

Durante as trilhas acontecem diversas brincadeiras, a exemplo de quebra panela e shows de grupos de forró pé de serra. A gastronomia é um show à parte com diversos pratos da cozinha local. Mais informações sobre as trilhas na Serra da Caxexa podem ser adquiridas no site ecobooking.com.br. Na inscrição para o evento, os participantes têm direito a camisa e o kit alimentação: café, lanche e almoço.

Wagner Azevedo enfatizou que o objetivo da atividade é promover uma maior consciência a respeito da proteção da biodiversidade, com recreação e educação ambiental. Com o título 'Amigos das Serras' as trilhas buscam sensibilizar a população e o poder público para transformar a Serra da Caxexa em uma unidade de conservação, vislumbrando o fortalecimento da economia local e a preservação ambiental do bioma caatinga.

Segundo dados do IBGE, em 2018, o salário médio mensal da população de Casserengue era de 1,7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 6,1%. Com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, a média era de 58,5% da população nessas condições. Números que ainda predominam naquele município. Ainda no mesmo ano, o IBGE constatou que apenas 30,4% dos domicílios tinham esgotamento sanitário adequado e que 95,6% dos domicílios urbanos em vias públicas contavam com urbanização adequada, ou seja (presença de bueiros, calçadas, pavimentação e meio-fio).

Viajantes batizaram lugar durante as noites

O nome Casserengue surgiu muito antes da formação do povoado. O que se sabe é que viajantes de outras localidades da região ao saírem em viagem, pernoitavam naquela localidade onde hoje é a cidade. Durante a estadia naquele lugar, os viajantes percebiam que no período da noite as árvores ficaram úmidas e que as folhas ficavam molhadas. Diante das ocorrências, eles comentavam o seguinte: "Este lugar custa a chover, mas sempre a noite cai sereno". Então foi por causa desses comentários que surgiu o nome Casserengue.

Os primeiros habitantes a se instalar na região foram: Raimundo Soares, Fernando Macena, Severino Lopes, Belarmino Soares e Francisco Marcolino dos Santos, o verdadeiro fundador de Casserengue o popular "Chico Ventania". Um dos proprietários de terras agrícolas na região. Segundo historiadores, Chico Ventania, com medo que suas terras fossem tomadas para mãos de estranhos, procurou outros moradores, Durval da Costa Lira, Raimundo Soares Câmera, Fernando Macena, e juntos resolveram doar parte de suas terras para que fosse formado o povoado de Casserengue.

> Povoado surgiu com terras doadas por produtores rurais da região.

Após terem combinado em fundar o povoado, Chico Ventania e Durval Lira, resolveram procurar o prefeito do município de Solânea, João Elísio da Rocha, para tornarem legal a formação do povoado, que logo em seguida foi denominado distrito. Então, em 29 de Abril de 1994, através do então governador Cícero Lucena Filho, a pedido da população, ele oficializou a transformação do distrito em município de Casserengue.

Palhaçaria

Neste domingo, a primeira edição da Convenção de Mulheres Palhaças da Paraíba chega ao fim com a transmissão ao vivo dos espetáculos do gênero. Página 12

Foto: Divulgação

Lucy Alves lança álbum de forró de olho no São João

Foto: André Hawk/Divulgação

Tocando sanfona, baixo e guitarra no projeto, Lucy incrementa as novas roupagens com uma sonoridade mais moderna

Semanalmente, até as vésperas do festejo junino, paraibana vai divulgar faixa por faixa do álbum 'Avisa', no qual trará releituras de canções do grupo Falamansa

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Imagem: Divulgação

Músicas do novo trabalho falam de amor, otimismo e positividade para os dias atuais

O ano era 2000. Lucy Alves formava em conjunto com sua família a banda de forró tradicional Clã Brasil. No país, quem fazia sucesso com o mesmo ritmo era a banda paulistana Falamansa. Enquanto Lucy cantava os clássicos de Luiz Gonzaga (1912-1989), era o forró universitário com canções românticas e otimistas do vocalista Tato que tomava conta de todas as rádios e tornava seus integrantes onipresentes em todos os programas de TV da época. Mais de 20 anos depois, o universo musical desses dois artistas se une no álbum *Avisa*, no qual Lucy trará releituras das canções do Falamansa.

"A primeira vez que eu escutei o Falamansa, achei diferente. Me causou estranheza e acho que ocorreu o mesmo como a maioria das pessoas. Depois, escutando atentamente, eu ouvi a força da poesia. Tato, que é o letrista principal do grupo, conseguiu traduzir muita coisa de uma geração mais jovem. Eram outras expectativas e experiências colocadas dentro do ritmo do forró. É isso o que eles preservam de melhor no nosso forró, que são as raízes rítmicas, colocando letras novas, com outros conflitos", avalia Lucy Alves.

Ela afirma que cresceu profissionalmente observando a carreira do Falamansa e destaca que eles sempre difundiram a cultura nordestina e as raízes do forró, mesmo que os temas retratados fossem diferentes do que se estava habituado a ouvir e o sotaque fosse sudestino. "Ao mesmo tempo em que eles surgiram sob contestações devido às letras não falarem do nosso cenário, da nossa vegetação. São letras mais urbanas também. Eles foram muito questionados e mantiveram essa sonoridade até os dias de hoje. Eles têm essa forma mais simples, um som muito original e sincero", acrescenta a artista paraibana, que também foi contestada quando partiu para a carreira solo e variou seu repertório musical, principalmente depois do pop de *Caçadora* (2017).

Com um single por semana e mais uma música inédita a ser lançada até o dia 17 de junho, o álbum chegará às plataformas digitais uma semana antes do São João, que mais uma vez este ano não contará com comemorações presenciais em função do agravamento da pandemia da covid-19.

"Tenho certeza que vai dar pra dançar dentro de casa com o álbum, ou só escutar e se lembrar de muita coisa boa, em especial do nosso São João. Afinal, eu e Falamansa temos isso em comum: fazemos parte dos festejos desta que, para mim, é a maior festa do Brasil. O lançamento desse álbum é, de certa forma, um jeito de aliviar a falta que essa festa tem nos causado", atesta Lucy Alves.

Atualmente com mais de 216 mil ouvintes por mês no Spotify, a artista usa uma estratégia de lançamento que tem muita ligação com a forma de se consumir música atualmente através dos *streamings* e da publicidade nas redes sociais que precisa de uma sequência de atualização constante, e que foi acentuada pela crise sanitária. "É uma forma boa de alimentar as redes e manter esse fluxo de lançamento, de estar trazendo surpresas para criar expectativas. É como se fosse um programa, que toda vez você se prepara para ter uma novidade. Revelar aos poucos tem esse sabor diferente", compara a cantora, compositora, musicista e atriz paraibana.

A primeira faixa, lançada na última quinta-feira (dia 6), é exatamente a que dá nome ao álbum e está presente no trabalho de estreia do grupo paulistano. A ideia é fazer releituras de músicas que falam de amor e otimismo. "'Avisa', de todas as canções que estão no álbum, é a que traz uma mensagem de 'olha, estou te trazendo a música, estou te estendendo um braço pra te ouvir e falar coisa bacana'. Eu quis que essa música fosse o 'abre-alas' do álbum. Avisa que a gente está chegando com música e muita positividade", anuncia.

Tocando sanfona, baixo e guitarra no álbum, Lucy incrementa nessas releituras uma sonoridade moderna, diferenciando-se do som que o Falamansa continua a produzir, que ainda tem por base o violão, a zabumba e a sanfona, que vem a ser algo mais similar com uma base musical com a qual a paraibana se apresentava no Clã Brasil. "É um tipo de sonoridade que eu já vinha usando no meu material mais recente, nas minhas apresentações ao vivo, que possuem muito do orgânico dos instrumentos que eu uso, mas com programações eletrônicas. As músicas ficaram com uma pegada bem minha cara mesmo. Tem xote, tem baião, tem salsa, tem coco... tudo com uma sonoridade moderna, mas tem muita coisa orgânica", adianta Lucy.

"Eu estou muito feliz com essa junção. A gente está vivendo um momento de muitas misturas e de ter que justificar, colocar em caixas. Acho que cada vez mais os artistas têm colaborado uns com os outros. Então, eu acho muito massa e muito significativo juntar esses dois sotaques cantando forró porque isso simboliza união".

Os trabalhos mais recentes de Lucy Alves até o momento são o EP *Chama*, lançado em 2020, o single 'Dia de Festa', feat com a banda Natiruts, lançado em novembro do mesmo ano, e a música 'Sede ao Pote', uma parceria com a banda Selvagens à Procura da Lei, de Fortaleza, lançado em fevereiro.

+ Artista estará em série da Netflix e planeja turnê de 'Esse Mundo é Meu' para a pós-pandemia

"Tudo aconteceu do jeito que tinha que acontecer. Quando a atuação apareceu na minha vida, eu tinha que me dedicar", declara Lucy Alves sobre como precisou dividir seu tempo entre a carreira na música e a de atriz. Com participações em três novelas da Rede Globo, com destaque para a personagem Luzia em *Velho Chico* e de Lurdes dos Santos Silva quando jovem em *Amor de Mãe*, a artista se prepara para protagonizar *Sofrência*, uma nova série da Netflix.

Com direção de Anna Muylaert (*Que Horas Ela Volta?*) e consultoria de João Falcão (roteirista de *O Auto da Compadecida*), o enredo da série conta a história da formação de uma banda de jovens e é ambientada em Goiânia. Lucy Alves deve contracenar ao lado do ator Renato Góes (*Órfãos da Terra*) e da paraibana Agnes Nunes (cantora que chamou a atenção de Caetano Veloso e Gal Costa devido ao seu talento musical, e estreará como atriz na produção do serviço de *streaming* aos 18 anos de idade).

Foto: André Hawk/Divulgação

Entre as cidades iniciais para a turnê estão Rio de Janeiro, São Paulo, Natal e João Pessoa

Ainda não foi anunciada a data de lançamento.

"A música e a atuação são coisas que claramente caminham de mãos dadas e eu não quero largar. Foi um processo que eu tive que viver. Mas tive esse tempo de amadurecer e preparar os dois lados de uma forma que eu gostaria. E eu fui entendendo como administrar meu tempo. Então, foi preciso entender mesmo como eu deveria me dividir para ser a artista que hoje eu sou", considera Lucy.

Devido a segunda onda da pandemia, Lucy Alves teve ainda que adiar seus planos futuros com a turnê do espetáculo *Esse Mundo é Meu*, no qual a artista interpretaria e cantaria seus maiores sucessos. "É uma turnê basicamente voltada para os teatros. É um projeto muito especial pra mim porque condensa os dois: tem música, tem dramaturgia, e tem um conteúdo visual que foi pensado para esse espetáculo", justifica ela. "É um show lindo, tá prontinho, que eu tenho muito carinho, mas infelizmente é algo que a gente tem que aguardar", lamenta a artista.

Para *Esse Mundo é Meu*, ela já havia agendado as casas de teatro no Rio de Janeiro, São Paulo, Natal e João Pessoa. "Muito em breve, assim esperamos, vamos anunciar essa turnê", ambiciona Lucy.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O paradoxo do imperialismo

Estados que crescem continuamente expandido seu aparato bélico e burocrático têm como fim inevitável a própria destruição. Este é o paradoxo das expansões imperialistas. Em todas as épocas os Estados mais fortes anexaram, pilharam e escravizaram os mais fracos, aumentando seus recursos naturais e riquezas.

O sociólogo norte-americano Randall Collins acredita ser uma "tendência natural" que Estados fronteiriços façam desaparecer do mapa os países que ficam no meio. Tais investidas podem ser muito dispendiosas. Não é nada fácil manter um Estado grande com portentosa máquina de guerra e aparato burocrático, pois se tais mecanismos se tornam realmente gigantescos, a perda de controle parece inevitável e a capacidade de financiamento acaba combalida. Os grandes impérios do passado caíram, um a um, após crises desse tipo ou pelas "mãos" de um oponente mais forte.

Muitos estudiosos, entre eles o próprio Collins, afirmam que a União Soviética colapsou por causa desse tipo de crescimento. Com a Guerra Fria Moscou teve que arcar com uma caríssima corrida armamentista, levando o governo central a realocar recursos de áreas importantes. Os soviéticos se viram, então, obrigados a gastar somas bilionárias cada vez maiores com seu exército e serviço de inteligência, que naquela altura estavam espalhados pelo mundo; eles ainda se envolveram direta ou indiretamente em confrontos militares concretos como as guerras do Afeganistão e Vietnã, subsidiaram Estados-satélites e mobilizaram suas tropas para suprimir as tentativas de sublevação ao regime.

De certo ponto de vista sociológico, as organizações são marcadas por disputas internas de poder. Sejam elas públicas ou privadas. Não é diferente com os Estados Nacionais e seus inúmeros órgãos e intricada estrutura burocrática; isso vai muito além dos confrontos eleitorais que acontecem em democracias representativas. Podemos assim, por exemplo, tentar analisar as disputas pelo controle de Agências de Inteligência como a CIA, a Abin, o MI5, como os embates na Polícia Federal, no FBI e nos órgãos mais importantes do Exército. O mesmo raciocínio se aplica a outros tipos de Organização como Igrejas, Universidades, Hospitais, Penitenciárias, Jornais, Emissoras de Televisão... Os embates internos são decisivos para os rumos que as Organizações acabam tomando. Os fins últimos, todavia, podem ser postos em segundo plano, a partir da visão e interesse de seus dirigentes.

Segundo Collins, em cada organização há "uma pequena luta de classes". Como em quase todo conflito dessa natureza, a expectativa é que as elites burocráticas tenham mais chances de saírem vitoriosas. São elas que detêm os cargos mais importantes e suas respectivas prerrogativas de poder, formando quase sempre um grupo organicamente coeso. Haveria também um processo de identificação dos interesses das organizações com os interesses individuais de carreira de seus dirigentes. O que levaria os líderes a lutarem para manter o status quo, ao verem no sucesso da Organização seu próprio sucesso.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

"Eu vivo os dias: ...morro a cada anoitecer"

Foto: Divulgação

"Tua ira e teus delírios são em vão", de Novalis

O primeiro romantismo alemão apresentou as incertezas da razão humana, por considerar o ser humano um processo descontínuo e dinâmico. Nesse contexto, os primeiros românticos alemães limitaram a racionalidade e centralizam suas questões ao Eu humano. Essa tese foi apresentada pelo filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte (1762-1814). Ele dedicou-se às adversidades da subjetividade e da consciência. Fichte afirmou que "a vontade humana é livre, e a felicidade não é o fim do nosso ser, mas a dignidade de ser feliz".

O primeiro romantismo alemão recebeu a decisiva influência do poeta e engenheiro de minas Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (1772-1801), conhecido pelo pseudónimo Novalis. Ele afirmou que o ser humano pensa através de fragmentos, e a filosofia se reduz a um fragmento de discurso. As suas teses mais densas apresentam reflexões à condição ontológica do ser humano, que se caracterizam por serem indizíveis e fragmentadas. Essa tese nos leva a compreender que o fragmento filosófico está mais próximo da argumentação do que das respostas últimas e definitivas. Nisso conclui-se que a razão sempre causa instabilidade no ser humano. Nesse contexto, a filosofia se aproxima da poesia, que também é um exercício de linguagem e a busca de responder questões duma fragmentação. Novalis considerou o poeta superior ao filósofo, porque o poeta não está engessado às armadilhas da razão. Esse foi um dos motivos de aproximar à filosofia a poesia. Novalis, em 1800, concluiu a sua única coleção acabada de poemas *Hinos à Noite*. Os poemas expressão temas de morte e o seu primeiro grande amor. São conjunto de seis textos em prosa lírica e versos.

Seguem fragmentos dos *Hinos III* e *IV* de Novalis:

III. Certa vez, quando derramava lágrimas amargas, que minha esperança, dissolvida na dor, se esvaía, e eu permanecia só sobre uma colina estéril que em seu contorno escuro, baixo, ocultava a desvanecida forma de minha Vida; só como ninguém jamais havia sido, tocado por uma angústia indescritível, privado de forças, e nada mais restava exceto a consciência da miséria; - enquanto olhava ao meu redor em busca de socorro; não podia avançar nem retroceder, e enfraquecido com a perda, extingui minha vida com uma má saudade sem fim; então surgiu das distâncias azuis, das profundezas de meu júbilo passado, uma chuva brilhante, crepuscular; e num só momento romperam-se as amarras do nascimento, os grilhões da Luz. Ao longe fugiu a glória da Terra, e com ela meus lamentos. A tristeza fluiu num mundo novo e inescrutável. Tu, ó inspiração da Noite, Sono celestial, viestes sobre mim. O local elevou-se suavemente, e acima pairou meu espírito recém-nascido, ilimitado. A colina tornou-se uma nuvem de poeira e envolveu-me, e na nuvem vislumbrei a glorificada face de minha Amada. Em seus olhos jazia a eternidade. Apertei suas mãos e minhas lágrimas tornaram-se um laço ardente e indestrutível. Milhares de anos fluíram ao longe nas distâncias do relâmpago e da tempestade. Em seu dorso eu saudei a nova vida com lágrimas e êxtase. Jamais tive tal sonho novamente; desde então e para sempre eu mantenho uma fé eterna e inabalável no Céu da Noite; e em seu sol, a Amada.

IV. Agora sei quando chegará o derradeiro amanhecer: quando a luz não afugentar mais a Noite e o Amor, quando o sono persistir sem o despertar, existindo apenas um sonho contínuo. (...) Poderias tu me revelar um coração eternamente verdadeiro? Possui teu sol olhos amigos que me conhecem? Seguram tuas estrelas minha mão quando ela se oferece? Retribuem elas a pressão suave da minha palavra carinhosa? (...) Que delícias, que prazeres, a tua vida me oferece, para aliviar o fardo dos transportes da Morte? Não será tudo aquilo que nos inspira investido da vivacidade da Noite? Tua mãe, é ela que te gera, e a ela deves toda tua glória. Tu poderias desvanecer em si, poderias dissipar-se no espaço infinito, se ela não te amparasse, não te enfaixasse para que permanecesses quente e flamejante, concebendo o universo. É certo que eu já existia antes de ti; a mãe enviou-me com minhas irmãs para habitar o mundo, para santificá-lo com amor de modo que ele se tornasse um memorial eternamente presente, para semeá-lo com flores que jamais fenecerão.

(...) Mas um dia teu relógio apontará para o fim do Tempo, e então deverás ser apenas um conosco, e deverás, pleno de ardente saudade, extinguir-se e morrer. (...) Tua ira e teus delírios são em vão. Inconsumível paira a cruz, bandeira de vitória em nossa senda.

Peregrinei / Onde toda dor / Certo dia, / Só terá sabor de prazer. / Mais alguns momentos / E estarei livre, / Intoxicado / Na mentira envolvente do amor. / A vida eterna / Surge qual onda diante de mim: / Observo do cume, / Observo a ti. / Ó Sol, deves desvanecer / Sob a colina; / Uma sombra irá trazer-te / Irada frieza. / Ó, atire em meu coração amor, / Atire até que eu me vá; / Até que adormecido, / Ainda ame! / Eu sinto o fluxo da / Correnteza da jovem e generosa morte; / Que transforma meu sangue / Em bálsamo e éter! / Com fé e vontade / Eu vivo os dias: / Com um êxtase sagrado, / Morro a cada anoitecer.

■ Sinta-se convidado a audição do 317º Domingo Sinfônico, deste dia 9 , das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB) sintonize FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças dos alemães Beethoven (1870-1827) e Wagner (1813-1883), que foram influenciados pelo primeiro romantismo alemão.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Confusões do K

Eu ia escrever sobre confissões. Aí lembrei das *Confissões de Santo Agostinho*, e recuei. "Ainda menino, ouvi falar da vida eterna", Capítulo XI, #SantoAgostinho. Eu, brasileiro, não confesso minha culpa, meu pecado.

Pensei no rolo dos porquês, chatíssimos por sinal. Por que as pessoas perguntam tanto?

Por que você gosta mais de J do que de mim? Por que você é mal-humorado? Eu? Por que você anda tão rápido? Por que você diz sempre: "estou brincando"? Por que você gosta de pessoas ricas? Por que você não larga o celular?

É que, na vida, não escolhemos o mais difícil, e, quando escolhemos, precisamos lutar. Poucas vezes agradecemos por uma vez sentir prazer em algo que nos desafia. Quando estamos alegres, pulamos e quando estamos tristes, nos isolamos.

Por que o caminho mais fácil? Moleza? A mesmice é um ato contínuo que lhe impede de sair da zona confortável. Por que viver remoendo? Por que não arriscar? Por que você não vai se lascar?! Por que ficar sujeito a algo que não é compatível totalmente? Por que você não larga esse celular? Trabalho com ele.

As pessoas imprevisíveis são as melhores, contudo nunca ganhariam nada na vida se fizessem sempre a mesma coisa, que é suposto toda a gente fazer, sujeitarem-se à rotina dos outros, e assentar no caminho da mediocridade.

Ser medíocre é muito ruim? Deve ser. Quando a gente diz que tal pessoa é medíocre, não estamos maltratando-a, apenas avisando. Tem cura? Tem não. E não estou chutando nada.

As pessoas que não são felizes, ou que pelo menos tem mais tendência para se sentirem infelizes deveriam experimentar algo para variar. O que é variar? Ora, a Juliette conseguiu. A Bete Balanço também. *A Rosa Púrpura do Cairo*, idem.

Uma coisa natural, que não parece estranho hoje em dia, é ficar sozinho. Sim, sozinho, sem fulano, sem nada, só com sua pessoa, se tiver amigos e a sua família, viva! É a vida.

Tem que se desligar dá necessidade ideológica de ter alguém, a outra pessoa pode até nem servir para lavar os pratos, mas tem de haver alguém, senão passamos mal? Como assim?

Eu tenho bons amigos, na quarentena, os conheci melhor.

Você é solteiro, casado, junto? Por que esse estigma? O peso da palavra solteiro, e da capacidade das pessoas fazerem disso um estigma social, é uma bobagem generalizada. É foda. Te dana! "E fulano, vai ficar na mesa de quem? Ele é solteiro". Gente, minha mãe é uma peça!

Casais que não tem filhos. Diversos. Mas quando a gente casa, fica todo perguntando quando é que vão ter um bebê. Ai chega o bebê. Vão tentar uma menina?

Assim como é melhor estar sozinho do que voltar a estar com alguém só porque essa pessoa nos tolera, ou nos toleramos e aja paciência.

E nós, apesar de não estarmos loucamente apaixonados, nem sequer estarmos a amar assim ou assado, apenas gostamos porque existe um passado. Por que você vive no passado? Responda.

Eu conto ou vocês contam? Por vezes é melhor estar sozinho numa relação unilateral, do que estar numa relação que não nos dá nada, e que não vai a lado nenhum, lado B, sem planos, ou pelo menos pouco importa se perguntando, negando, cobrando. Tenha ou tenham ou será que teremos paciência?

Saiam de suas bolhas, onde escolhem o que pode ou não pode, quem deve ou não deve e acima de tudo, que elas próprias podem perguntar todas as coisas a si mesmas, sob a desculpa de que está de boa.

Qual é a lógica de tantas perguntas? Que lógica?

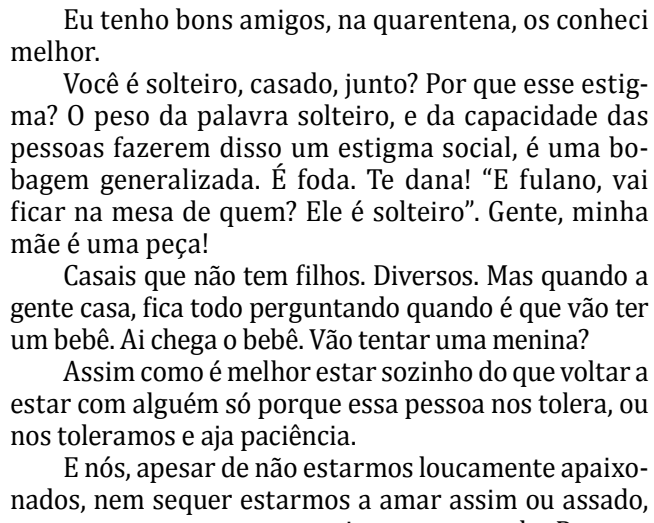
Kapetadas

1 - Sorte no amor, azar no sono.

2 - A vida irrita a arte.

3 - Som na caixa: "Te perdoo, Por fazeres mil perguntas", Chico Buarque.

Foto: Divulgação



Retrato de Santo Agostinho (354 d.C.-430 d.C.), autor de 'Confissões'

Colunista colaborador

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação

Ator Salvatore Cascio faz o garoto Totó, em 'Cinema Paradiso', de Giuseppe Tornatore

'De Olho na Tela': Uma voz rebobinando nosso cinema

O Cinema sempre foi e será a arte do devaneio. A arte que transcende ao seu próprio objetivo prático – *divertissement*. "Cinema é Luz!", como afirmara o grande cineasta italiano Federico Fellini. E é essa "luz" que nos sublima; até diverte, transformando vidas em sonhos...

Para quem sempre teve uma vida ligada ao cinema, buscando nele a sua real e cotidiana subsistência, inclusive no âmbito familiar, fazendo vibrar em suas próprias mãos a consolidação de um "sonho em celuloide", para encanto de seus olhos e mente –, não menos, para a fantasia de tantos aficionados de suas salas de projeção –, se alguém lhe fizesse uma indagação como esta:

– O que é o cinema para você; qual o filme que mais te marcou na vida?

Logicamente, a resposta jamais seria difícil de responder, como terá sido no meu caso. Foi o que ocorreu recentemente, quando fui demandado pelo amigo musicista Adeildo Vieira, na cumplicidade de Cíntia Peromnia, numa quinta-feira dessas, no programa *De Olho na Tela*, da Rádio Tabajara. Em breve espaço de tempo, pude dizer sobre o que sempre fui e continuo sendo: um singelo observador de uma arte maior, que sempre construiu motivos ao encantamento, fazendo corações, olhos e mentes se sensibilizarem.

Muitas são as obras que tratam do próprio cinema na essência, adotando uma gramática autonarrativa. Diria, usando do método da metalinguagem, forma de abordagem estrutural intrínseca à arte-do-filme. E rebobino aqui alguns clássicos desse cinema, que sempre "falaram" de si mesmos: *Oito e Meio*, de Federico Fellini; *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen; *A Última Sessão de Cinema*, de Peter Bogdanovich; o belo *A Invenção de Hugo Cabret*, de Martin Scorsese; o brasileiro *O Último Cine Drive-in*, de Iberê Carvalho, com Othon Bastos; além de *Cinema Paradiso*, do italiano Giuseppe Tornatore, entre muitos outros que buscam traduzir a magia da Sétima Arte.

Mas um dado singular na obra de Tornatore, sem sombra de dúvida, é a bela trilha sonora de Ennio Morricone. Grande maestro e compositor falecido em julho do ano passado, aos 91 anos de idade. E sempre que ouço a música do filme me transporto, rebobinando minhas jovens sagas de telas e écrans.

Aliás, *Cinema Paradiso* é o filme que mais me sensibiliza. Diria até ser o meu preferido porque resume em narrativa toda a história do garoto Totó (Salvatore Cascio), que vive o "paraíso" e encantamento das sessões do velho amigo e projecionista Alfredo (Philippe Noiret). Similaridade de uma magia que vivi, também, quando adolescente nos cinemas de meu pai, Severino Alexandre, pioneiro do nosso cinema paraibano, de minha saudosa memória, Patrono da Cadeira 5 da Academia Paraibana de Cinema (APC), a qual tenho a honra de ocupar. – Mais "coisas de cinema", acesse o blog: www.alexsantos.com.br.

APC indica audiovisuais paraibanos

A Academia Paraibana de Cinema (APC), com a finalidade de divulgar a obra audiovideográfica paraibana, depois de um acordo estabelecido com os seus realizadores – Alex Santos, Mirabeau Dias e Manoel Jaime Xavier –, está indicando, através do YouTube, alguns trabalhos realizados até agora pelos acadêmicos integrantes dessa entidade.

São mais de 10 indicações audiovisuais, entre elas, os longas, médias e curtas-metragens, a exemplo de Antomarchi, Américo-Falcão Peregrino, Poltrona Rasgada, A Idade do Cinema, A Ninhada, e tantos outros. Para assisti-los, basta apenas que o interessado possa acessar o seguinte link: www.youtube.com/channel/UC3YaKQKNeOWr6JC_TRCJGvQ.

Em cartaz

ESTREIAS

BELA VINGANÇA (Promising Young Woman. EUA. Dir: Emerald Fennell. Comédia e suspense. 16 anos). Cassie (Carey Mulligan) é uma mulher com muitos traumas do passado que frequenta bares todas as noites e finge estar bêbada. Quando homens mal-intencionados se aproximam dela com a desculpa de que vão ajudá-la, Cassie entra em ação e se vinga dos predadores que tiveram o azar de conhecê-la. Vencedor do Oscar 2021 de Melhor Roteiro Original. CINEPÓLIS MANAÍRA 8 (leg.): 16h (somente sáb. e dom.).

FATE/STAY NIGHT: HEAVEN'S FEEL 3 - SPRING SONG (Japão. Dir: Tomonori Sudou. Animação e Aventura. 14 anos). A história dos filmes gira em torno de Sakura Matou, a irmã mais nova de Rin Tohsaka, que quando era jovem foi enviada para a casa Matoi como filha adotiva. Ela teve uma formação torturante para que adquirisse poderes mágicos poderosos. CINEPÓLIS MANAÍRA 8 (leg.): 16h (exceto sáb. e dom.).

GODZILLA VS. KONG (EUA. Dir: Adam Wingard. Ação, Fantasia e Aventura. 12 anos). Kong e seus protetores embarcam em uma jornada perigosa para encontrar seu verdadeiro lar. Jia, uma garota órfã que tem um vínculo único e poderoso com a poderosa besta, acompanha a aventura. No entanto, eles logo se encontram no caminho de Godzilla, completamente enfurecido, deixando um rastro de destruição em todo o mundo. O confronto inicial entre os dois titãs, instigado por forças misteriosas, é apenas o começo do enigma que reside nas profundezas do planeta. CINEPÓLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h - 15h45 - 18h30; CINEPÓLIS MANAÍRA 9 (MacroXE): 14h (dub.) - 16h45 - 19h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (leg.): 14h30 - 17h15 - 20h; CINEPÓLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h30 - 17h15 - 20h; CINEPÓLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h15 - 16h - 18h45; CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 16h45 - 19h (10/05 a 12/05); 16h45 (09/05); 16h45 - 19h (07/05 a 08/05); CINE SERCLA TAMBIÁ 5 (dub.): 15h - 17h15 (09/05); 15h - 17h15 - 19h30 (10/05 a 12/05); 15h - 17h15 - 19h30 (07/05 a 08/05); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h15 - 17h45 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h45 - 19h.

MUSIC (EUA. Dir: Sia. Musical e Drama. 12 anos). Zu (Kate Hudson) é uma jovem de espírito livre afastada de sua família que, de repente, se torna a única guardiã de sua meia-irmã, Music (Maddie Ziegler), uma adolescente com autismo cuja ordem mundial foi belamente trabalhada por sua falecida avó. Logo, a vida desafia se é Zu ou Music quem tem uma visão melhor do mundo, e ensina que amar, confiar e poder estar um com o outro é tudo o que uma família precisa para se manter viva. CINEPÓLIS MANAÍRA 11 (leg.): 16h15.

NOMADLAND (EUA. Dir: Chloé Zhao. Drama. 12 anos). Após o colapso econômico de uma cidade na zona rural de Nevada, nos Estados Unidos, Fern (Frances McDormand), uma mulher de 60 anos, entra em sua van e parte para a estrada, vivendo uma vida fora da sociedade convencional como uma nômade moderna. Vencedor do Oscar 2021 de Melhor Filme, Direção e Atriz. CINEPÓLIS MANAÍRA 11 (leg.): 13h30 - 19h.

O AUTO DA BOA MENTIRA (Brasil. Dir: José Eduardo Belmonte. Comédia. 12 anos). Baseado nas aulas-espetáculos do paraibano Ariano Suassuna, o filme apresenta quatro contos: conhecemos um subgerente de RH (Leandro Hassum) que é confundido com um comediante, um jovem que não acredita em nada, mas fica intrigado quando ouve um mistério circense envolvendo sua mãe, um gringo que inventa que foi assaltado para se livrar de ir a uma festa e o preconceito com quem nunca foi à Disney. CINEPÓLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h15 (exceto sáb. e dom.) - 18h50; CINEPÓLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h (exceto sáb. e dom.) - 16h30 - 19h.

ROGAI POR NÓS (The Unholy. EUA. Dir: Evan Spiliotopoulos. Suspense, Terror. 14 anos). Alice é uma jovem com deficiência auditiva que, após uma suposta aparição da Virgem Maria, fica inexplicavelmente capaz de ouvir, falar e curar os doentes. À medida que a notícia se espalha e pessoas de perto e de longe reúnem-se para testemunhar os seus milagres, um jornalista desacreditado (Jeffrey Dean Morgan), que tenta fazer ressurgir a sua carreira, visita a pequena cidade de Nova Inglaterra para investigar o caso. Quando, por toda a parte, surgem acontecimentos aterradores, este jornalista começa a questionar se esses fenómenos serão obras da Virgem Maria ou de algo muito mais sinistro. CINEPÓLIS MANAÍRA 2: 15h15 - 17h40 (dub.) - 10h10 (leg.); CINEPÓLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h15 - 17h40 - 20h10; CINE SERCLA TAMBIÁ 4 (dub.): 15h30 - 17h30 - 19h30 (10/05 a 12/05); 15h30 - 17h30 (09/05); 15h30 - 17h30 - 19h30 (07/05 a 08/05); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h30 - 17h30 - 19h30.

TOM E JERRY (EUA. Dir: Tim Story. Animação, Comédia e Aventura. Livre). Adaptação do clássico desenho animado da Hanna-Barbera, retornando às origens da história e mostrando como Tom e Jerry se conheceram. Depois de anos vivendo na casa de um casal de idosos que o trata como um animal de estimação, Jerry precisa se virar para sobreviver quando descobre que existem novos locatários no local. E pior do que isso: eles trouxeram consigo um gato. Misturando animação e realidade, o elenco traz com Chloë Grace Moretz e Michael Peña. CINEPÓLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h15 (somente sáb. e dom.); CINEPÓLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h (somente sáb. e dom.).

Serviço

• **Funesc** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** (83)3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

José Nunes e seu 'Tapuio'

"Nasci em Serraria, no sítio Tapuio, localizado numa nesga da Serra da Borborema, no lado norte da Paraíba, de onde se observa o horizonte distante que parece um risquinho cinza".

Eis o que sublinho, à página 13, da autobiografia poética de José Nunes, intitulada *Tapuio: do nascer ao entardecer* (João Pessoa: Gráfica JB, 2020).

Aprecio os autores que têm chão, que têm raízes, que têm uma geografia, não somente desenhada no manto da paisagem de lá fora, lajedos, campanários, lagoas, céus e ventos cadenciando a vida, mas também a de dentro, tecida pelos fios imperceptíveis da intimidade, da memória e da imaginação.

Augusto, sem os canaviais da várzea; Zé Lins, sem o rio Paraíba; Zé Américo, sem a bagaceira; Ariano, sem a caatinga rala dos aclives do Taperoá; Gonzaga, sem os sítios perdidos na curva do passado a minar nos olhos d'água das redondezas de Alagoa Nova. Todos alimentados pelo húmus da terra, harmonizados com o calor ecológico que aquece o andamento vivo de suas palavras.

José Nunes como que intui os procedimentos dessa metodologia imaginária e procura, no limite de suas possibilidades, amar e compreender o seu mundo para se compreender a si mesmo nessa pequenina e despretensiosa autobiografia.

Façamos um parêntese.

Salvo engano, quem me apresentou José Nunes foi o desembargador José de Lorenzo Serpa, num de seus lançamentos nas dependências da Procuradoria Geral do Estado. Baixinho, calado, humilde, atencioso e tímido. Disse que me lia nos jornais e nos livros. Que escrevia, também sabia, pois o acompanhava, como a tantos outros, nos cadernos culturais de **A União**.

José Nunes me parece um intelectual sem pretensões, que sabe do exato alcance de sua pena e que tem consciência de suas posses e de seus predicados. Não se quer o gêncio da raça como tantos de seus pares, tolos desamparados na festa das vaidades literárias.

Vem se dedicando à elaboração de perfis de algumas personalidades notáveis da terra, entre as quais devo destacar Dom Marcelo Cavalheira, Ascendino Leite, Ariano Suassuna, Nathanael Alves e Padre Ibiapina. Sobre mim mesmo se deu ao trabalho de costurar algumas linhas tentando captar meu percurso entre a serra e o mar, num opúsculo que me comprova a generosidade de um leitor sincero.

A crônica e a poesia ainda o atraem na aventura de lidar com as palavras. Sempre se pautando pelo critério da simplicidade e dentro de um recorte expressivo a que não faltam a atitude admirativa, o cuidado e o zelo para com os valores que a vida nos oferta na sua exuberante colmeia.

Tapuio, memórias de infância e de lugares (Arara, Serraria, João Pessoa); memórias de leituras, é um livrinho delicado e singelo na fragmentação de seu lirismo telúrico e paisagístico. Quase uma crônica/rio, escrita em galope de mão, cujas águas beiram suavemente as margens dos sabores e dos odores que recordam, lavando a alma das criaturas e dos espaços que debuxam, sem pompas, exageros e soberba.

À página 87, autor o seguinte registro:

"Trago da infância o patrimônio de minhas paisagens humanas. Essas passagens que recolhi durante mais de seis décadas, relembro como alimento espiritual.

Nunca mudei de lugar, sempre olhei o mundo pelas paisagens de Serraria, que me conduzem a outros mundos".

Na esteira de Gonzaga Rodrigues, uma de suas referências literárias, José Nunes também carrega seu sítio consigo. Um sítio encravado no mais longínquo da bruma da Serra, bafejado pelo silêncio cósmico, pela umidade dos elementos, pelo hálito de Deus.

Foto: Divulgação

Capa da autobiografia poética de José Nunes, intitulada 'Tapuio: do nascer ao entardecer'

Colunista colaborador

Mulheres palhaças encerram convenção neste domingo

Primeira edição do encontro virtual do gênero na Paraíba termina com uma série de espetáculos individuais

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Fotos: Divulgação

Em sentido horário, partindo da foto de cima à esq.: Andinha, Cacatua, Cia. de Teatro Mambembe Major Palito, família Los Iranzi e Arenga são algumas das palhaças convidadas do evento

Neste domingo acontece o segundo – e último dia – da 1ª Convenção de Mulheres Palhaças da Paraíba, que é realizada pelo Desprodução, como é chamado o núcleo de produção do Projeto Pano de Cuscuz, em parceria com o Festival Campinense de Música Autoral, e com apoio da Fundação Espaço Cultural da Paraíba.

O evento gratuito será realizado de forma remota, com transmissão ao vivo a partir das 19h do espetáculo Cabaré, por meio do canal da TV Funesc no YouTube (/funescpbgov) e pelo perfil no Instagram do Pano de Cuscuz (@projeto.panodecuscuz).

"A apresentação deverá durar cerca de 1h30, para não cansar as participantes. Cada palhaça vai estar se apresentando de suas próprias casas, tendo como mestre de cerimônias a palhaça campinense Camila Melo", disse a fundadora do projeto Pano de Cuscuz, Suellen Maria. "Apesar do título, não é nada indecoroso, que fuja do ambiente familiar, pois serão apresentações com tema livre para cada palhaça, que poderá ser apreciado pelos públicos infantil e o adulto", apontou ela.

As esquetes de encerramento são formadas por: *Vendo Sorrisos*, da Palhaça Andinha (Alhandra Campos, São José de Piranhas-PB); *Sou Lua, Sou quatro, Sou uma*, da Palhaça Arenga (Guadalupe Merki, Sumé-PB); *Rede de apoio*, da Palhaça Cacatua (Irla Medeiros, João Pessoa-PB); *Encontro com Pipoca - Parte II*, da Palhaça Pipoca (Aline Alencar, João Pessoa-PB); *Pirão bem mole*, da Companhia de Teatro Mambembe Major Palito (Campina Grande-PB); e a apresentação ao vivo com a Família Mambembe Los Iranzi (Sertão da Paraíba). "A apresentação toda ao vivo, neste domingo, surgiu pela necessidade de sentir o friozinho do momento, como uma apresentação convencional e para homenagear as mães", informou Suellen.

Além da organizadora, que se apresentará com sua filha de cinco anos de idade, chamada Palhaça Sapeca, Suellen Maria – que é a Palhaça Batalhão – informou que deverão participar da programação deste domingo do evento, o qual ainda conta com o apoio do Cine-Teatro São José, um total estimado de 20 mulheres. "Sentimos falta de algo que unisse as mulheres artistas palhaças da Paraíba e, por isso, idealizamos a convenção, cujo objetivo é valorizar produções artísticas independentes, além de formar e educar plateias, contribuindo para maior crescimento e visibilidade das artes em nosso estado", afirmou Suellen Maria.

A fundadora do projeto Pano de Cuscuz admitiu não estar sendo fácil a situação, por causa da pandemia. "A grande maioria das artistas palhaças que vai participar da convenção é mãe e estamos procurando cuidar dos filhos, incluindo no ensino das tarefas escolares remotas, e, ao mesmo tempo, criar, em termos de espetáculo", disse ela.

Participam palhaças oriundas de Campina Grande, João Pessoa, Sumé, Alhandra e Sousa, em um total estimado de 20 mulheres

Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Funesc no YouTube

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

De pequenas mentiras se vai ao vale-tudo

Foto: Divulgação

Quando estava perto de me deitar anteontem, por razões que a razão desconhece, o subconsciente me transportou a lembranças de *Furyo - Em nome da honra* ***(foto)***, do cineasta japonês Nagisa Oshima.

Acessei, então, o YouTube e vi trechos do filme, mostrando o choque cultural entre orientais e ocidentais num campo de concentração, na 2ª Guerra Mundial. Um prisioneiro de guerra inglês causa um conflito quando usa suas divisas de oficial para não obedecer às regras ditadas por um capitão japonês. A teimosia é repudiada, mas o japonês não consegue acabar com o orgulho e a honra do oficial inglês. Este faz nascer o ódio daquele. Esta situação existe em qualquer época, lugar, área de trabalho, etc.: a honra leva ao ódio de quem não a tem. Lembro que vi o filme no Tambaú (um cinema que faz muita falta à cidade, por causa de seu conforto, localização e programação).

Nenhuma situação difícil justifica o abandono da honra. Ah, esses princípios reunidos numa só palavra, vindos de ações geradas na ética e na dignidade! Depois, com um pouco de desconforto na garganta, passei um tempo refletindo sobre a honra. Pensando que a honra não pode ter intervalos, como os comerciais em espaços nas brechas da televisão.

Foi inevitável – no quarto que era da minha mãe, hoje por mim usado como escritório-dormitório, em Cruz das Armas – lembrar a professora Antonieta, quando diretora do Grupo Escolar Pres. João Pessoa, em Tambaú, exigindo honra aos seus três filhos. Eu, Fernando e o saudoso Marcus, na hora do jantar, ouvíamos dela dois essenciais pedidos: "Não mintam, meus filhos, e sempre cumpram a palavra com as pessoas".

Minha mãe ensinou que mentir é o pior dos defeitos, pois do uso de pequenas mentiras se vai ao vale-tudo na vida, por vezes chegando-se ao roubo, seja em empresas privadas, órgãos públicos, instituições religiosas e culturais. A mentira é um crime. Vejam como o Brasil agora está por causa da mentira. Honremos e sejamos honrados.

'Trajecstória polytika'

Platão viu em Atenas a possibilidade e a necessidade de uma maior participação filosófica na vida política e tornou-se um crítico agudo. Essas experiências levaram-no a aprovar a demanda por um estado governado por filósofos. Se isso tivesse ocorrido, a Grécia nos teria gerado um melhor conceito de democracia. A História usada nos colégios, cursos e faculdades não é bem precisa em relação a isso. Quando Sócrates foi executado no ano de 399, Platão ficou abalado profundamente, avaliando a ação do Estado grego como depravação moral e evidência de um sistema político defeituoso.

Li *A República*, de Platão, no tempo em que a Edições de Ouro investia muito em livros de bolso, sendo, em sua maioria, obras-primas. Mas, tudo mudou. Estamos no tempo de box com a trilogia *Pai rico, pai pobre - Para jovens* e *Lady killers: assassinas em série*. Poderei talvez reentrar na política, que abandonei nos anos 1990, quando fiz a *Sociedade dos poetas putos*.

Assim como Platão, há 1.600 anos, também vejo a necessidade de uma maior participação filosófica na vida política, mas sinto a evidência de um sistema político mais defeituoso ainda do que na Grécia que matou Sócrates. Entretanto, isso não impede a luta por um aperfeiçoamento nem indica que o sonho geral está morto.

Temos que ser capazes de atender interesses diversificados. Minha *trajecstória polytika* começou quando ingressei na Ação Católica, a convite de Ivan Y Plá Trevas, migrando logo-logo para a Ação Popular (AP), que por ironia do destino, tinha entre seus dirigentes os então bons amigos José Serra e José Dirceu (um sucedeu ao outro na presidência da UNE). A ditadura me fez ir durante algum tempo para a clandestinidade, onde militei no PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário). Quando houve a redemocratização, entrei no PDT, por causa de Leonel Brizola, o político que mais admirei. Logo em seguida entrei no PT. Nos anos 1990, caí fora da política em termos partidários.

Poderei voltar e *Trajecstória polytika* é uma homenagem à linguagem do inesquecível amigo Glauber Rocha.

Cota parlamentar

Entre 2001 e 2021, a Câmara dos Deputados gastou R$ 6,4 bilhões, em valores corrigidos, com a cota parlamentar – a verba que cada parlamentar federal tem para reembolsos como aluguel de carros, combustível, passagens aéreas etc. Página 14

Foto: Pablo Valadares

Seis pré-candidatos agitam a eleição na OAB paraibana

Pleito está programado para o próximo mês de novembro, mas, nos bastidores, as articulações estão a todo vapor

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Ainda faltam seis meses para acontecer, mas pelos locais de atuação profissional e escritórios de advocacia da capital paraibana o principal tema nas rodas de conversa é um só: a eleição para a renovação da diretoria da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB). As articulações de pré-candidaturas à presidência da entidade estão a todo vapor. Até o início dessa semana, a disputa contava com sete pré-candidatos (de nomes já lançados ou cogitados), e entre eles, pela primeira vez, uma mulher. Mas agora são seis os possíveis candidatos para o pleito, porque um já anunciou renúncia à pré-candidatura.

E a disputa só não ganhou mais dimensão ainda porque o principal nome entre os cotados, o atual presidente Paulo Maia, continua evitando assumir sua pré-candidatura. Para alguns concorrentes, o dirigente da seccional paraibana protela a confirmação porque já está no segundo mandato e disputar um terceiro começaria a ser criticado pelo "continuísmo".

Procurado pela reportagem de A União, Paulo Maia não se dispôs a uma entrevista e nem respondeu a questionamentos que lhes foram encaminhados por meio de sua assessoria. Mas lançados ou cogitados já estão, além de Paulo Maia, os advogados Inácio Queiroz, Raoni Vita, Harrison Targino, Luiz Pereira e Maria Cristina Santiago que, para alguns colegas, tem chances de quebrar o "tabu machista" que historicamente toma conta da OAB na Paraíba e no país.

Sócio majoritário de um dos mais renomados escritórios de advocacia da Paraíba, Johnson Abrantes, que havia lançado seu nome como pré-candidato a presidente, tornou pública no último dia 3 a sua decisão de disputar uma vaga como conselheiro federal da OAB-PB. Em uma nota distribuída à imprensa, Jonhson explicou que ouviu muitos colegas e deles recebeu estímulo para se agregar ao grupo de oposição a Paulo Maia e citou seu apoio a Raoni Vita como seu candidato a presidente da seccional paraibana.

No caso da advogada Maria Cristina Santiago, o detalhe mais curioso é que seu nome já surgiu causando impacto, porque despontou como opção de candidatura apoiada por Paulo Maia, mas um grupo da situação acenou preferência por Harrison Targino e dividiu as forças situacionistas. Diante da divisão, Paulo Maia teria passado a admitir a possibilidade de vir a ser candidato novamente e, ao invés de dois blocos, a situação passaria a ter uma divisão maior, com três nomes na disputa.

Diante desse cenário, apesar de lançados e até já pedindo votos, a maioria dos pré-candidatos trabalha seus nomes com "um pé atrás", aguardando a definição do presidente. A exceção é o advogado criminalista Inácio Queiroz, que na última semana já fez questão de dar o tom de sua postulação.

"Quem quiser que se junte ao nosso grupo, porque eu não deixo de ser candidato a presidente da OAB nunca. Só Deus!", resumiu ele. Vice-presidente da Comissão de Justiça Criminal e Defensor Dativo do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB-PB, Inácio tem realizado encontros virtuais com advogados para discutir sobre "os problemas da categoria e também defende a necessidade de a entidade ser liderada por um advogado militante. "Por alguém que tenha vontade e coragem de enfrentar qualquer situação em prol da classe dos advogados", afirma ele.

Foto: Divulgação

A seccional da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba foi criada e instalada no dia 15 de outubro de 1931

"Tabu machista" na instituição

Professora do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), doutora em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com tese na área de Direito Civil, Maria Cristina Santiago fará história se chegar à presidência da OAB-PB. Ela será a primeira desde quando a entidade foi fundada no estado em 1931, um ano depois da fundação da OAB nacional.

Integrará um clube seleto e muito reduzido que começou com Zelite Carneiro, do estado de Roraima – primeira mulher a presidir uma seccional no país; e que se completa com Grace Benayon, presidente da OAB do Amazonas; e Fernanda Marinela, que, até pouco tempo, comandou a advocacia do estado de Alagoas.

"O momento da advocacia é muito difícil, pois existe uma pandemia que dificultou a manutenção da atividade para muitos colegas e que atingiu especialmente a advocacia em início de carreira", lamenta ela, que também é sóciae fundadora do Escritório Santiago & Rangel Advogados.

Atualmente ela preside o Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFam-PB) e também é membro consultor da Comissão Especial de Direito da Família e Sucessões do Conselho Federal da OAB. Na seccional da Paraíba, Maria Cristina Santiago já ocupou cargo de conselheira e hoje participa de uma rede da entidade que busca a união de mulheres e a igualdade entre advogadas e advogados.

Em entrevista, ela pondera explicando que a consolidação de sua candidatura ainda depende de entendimentos com alguns grupos de advogados que estimularam o lançamento do seu nome, mas, ao mesmo tempo, fala com ares de candidata pra valer: "Está na hora de ampliarmos o debate em torno da Ordem. Não dá pra reduzir o processo eleitoral a uma disputa de poder político", frisa.

A presença feminina na advocacia já é muito grande, mas, na disputa pelas presidências de OABs, ela chega a ser rara. Tanto para a nacional quanto para as OABs nos estados. Além dos três já citados, os únicos que já registraram candidatas à presidência foram Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Rondônia e Distrito Federal.

Mais três nomes de peso na disputa

Além do atual presidente, Paulo Maia, de Inácio Queiroz e de Maria Cristina Santiago, mais três nomes estão colocados na disputa pelo comando da OAB paraibana, alguns deles bastante conhecidos por atuações nas áreas política e administrativa do estado, seja à frente de secretarias de governo ou atuando como advogados em tribunais.

O terceto (que antes era quarteto, com o nome de Johnson Abrantes) começa com Harrison Targino, que já foi juiz do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) entre 2001 e 2003, procurador-geral do estado entre 2007 e 2009 e também secretário de estado. É professor universitário, conselheiro federal da OAB e atualmente preside o Instituto Paraibano de Direito Administrativo. Em uma recente publicação no Instagram, ele afirmou que o debate da sucessão da OAB é precipitado, especialmente por conta do momento difícil de pandemia.

Por falar em redes sociais, há poucos dias, quando era pré-candidato, o advogado Johnson Abrantes gravou um vídeo que ainda confirmava que seu nome estava à disposição e que atendia "ao apelo de alguns colegas advogados e advogadas". Dizia ter disposição para a missão, mas que só não gostaria de se precipitar na decisão. Tanto que, recentemente, declinou da pré-candidatura. Johnson Abrantes é militante e com presença quase diária no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) e um dos nomes mais queridos e respeitados na profissão.

Raoni Vita, outro nome muito cogitado para a disputa, é ex-vice-presidente da OAB e, atualmente, exerce a presidência do Tribunal de Justiça Desportiva da Paraíba (TJD-PB). É ligado às questões do futebol e também é mestre em Direito Internacional pela Universidade Católica de Santos. Em conversa com amigos, confirma que seu nome está à disposição, mas acha fundamental que a oposição promova um amplo debate para chegar a um candidato de consenso.

O advogado criminalista e professor Luiz Pereira também está listado para concorrer nas eleições e isso desde dezembro do ano passado, quando admitiu a possibilidade em entrevistasnas emissoras de rádio. "Estamos conversando com os advogados e advogadas, principalmente para restabelecer o protagonismo da advocacia, do advogado individual e daqueles desprestigiados nos grandes escritórios", adverte.

Política na trajetória histórica da entidade e do país

A história da OAB se confunde com a própria trajetória política do país desde 1930, quando a entidade foi criada logo após a vitória do movimento que levou Getúlio Vargas ao poder. Um dos primeiros atos assinados pelo então presidente foi justamente o Decreto 19.408, datado de 18 de novembro de 1930, que estabeleceu a criação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Esse decreto refletia o período político conturbado em que passava o país naquele momento. O conteúdo, voltado para a organização das Cortes de Apelação, tratava também da abolição de julgamentos secretos e criava a Ordem dos Advogados (por intermédio do artigo 17), de uma maneira que poderia parecer quase acidental.

Até mesmo por conta da participação dos advogados na política, as representações das entidades imediatamente se espalharam pelo país afora. Na Paraíba, por exemplo, ela já chegou um ano e um mês depois, exatamente no dia 15 de outubro de 1931. Se estruturou no mesmo ano com o desembargador Flósculo da Nóbrega, fundador e primeiro presidente da OAB paraibana e fundador da Faculdade de Direito da Paraíba.

A entidade sempre esteve presente nos principais movimentos políticos do país, destacadamente na redemocratização de 1945, na linha de frente dos combates antes e depois do golpe militar de 1964 e no novo processo de redemocratização em 1984.

Além da atuação aberta, trabalha atualmente na Paraíba com 12 comissões que tratam de vários temas específicos do interesse da categoria e também do interesse da sociedade em geral. Os setores segmentados são Comissão de Agilização Processual; Comissão Especial do Direito de Trânsito, Transporte e Mobilidade; Comissão de Direito Sindical; e Comissão de Direito Cooperativista.

Além dessas, ainda há a Comissão de Advocacia Municipalista; a Comissão de Direito Concessão e Parcerias; a Comissão de Direito e Defesa do Consumidor; a Comissão de Assuntos Acadêmicos; a Comissão de Acesso de Direito Médico-Hospitalar e de Planos de Saúde; a Comissão de Políticas de Segurança e Combate às Drogas; a Comissão de Direito de Família e Sucessões; e a Comissão de Advocacia Pro Bono.

Paulo Maia, atual presidente da OAB paraibana, tem o nome cogitado para tentar um terceiro mandato

Foto: Divulgação

Cota parlamentar: uso sem critérios causa indignação

Entre 2001 e 2021, a Câmara gastou R$ 6,4 bi com aluguel de carros, combustível, passagens e alimentação de deputados

Carlos E. Cherem
Agência Estado

Foto: Pablo Valadares/Câmara dos Deputados

A maioria dos deputados tem trabalhado em home office na pandemia, mas, mesmo assim, só nos três primeiros meses de 2021, a Câmara desembolsou R$ 32,2 milhões com a cota parlamentar

Entre 2001 e 2021, a Câmara dos Deputados gastou R$ 6,4 bilhões, em valores corrigidos, com a cota parlamentar - a verba que cada parlamentar federal tem para reembolsos como aluguel de carros, combustível, passagens aéreas, alimentação, contratação de serviços, entre outros.

Nesse período de duas décadas, as despesas somadas equivalem ao orçamento executado (R$ 6,5 bilhões) em 2020 pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), durante a pandemia global do novo coronavírus.

Desde 2020, com o início da pandemia, a maioria dos deputados tem trabalhado em home office. Mesmo assim, só nos três primeiros meses de 2021, a Câmara desembolsou R$ 32,2 milhões com a cota parlamentar. Os dados das despesas com a cota são da própria Câmara, por meio de sua assessoria.

Efeito cascata

Criada em meio a uma pressão para o aumento salarial dos deputados em Brasília, a reserva desses recursos para reembolsar parlamentares gerou um efeito cascata no país. Ainda no início dos anos 2000, as Assembleias Legislativas dos 26 estados e do Distrito Federal criaram normas para as verbas indenizatórias ou cotas parlamentares com o objetivo de financiar o exercício do cargo. Câmaras Municipais espalhadas pelos 5.572 municípios brasileiros também surfaram na onda e adotaram o ressarcimento de gastos.

No Congresso, o uso de dinheiro público para essa finalidade motivou recorrentes denúncias de desvio e irregularidades ao longo desses 20 anos. O dinheiro que cada um dos 513 deputados pode gastar varia de acordo com o Estado pelo qual foi eleito. A cota mensal atual oscila de R$ 30,8 mil (Distrito Federal) até R$ 45,8 mil (Roraima).

Em julho de 2020, o Estadão revelou que deputados da base governista e da oposição transformaram a divulgação da atividade na Câmara num negócio privado. Eles recorreram a empresas contratadas com a verba de gabinete e assessores pagos pela Casa para gerir canais monetizados no YouTube, com vídeos que arrecadam recursos conforme o número de visualizações. Dias após a publicação da reportagem, um ato da Mesa Diretora proibiu deputados de usarem o dinheiro da cota para serviços que gerem lucro na internet.

"Farra" das passagens aéreas virou escândalo

Em 2017, o uso irregular da verba levou o Ministério Público Federal (MPF) a apresentar à Justiça 28 denúncias contra 72 ex-deputados por envolvimento na chamada "farra" das passagens aéreas. As acusações formais foram pelo crime de peculato (desvio de dinheiro público). Quando presidiu a Câmara pela segunda vez, entre 2009 e 2010, o ex-presidente Michel Temer (MDB) limitou o uso de passagens para os próprios deputados ou seus assessores.

Além da cota, os deputados recebem salário (subsídio) mensal de R$ 26,7 mil e têm uma verba de gabinete de R$ 111,7 mil ao mês para contratar até 25 secretários - que podem trabalhar em Brasília ou no Estado de origem.

A cota parlamentar foi uma ideia do deputado Aécio Neves (PSDB-MG), quando ocupava a presidência da Câmara. Nasceu com o nome de verba indenizatória. O tucano, que hoje preside a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Casa, estava sendo pressionado pelos deputados por aumento de salários. A iniciativa foi reproduzida em todo o país. Em janeiro de 2003, sob a presidência de Ramez Tebet (1936-2006), do então PMDB-MS, o Senado adotou a fórmula de reembolso para os 81 senadores..

Na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, a criação de uma cota parlamentar ocorreu três meses após sua implementação na Câmara. No Maranhão, o deputado estadual é ressarcido por despesas mensais em até R$ 41,7 mil.

Na Câmara Municipal de São Paulo, que tem seu "auxílio -encargos gerais" desde 2003, cada parlamentar recebe R$ 25,8 mil mensais para essas despesas (gasto de R$ 17 milhões ao ano). Pagamentos a empresas de marketing e manutenção de sites que promovem os próprios vereadores lideram os gastos. O vereador Felipe Becari (PSD), que se elegeu em 2020 com uma agenda de defesa animal, gastou R$ 19,6 mil com marketing e hospedagem de sites. Segundo sua equipe, o site serve para receber denúncias de maus-tratos contra bichos. E a empresa de marketing presta consultoria para propor projetos que conversem com outros públicos.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Choveu chuva de cordel na horta de "seu" Mozart

Se eu fosse bom poeta
E soubesse bem glosar
A minha escrita inquieta
Saberia avaliar
Essa criação correta
E bom conceito formar
Choveu chuva de cordel
Na horta de "seu" Mozart

O professor, ator e radialista Bento Júnior não esconde sua devoção intensa pela cultura popular. Chega a entrar em êxtase quando fala, declama e interpreta Ariano Suassuna. Há mais de trinta anos ele manifesta a grandeza do escritor e dramaturgo paraibano. Isso, nos palcos e no rádio, no folheto de cordel brasileiro e na academia. O homem tem um grande respeito, quase uma reverência pelo autor do Auto da Compadecida. Aprendeu a imitar a voz de Ariano, sonha com o romancista de Taperoá, tem vez que pensa que é o próprio. Bento celebra o Movimento Armorial em toda sua vida de artista e professor.

Na qualidade de poeta de cordel brasileiro, como gosta de ser denominado, Bentinho escreve folheto desde a hora em que acorda até quando seu cabeção descansa no travesseiro com fronha de xilogravura. Sua obra é autofinanciada. Na cidade João Pessoa, Bento representa uma espécie de lado B da diversidade cultural, sem muito espaço, mas resistente. Vai buscar inspiração nos poetas do povo para escrever seus folhetos e sair doando a quem estiver disposto a perder cinco minutos para ler suas histórias, onde descarrega seus discursos humanistas e políticos, como um lembrete aos intelectuais para se ligar no verso do povo e nas alternativas culturais e seus discursos que vão de encontro à mídia corporativa e às "igrejinhas".

Estando o velho Mozart na sua toca, no alto de uma serra nos contrafortes da Borborema, eis que me chega um pacote de folhetos do compadre Bento Júnior, todos trazendo no seu versejar simples a exclusão social, o humor claro e trivial do povão e os temas da atualidade, indo além da opinião ácida com humor de meio de feira. Bentinho fala dele mesmo e de suas relações familiares nos folhetos "Cordel brasileiro", "O fujão" e "Que menino metido". As pessoas e bichos que ele admira também ganharam folheto, destacando-se "Zé Calixto, o rei do fole de 8 baixos", a frevista Fofinha é estrela em "Roteiro de uma loba", e seu cachorro Max mereceu lágrimas de saudades cordelescas em "Meu amigo Max".

Falando de pandemia, Bento Júnior construiu comigo o folheto a quatro mãos "O poeta que virou zumbi no terror da pandemia". Depois lançou "O Brasil achou saída?", "A lendária história da cloroquina", "A vacina cidadã" e "Vírus no ar". Nacionalista igual a seu ídolo Suassuna, o poeta Bento escreveu com tintas cívicas inquietas o folheto "Brasil, quem te usa não te ama".

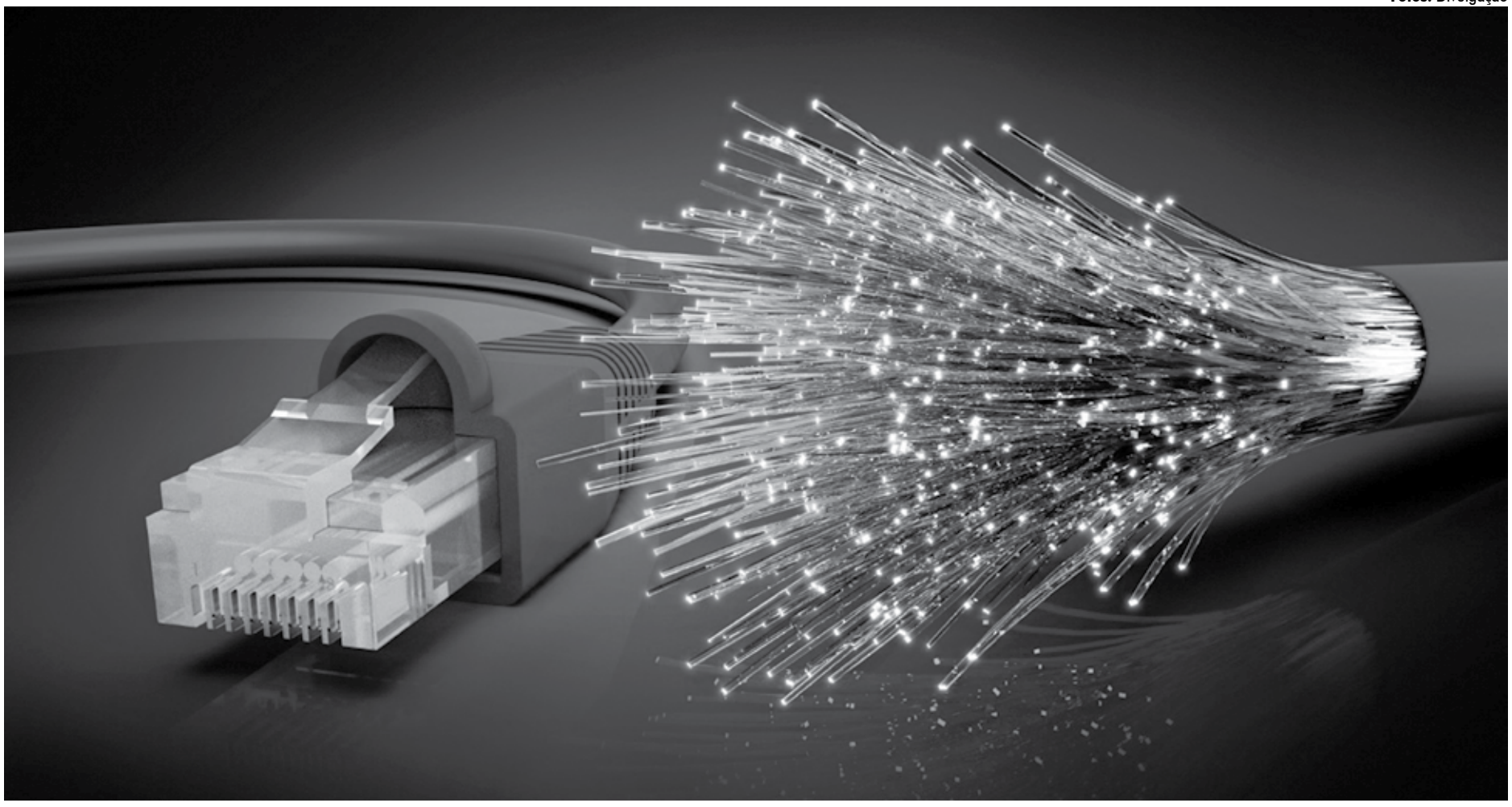
Galhofeiro de corpo e alma, Bento Júnior gosta de escrever seus folhetos de gracejo. No pacote, veio "O poeta e o barbeiro", "O padre cachaceiro", "As palhaçadas de Mané de Zé de Candinha", "Corno Ratinho", "A peleja entre a Vida e a Morte" e "O casório do bode". Com a mesma feição gaiata, em forma de "romance", Bento compôs "A briga do homem que dormia nu com o mosquito Perivaldo", "A briga do leão do circo e o gato Rouxinol" e "O segredo da moça", este com 36 páginas. Li tudo. Vou botar no mostruário e exibir os folhetos de Bento em uma quitanda. Tem um bom fluxo de turistas por lá. Farei minha parte para a tal democratização cultural. Lembrando que eu fiquei sabendo da intenção do atual diretor da Fundação de Cultura de João Pessoa, Marcos Alves, de dar mais relevância à literatura de cordel nas políticas públicas da Prefeitura de João Pessoa. Se for bem sucedido, terá certamente um folheto de Bento elogiando as ações. Frustrando a galera, merecerá um-folheto esculachatório do palhaço poeta.

Rede de alto desempenho de dados avançará pelo interior

Convênio firmado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado levará infovia de fibra ótica para 49 cidades paraibanas

Renato Félix
Especial para **A União**

Fotos: Divulgação



A Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia tem uma parceria com a RNP para garantir uma melhor conectividade aos clientes da rede com um link de internet de alta qualidade

Um convênio entre o Governo da Paraíba, através de sua Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), combinado com a cooperação com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), deve ser responsável por um incremento importante para a rede de fibra ótica interconectando importantes cidades paraibanas. É a Rede Paraibana de Alto Desempenho, a Repad, que, em sua segunda fase, pretende estender a infovia para 49 cidades paraibanas, interligando suas instituições de pesquisa e ensino superior.

A Repad é uma infovia estadual empreendida por Governo do Estado, através da Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia, em parceria com a RNP, e atualmente atende clientes em João Pessoa, Campina Grande, Cabedelo e Santa Rita. Conta com 281.617 metros de fibra e 88 clientes conectados (68 do estado; 15 da RNP; dois da Prefeitura de João Pessoa; e mais três instituições privadas).

"A Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia tem uma parceria com a RNP para garantir uma melhor conectividade aos clientes da rede com um link de internet de alta qualidade", conta Alexeiev Araújo, gerente de redes da Companhia de Processamentos de Dados da Paraíba (Codata), que faz a gestão da Repad. "O estado, através da Repad, utiliza sua malha de fibra ótica para conectar estes clientes até o ponto de saída da rede da RNP. Com isso, a RNP consegue entregar seu link de internet para estas 15 instituições de ensino e pesquisa no estado da Paraíba".

"Recentemente, a RNP, que é vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, foi contratada pelo Ministério das Comunicações para implamtar redes metropolitanas em quatro cidades: Santa Rita, Patos, Sousa e Cajazeiras", conta Rubens Freire, secretário executivo de Ciência e Tecnologia. Paralelamente, a Repad, com o financiamento da Finep e a contrapartida do Governo do Estado, pode trabalhar a conexão entre essas cidades e delas com a rede já existente.

O projeto estava parado, mas há atualmente um recurso de R$ 2.065.746 disponiblizado pela Finep. "É uma parcela do convênio orçado em R$ 13 milhões", pondera o secretário.

Rede Nacional de Pesquisa foi pioneira da internet no Brasil

"A primeira linha de transmissão de internet no Brasil foi a RNP que construiu", conta o secretário Rubens Freire. "Ela continua até hoje, como rede acadêmica". A Rede Nacional de Ensino e Pesquisa conecta as universidades pelo país e surgiu em 1989, com esse objetivo de construir uma infraestrututa nacional para uma rede de internet de âmbito acadêmico. Assim, em 1992 a internet chegou ao Brasil, primeiramente em 10 estados, mais o Distrito Federal.

Em 1995, a RNP já era apoiada por grandes empresas da iniciativa privada, e a internet começou a ter uso comercial no país. A rede cresceu em 1999, através de um programa interministerial entre as pastas da Educação e da Ciência e Tecnologia. Outra evolução veio em 2005, com a criação da Rede Ipê, com enlaces ópticos e tecnologia de comprimentos de onda, operando a múltiplos gigabits por segundo (em 2018, ela já apresentava conexões em alta velocidade, com 100 Gb por segundo). Também foi dessa época a criação do Programa Redes Comunitárias de Ensino e Pesquisa (Redecomep).

Colaboração é "via de mão dupla" e tem alcance ampliado

A colaboração entre o projeto do Governo do Estado e o da RNP facilita as coisas para os dois lados. A rede de um pode se conectar à do outro e, assim, as duas têm seu alcance ampliado. É uma (info)via de mão dupla.

"O Governo do Estado utiliza a rede da RNP em Campina Grande, onde conectamos nossos clientes sem a necessidade de lançar fibra dentro da cidade", conta Alexeiev Araújo. "É mais ou menos como fazemos em João Pessoa com os clientes da RNP". Em João Pessoa, a RNP não tem uma rede própria: atendia apenas ao campus I da Universidade Federal da Paraíba e fazia contratos com operadoras para atender seus demais clientes.

"Com este projeto nós conectamos todos estes clientes em uma rede de fibra ótica", continua Araújo. "Da mesma forma, em Campina Grande teríamos que lançar fibra por toda cidade e este investimento já tinha sido feito pela RNP. Então interconectamos a UFPB até a UFCG, que é quem concentra a rede da RNP em Campina".

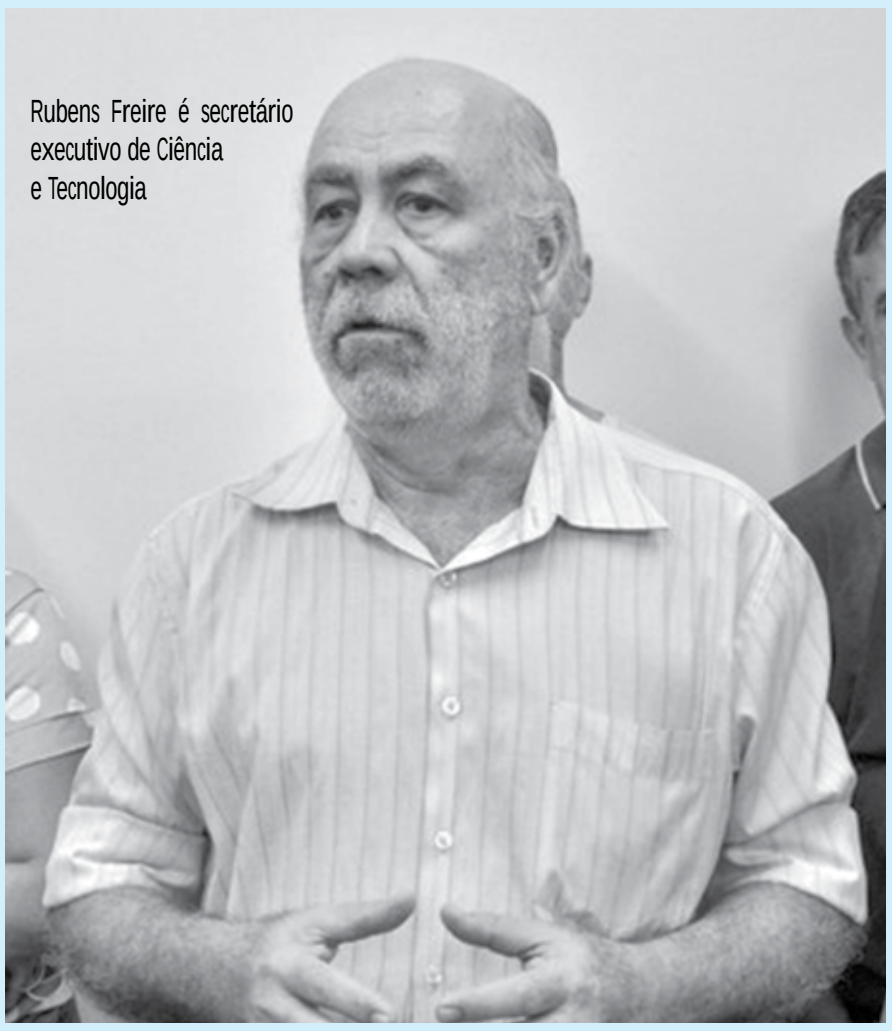
Acordos com Finep e RNP são prorrogados por mais um ano

Um problema burocrático que surgiu no horizonte foi o iminente encerramento do convênio com a Finep. A parceria com o Governo do Estado já vinha da primeira fase da Repad, já concluída, e que liga a Região Metropolitana de João Pessoa a Campina Grande. O desafio agora é a implantação da fase II, com a interiorização da rede.

Uma via de alto desempenho é indispensável para a produção e apreensão de conhecimento, aumentando o volume de informações transmitidas por seus cabos. A fase II da Repad ambiciona estender a infovia para 49 cidades paraibanas, interligando suas instituições de pesquisa e ensino superior.

A possibilidade de "trocas" entre instituições e empresas privadas pode também acelerar esse processo. São os chamados "swap": de fibras, de capacidade e de canais. "A RNP foi mudando sua estrutura jurídica e hoje dialoga com as empresas e tem condição de fazer essa proposta de troca", conta Rubens Freire. "Ela abre edital, as empresas concorrem". Mas o convênio entre a FapesqPB e a Finep se aproximava do final. Seria encerrado em fevereiro passado, mas a fundação solicitou uma prorrogação. O termo aditivo da Finep foi recebido pela FapesqPB na última quarta-feira, confirmando a prorrogação por mais um ano. "Esperamos agora que, com este termo aditivo e com as articulações que estamos tendo com a RNP, a gente possa colocar para andar este convênio e implantarmos esta fase da Rede Paraibana de Alto Desempenho", afirma Roberto Germano, presidente da FapesqPB. "Esperamos chegar ao final desta convênio realizando essa ação extremamente importante para a RNP e para o sistema de inovação na Paraíba".

O termo de cooperação com a RNP, por sua vez, foi renovado por mais cinco anos. O cenário está pronto para que a infovia chegue mais longe na Paraíba, e mais rápido, e com maior volume de informação.



Rubens Freire é secretário executivo de Ciência e Tecnologia

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Aos domingos com Messina Palmeira

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

1. Em nome da minha mãe, a escritora Balila Palmeira, parabenizo as minhas amigas que também são mães: Thereza Madalena, Ana Flávia Pereira, Terezinha Marcelino, Antônia Finizola, Giuliana Martins, Nana Miranda, Leninha Gomes, Elízia Lopes e Teresa Duarte.

2. Após exaustivas, porém necessárias, conversações e trocas de ideias, está constituída a direção da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – ACCAL – Litorânea, cujos nomes serão submetidos à homologação, em Assembleia-Geral (deliberativa), a ser realizada na tarde (a partir das 14:00h) do dia 28/maio, no Centro Cultural Benedito, na cidade portuária. A notificação nos foi passada pela presidente Tania Castelliano e pelo secretário (ad hoc), prof. Francelino.

3. A grande vencedora do Big Brother 21, a paraibana Juliette Freire (foto) recebeu 90,15% dos votos. Essa percentagem mostra a força e resistência da mulher paraibana.

4. A executiva Karla Ceravolo (na foto, ao lado da presidente da Associação Comercial da Paraíba, Melca Farias) é a diretora do Castro Pinto, aeroporto paraibano que, desde 2020, tem a empresa espanhola Aena como responsável pelo seu gerenciamento.

5. A Abrajet, seccional Paraíba, por meio de sua diretoria e associados, está apoiando a campanha de marketing promocional do "Destino João Pessoa". No lançamento do projeto, o presidente da entidade, Fabiano Vidal (na foto, com o diretor do Sebrae-PB, Luís Alberto Amorim, o secretário de turismo da Paraíba, Gustavo Feliciano e esta colunista), mostrou-se entusiasmado com a ação que vai promover turisticamente a nossa capital.

6. Eurides Lima, Edla Julinda Guedes, Érika Serafim, Teresa Moura (na foto, com parte da sua querida família), Carol Uchôa, Adriana Rodrigues, André Lubambo, Shilon Gama, Paulo Galvão, Carmelita Chang, Derlândia Nunes, Conceição Imperiano e Diana Miranda são os aniversariantes da semana.

7. A "Foco Operadora", em parceria com a ABIH-PB, correalização da Prefeitura de João Pessoa (Secretaria de Turismo) e do Governo do Estado (PBTUR), fez o lançamento de workshop e rodada de negócios, que serão realizados em nossa capital, em agosto de 2022. Na foto, o secretário Daniel Rodrigues entre os diretores da "Foco", Antônio Neto e Dioclécio Medeiros.

8. A "1ª Mostra de Teatro e Direitos Humanos de João Pessoa" será realizada de 13 a 16 de maio, de forma on-line, com participação gratuita. Para acompanhar todas as apresentações, que acontecerão sempre às 19h, inscreva-se no Canal do YouTube da Amora: https://www.youtube.com/c/AmoraProduções

9. O "Aquário Paraíba", localizado no nosso ponto extremo, a Ponta do Seixas, reabriu suas atividades e já está à espera de visitante para conhecer os cerca de, aproximadamente, 120 exemplares pertencentes a oitenta espécies de animais.

10. O empresário Janguiê Diniz (na foto, com Lucas Moraes, idealizador e CEO da Edulabzz), que adquiriu, por meio do seu Family Office Epitychia, o controle da Startup plataformas nacionais de EAD, mira expandir, ainda mais, o seu mercado e tornar-se uma potência mundial no setor de tecnologia educacional, chegando, no futuro, a realizar um IPO na Nasdaq.

Contabilize
Contabilidade e Assessoria Contábil

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Crise financeira

Sem a opção do penhor, brasileiro vende as joias

Com o serviço de penhora da Caixa fechado e sem acesso a crédito, muitas pessoas se viram obrigadas a comercializar peças de valor

Márcia De Chiara
Agência Estado

Diante da falta de opção de penhora, empresas que comercializam joias de segunda mão registraram crescimento na procura de interessados em vender esses itens para conseguir alguma renda.

Tradicional no setor de joias de segunda mão desde 1958, a Orit, por exemplo, registrou no primeiro trimestre deste ano crescimento de dois dígitos em número de transações e também em valor, em comparação com o mesmo período de 2020. "Notamos uma quantidade bastante razoável de clientes que nos procuraram para vender joias porque não conseguiram ter acesso a crédito ou quiseram gerar receita", diz o CEO da empresa, Maurício Trad. Inclusive no ano passado, no primeiro fechamento do comércio por causa da pandemia, o executivo conta que houve um pico no volume de atendimentos para venda de joias quando a sua loja reabriu as portas.

Também a concorrente, a Vecchio Joalheiros, há 30 anos no mercado de segunda mão, constatou aumento entre 10% e 15% no número de avaliações de joias para venda desde agosto de 2020. De acordo com a joalheria, o ritmo de pessoas querendo se desfazer de joias hoje está mais acelerado comparado ao das que querem comprar.

Dólar

Além da necessidade de dinheiro por causa da crise, a valorização do dólar e do ouro no mercado em momentos de turbulência como o atual leva muitos a passar para frente suas joias. Em julho de 2020, a cotação da onça-troy (31,10 gramas) do ouro beirou US$ 2 mil. Na última sexta-feira, o contrato futuro de ouro para junho na Bolsa de Nova York fechou cotado a US$ 1.767,70. "Hoje, é um bom momento para vender porque, não só o dólar está em alta, mas o ouro também", diz Trad.

Na compra de joias de segunda mão, é avaliada a pureza do ouro e normalmente é pago um valor inferior à cotação do mercado. Joias de grife são mais valorizadas e os compradores checam a idoneidade do vendedor da peça. Para evitar complicações, o vendedor tem de assinar um termo de responsabilidade declarando que é dono da joia. Com isso, é emitida a nota de compra pela loja. Assim como no penhor, o dinheiro sai na hora. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Dom Pedro

Fonte de recursos imediatos a custos mais baixos, o penhor também é uma das linhas de crédito mais antigas na praça e está ligada às origens da Caixa. Criada pelo decreto 2.723, assinado por Dom Pedro II em 1861, a instituição tinha a função de guardar "as pequenas economias das classes menos abastadas" e "emprestar, por módico juro e sob penhor, as somas necessárias para socorrer as urgentes necessidades das classes menos favorecidas", como consta na história da instituição.

Entre abril e setembro do ano passado, a publicitária "A", que conversou com o Estadão sob condição de anonimato, foi várias vezes à agência da Caixa perto da sua casa na capital paulista, mas perdeu todas as viagens. Desempregada e inadimplente, ela ficou sem alternativa. Em setembro último, acabou tendo de vender as joias de família para conseguir pagar as despesas do dia a dia. "Eu não queria vender, agora vendi, acabou", contou a publicitária.

Com a venda de um solitário de brilhante, um par de brincos de argola de ouro e um escapulário de ouro branco no mercado informal, ela conseguiu arrecadar R$ 4 mil. Foram R$ 500 a mais do que o oferecido por lojas especializadas na compra de joias de segunda mão e R$ 1 mil acima do crédito que ela calcula que conseguiria na Caixa.

De toda forma, a publicitária lamenta a venda e a falta de opção, no momento, por não conseguir fechar novos contratos de penhora.

Foto: Divulgação

O penhor é uma das linhas de crédito mais antigas na praça, a custos baixos

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Cirilo da Silva, 221
ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999

LATAM TRAVEL

Para esclarecimentos, a foto de Arraial d'Ajuda em Porto Seguro (BA), presente à época em publicação realizada por TAM Viagens de Cuiabá, é de autoria do fotógrafo **Clio Robespierre Camargo Luconi** e não foi devidamente creditada. A LATAM lamenta o ocorrido e informa que já se retratou legalmente com o proprietário da imagem.

Fotos: Roberto Guedes

Preocupação com a qualidade dos alimentos atrai pessoas interessadas em colocar a saúde em primeiro lugar

Preços dos produtos orgânicos não afastam os consumidores

Clientes dizem não se importar com o valor, desde que os alimentos sejam saudáveis e livres de agrotóxicos

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

A busca por alimentos saudáveis está cada vez mais crescente entre a população de João Pessoa. As feirinhas da agricultura familiar, que só comercializam produtos orgânicos, ganham a preferência dos consumidores que buscam uma alimentação saudável, mesmo, em geral, os produtos possuindo valores mais altos que os que são comercializados em supermercados.

Dona Iraci Pessoa, de 74 anos, que já tomou as duas doses da vacina contra a covid-19, aproveitou a feirinha orgânica que que acontece semanalmente na Praça da Paz para adquirir alimentos saudáveis. "Como moro aqui nos Bancários, gosto muito de comprar minhas frutas, verduras e legumes aqui. A minha médica disse que o que eu pudesse fazer para consumir apenas produtos orgânicos seria melhor para minha saúde, pois tenho problemas de estômago e fígado. Então, a gente até paga um pouco mais caro do que se fosse comprar no supermercado, mas vale a pena", comenta a dona de casa.

Muitas pessoas encontram nos itens orgânicos a segurança de estar se alimentando com produtos livres de agrotóxicos, sem qualquer adição elementos químicos e industrializados. "Aqui, a gente encontra aquilo que sabemos que são alimentos naturais, esse é o principal motivo para a gente comprar porque são alimentos saudáveis. Quisera eu ter um sítio para eu mesmo plantar essas frutas e verduras. Sempre venho com minha esposa comprar, pois são frutas e hortaliças sempre frescas", relata o projetista aposentado, Vanderlei Lima, de 75 anos.

Maria Ramalho, de 50 anos, também faz questão de comprar seus alimentos na feira orgânica. "Eu sempre compro aqui na feirinha, prefiro vir aqui do que no supermercado, principalmente nessa pandemia, pelo menos aqui é ao ar livre e a gente come sem susto. Independente do preço eu faço questão de comprar com esses comerciantes por também saber que estou contribuindo com a agricultura familiar".

Agricultura familiar

Nas feirinhas orgânicas da capital, a maior parte dos feirantes são parentes e todos fazem parte das associações de agricultura familiar do estado. "Posso dizer que passei a maior parte da minha vida nessa feira, trabalho aqui há 14 anos. A gente trabalha em família, então todos plantam, colhem e vendem. O que não temos trocamos com os vizinhos", explica Dayana Fidelis, de 23 anos, que é filha do seu José Roberto Batista, de 51 anos, e ambos saem todas as sextas às 4h da manhã para vender a colheita na feira.

"Vivemos da agricultura familiar. Toda nossa renda vem do que plantamos e vendemos. A produção dos alimentos orgânicos é mais demorada além de ser uma colheita bem menor, porque não usamos nenhum agrotóxico, só fertilizantes naturais, como esterco, fumo, cascas de plantas. Por isso, o nosso trabalho é maior, temos mais gastos na produção que os alimentos convencionais. Além de ser uma plantação mais demorada e a perda é bem maior. Por exemplo, plantamos feijão e a lagarta comeu tudo então perdemos a plantação, porque não usamos veneno para matar os bichos", destaca seu José.

A agricultora e feirante Adriana Bento dos Santos, de 41 anos, já comercializa sua colheita há 10 anos na feirinha da Praça da Paz e não hesita em falar da satisfação de vender produtos naturais. "A minha felicidade é saber que alguém vai comprar um produto que sou eu mesma, junto com minha família, que plantamos e que contribuímos com a saúde do consumidor. A gente vê que nossos clientes são pessoas que procuram uma alimentação saudável. Isso é muito gratificante", avalia.

Em João Pessoa, as feiras orgânicas acontecem todos os dias da semana, porém em bairros diferentes, das 05h às 12h. Nas terças-feiras acontecem no Ponto de Cem Réis, no Centro, e no IFPB, em Jaguaribe; nas quartas-feiras, são no Tribunal Regional do Trabalho, no Centro, e na Praça do Equilíbrio do Ser, nos Bancários; nas quintas-feiras: os produtos são comercializados na CECAF, nas sextas: na UFPB e Praça da Paz; nos sábados: CECAF e Mercado Público do Valentina, que também ocorre aos domingos.

Adriana Bento
Comerciante

"Minha felicidade é saber que alguém vai comprar um produto que sou eu mesma e minha família que plantamos, contribuíndo com a saúde do consumidor"

Vanderlei Lima
Aposentado

"Aqui a gente encontra aquilo que sabemos que são alimentos naturais, esse é o principal motivo para a gente comprar porque são alimentos saudáveis"

Iraci Pessoa
Dona de casa

"Tenho problemas de saúde. Então, a gente até paga um pouco mais caro do que se fosse comprar no supermercado, mas vale a pena"

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

A mudança é algo inerente ao processo de planejamento e gestão

A maioria das pessoas se mostra resistente aos processos de mudanças, embora nem sempre perceba isto. Quando nos defrontamos com algo que implica mudar o jeito de ser e/ou fazer, muitos resistem por medo do desconhecido que resultará no por vir. Sair da zona de segurança em que vivemos (imagine-se traçando um círculo em sua volta) gera questionamentos naturais do tipo: se está dando certo do jeito que faço, porque me arriscar fazer diferente? Fico aqui por ser mais seguro.

Neste quesito, preferem viver e gerir a si próprios ou as organizações que comandam, subordinados a uma rotina que por estar dando certo em um determinado tempo, não garantirá o sucesso ou mesmo a estabilidade no amanhã. Esta resistência à mudança tem sido historicamente uma das principais causas das obsolescências que levam ao fracasso.

Quando decidimos realizar um planejamento para melhorar a gestão, no campo pessoal ou da instituição que estamos a comandar, precisamos ter a consciência de que a mudança será algo inerente a este processo. Se pretendo obter resultados diferentes, preciso fazer de um novo jeito, sair da rotina e até correr riscos. Para melhorar as chances de acertar, faz-se necessário planejar.

O sentimento de que as coisas sempre foram assim, que outros já tentaram, além das frases prontas como "eu já vi este filme", será algo comum na pauta dos debates em torno das propostas de fazer diferente. Quando iniciamos um processo de planejamento e convidamos as pessoas envolvidas para uma reflexão sobre onde pretendem chegar (a visão) ou, numa linguagem figurada, em que porto desejam ancorar após um determinado tempo, fica claro que no escopo da carta de navegação que será elaborada para o percurso até o porto pretendido, o combustível principal será a mudança.

É importante utilizar sempre uma visão empreendedora, sem tirar o pé do chão, fixando metas alcançáveis e valorizando os desafios exequíveis. E agindo como empreendedor, podemos considerar a linha de pensamento de Joseph Alois Schumpeter, um economista e cientista político austríaco, quando disse: "o empreendedor é aquele que realiza coisas novas e não, necessariamente, aquele que inventa."

Para se estruturar um documento consistente, nesta associação do planejamento com a mudança, destaco cinco perguntas cujas respostas serão fundamentais na sistematização do pensamento norteador de um plano. Começando por: mudar para que? Para alcançar um novo padrão de vida pessoal, para melhoria da qualidade de vida da população alvo, para atingir um novo estágio de desenvolvimento, para tornar a organização mais competitiva, enfim, há que se ter clareza na justificativa da mudança.

Na sequência, vira o mudar para quem? Ou seja, quem serão os contemplados com estas mudanças? É preciso ter clareza se o que está pretendo fazer será bem aceito pelos beneficiários, se produzirá ganhos efetivos e se a leitura das necessidades está correta. Em terceira ordem, vem a compreensão de que não é possível não mudar. Mais uma vez comungo, aqui nesta coluna, do pensamento de Heráclito: "nada existe de permanente a não ser a mudança."

Não é possível evitar a mudança. Se analisarmos a história da nossa civilização humana, veremos que o tempo produz constantemente as mudanças. Retroagindo 10, 30 ou 50 anos, percebemos que praticamente tudo mudou. Há uma relativa constância do progresso, tal qual uma reta com uma certa inclinação vertical ascendente. Independente do que eu faça ou deixe de fazer, as coisas serão diferentes, evoluem.

A quinta indagação a ser feita é: se não é possível evitá-la, melhor seria escolher a mudança? Neste sentido podemos imaginar que a inclinação da reta que reflete a mudança não me satisfaz. Quero algo mais significativo, uma inclinação mais íngreme, que significará uma mudança acima da média. Como tornar isto possível? A recomendação é fazer um planejamento estratégico. Foi o caminho trilhado por muitas pessoas, empresas, organizações, território e nações.

Se não planejarmos nosso futuro, outros farão para nós, por nós... ou contra nós.

Foto: Pixabay

Dinheiro virtual é real

Sem vínculos com autoridades monetárias, as criptomoedas conquistam investidores e chamam a atenção dos governos

Carol Cassoli
Especial para **A União**

Recentemente um assunto entrou com mais frequência no dia a dia do brasileiro: a moeda virtual. O termo é utilizado para se referir às criptomoedas ou cybermoedas que nada mais são do que dinheiro virtual gerado por um algoritmo. Estas moedas funcionam a partir de criptoativos (ativos virtuais que atuam como codificadores para tornar as operações mais seguras) e surgiram como uma promessa para o futuro da economia que, segundo especialistas, já está se tornando realidade.

A diferença é que, apesar de funcionar como o dinheiro, essas moedas são completamente virtuais e não dependem de governos para serem emitidas. O graduando em Economia com certificação para indicação e distribuição de investimentos (CPA20), Rodrigo Jovê, explica que as criptomoedas oferecem vantagens por terem seu comércio descentralizado. Sendo válidas em todo o mundo, basta encontrar alguém que as aceite e realizar a transferência. Além disso, o fato de não estarem ligadas às entidades governamentais faz com que sua operação seja contínua, 24 horas todos os dias.

'Ouro digital'

De acordo com o gestor empresarial e especialista em produtos digitais pela Fundação Getúlio Vargas, Juarez Neto, as cybermoedas são vistas como reservas de valor: o chamado 'ouro digital'. "Uma reserva de valor serve para que, com o passar do tempo, você não perca patrimônio corroído pela inflação", explica. Para Rodrigo Jovê o mercado atrai o interesse da população por suas características. "As criptomoedas atraem por funcionarem baseadas nos fundamentos da tecnologia, serem escassas e seguirem propriedades como neutralidade, meio de troca e reserva de valor", observa.

Elas também representam um código complexo que não pode ser alterado. As transações realizadas com elas são protegidas por criptografia. Como não há uma autoridade central que acompanhe essas transações, elas precisam ser registradas e validadas uma a uma por um grupo de pessoas, que usam seus computadores para gravá-las no chamado blockchain (espécie de banco de dados público onde consta o histórico de operações realizadas). Quem registra as transações no blockchain são os chamados mineradores.

O educador financeiro Daniel Medeiros conta que, há quatro anos, adquiriu criptomoedas baseado na promessa de que elas são o ouro digital e, desde então, não as vendeu mais. Daniel optou por deixar 2% das criptomoedas na carteira e usá-las como uma diversificação de ativos. A ideia é que os resultados virão no futuro, pois, hoje, as cybermoedas representam um pequeno percentual de seus ativos.

Mercado oferece opções variadas

Apesar de o brasileiro se referir a todas as moedas como bitcoins, esta é apenas uma delas. Além da Bitcoin (pioneira e mais conhecida), existe uma diversidade de outras opções disponíveis no mercado e que têm suas regras individuais. "A Bitcoin nasce de um anônimo e é totalmente descentralizada, já a Etherium (outra moeda virtual) é uma tecnologia mais centralizada", diz o investidor Rodrigo Jovê, ao explicar que essas moedas são algoritmos moldados de acordo com a necessidade.

As criptomoedas têm cotações elevadas (1 Bitcoin chegou a R$ 305 mil esta semana) e, por conta disso, têm chamado a atenção do Governo Federal que, de maneira inédita, este ano pediu a declaração destes ativos no Imposto de Renda por meio de códigos específicos. Assim, todos os contribuintes que até o fim de 2020 possuíam moedas virtuais, com valores de aquisição superiores a R$ 5 mil, precisam declarar à Receita Federal. Independente das circunstâncias de aquisição e investimento, todos têm um mesmo intuito: participação na experiência.

O advogado Jedaías Nunes vê a situação na perspectiva de quem está curioso, mas com expectativa porque "existe a possibilidade de crescimento grande, apesar do risco", conforme explica. O educador financeiro Daniel Medeiros acrescenta: "Se o ouro digital se confirmar com o tempo, ele será um ativo de valor por ser escasso. Caso ele não se prove, não perdi grande coisa. Se provar, não fiquei de fora".

Países lançam moedas digitais

As criptomoedas se tornaram globalmente discutidas. Desde o ano passado alguns países passaram a aceitar o uso de moedas virtuais em operações com finalidade transacional. É o caso da Alemanha, que reconhece legalmente as moedas e da França, que foi além e passou a testar uma moeda própria que funcionará como "euro digital"; numa iniciativa semelhante à chinesa, onde o "yuan digital" já existe.

O assunto também é debatido nos Estados Unidos. Em entrevista ao Wall Street Journal, a secretária do Tesouro do Norte-americano, Janet Yellen, explicou que, embora os EUA não possuam o preparo necessário para regular moedas digitais, não é possível ignorar o tema.

A proposta de lançamento de uma moeda digital também chegou ao Brasil. Aqui, o projeto é voltado às mudanças das características atuais do real, por meio da simplificação, internalização e conversibilidade da moeda e, posteriormente, de sua digitalização. Neste caso, as moedas digitalizadas pelo Banco Central não são virtuais, como as bitcoins; este dinheiro existe no universo digital, mas não em espécie. A moeda digital é como o dinheiro utilizado para pagamentos pela carteira digital, como um gift card digital (cartões de presente creditados digitalmente), que pode ser utilizado para compras em um aplicativo.

Investimento requer estudo

A aquisição ou investimento em criptomoedas pode ser feita a partir de corretoras especializadas, compra de cotas de fundos (opção recomendada para quem gostaria de se envolver com este mercado), ou mesmo através da aceitação de pagamentos por meio do dinheiro virtual. Para isso, é necessário que a pessoa interessada crie uma carteira em alguma corretora, compre cybermoedas (que podem ser o centavos, chamados de satoshis) e crie uma estratégia de durabilidade do investimento (que pode ser de curto ou longo prazo). Por último, é preciso que o interessado esteja atento ao mercado e o mantenha sob constante avaliação.

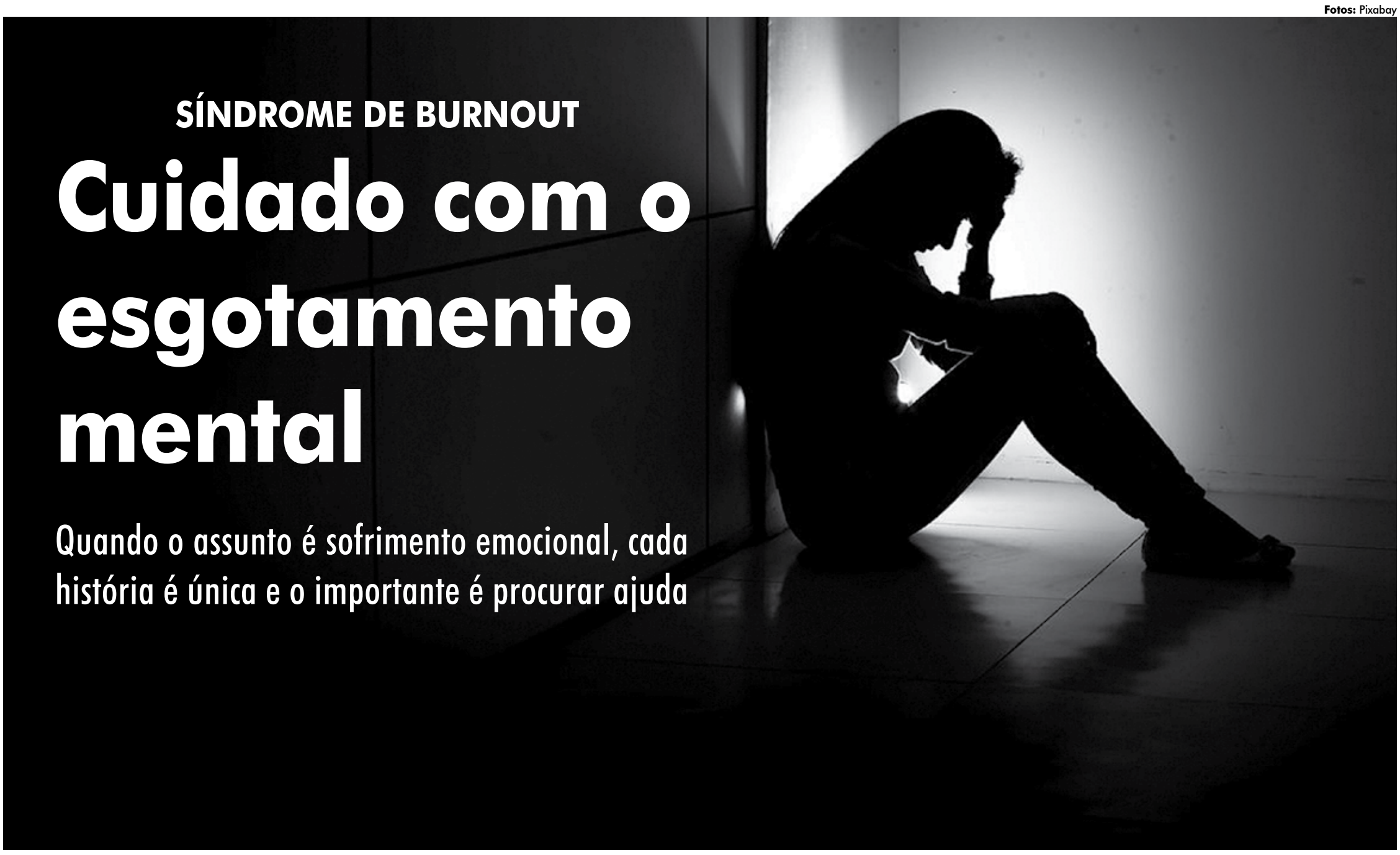
Tanto para o especialista Juarez Neto como para o investidor Rodrigo Jovê este último é um dos passos mais importantes, porque ajuda a pessoa a entender o ambiente em que ela está inserida. "Vale a pena estudar para saber do que se trata. Com o avanço da tecnologia a tendência das criptomoedas está cada vez mais forte", constata Juarez.

Rodrigo também observa que o investimento em cybermoedas deve ser pautado em decisões racionais. "A euforia por rentabilidade não seria sustentada em momentos de correção. Quem não tem entendimento sobre investimentos provavelmente venderia na baixa e compraria na alta repetidas vezes". O graduando em economia recomenda que as pessoas interessadas em investir no mercado sem conhecimento comecem pelos fundos de investimentos.

Cauteloso, o advogado Jedaías Nunes pretende começar a investir em breve e criar uma reserva de valor. "Quero ter a primeira experiência. Estou começando sem muita pressa para entender o mercado e ir progredindo", explica. Jedaías conta que já investe na Bolsa de Valores e acredita que, com o lançamento do primeiro fundo de índice de criptomoedas no Brasil, o momento é propício para iniciar os investimentos no mercado.

O advogado está disposto a começar sem muitos riscos, investindo pouco e com segurança. Para ele, o surgimento do fundo de índice age como uma porta de entrada para começar com confiança. Jedaías Nunes detalha sua estratégia de maneira simples: "Como esses fundos possuem uma proteção um pouco maior da volatilidade através de mecanismos de derivativos, pretendo começar a investir através dele".

Fotos: Pixabay



SÍNDROME DE BURNOUT

Cuidado com o esgotamento mental

Quando o assunto é sofrimento emocional, cada história é única e o importante é procurar ajuda

Camila Tuchlinski
Agência Estado

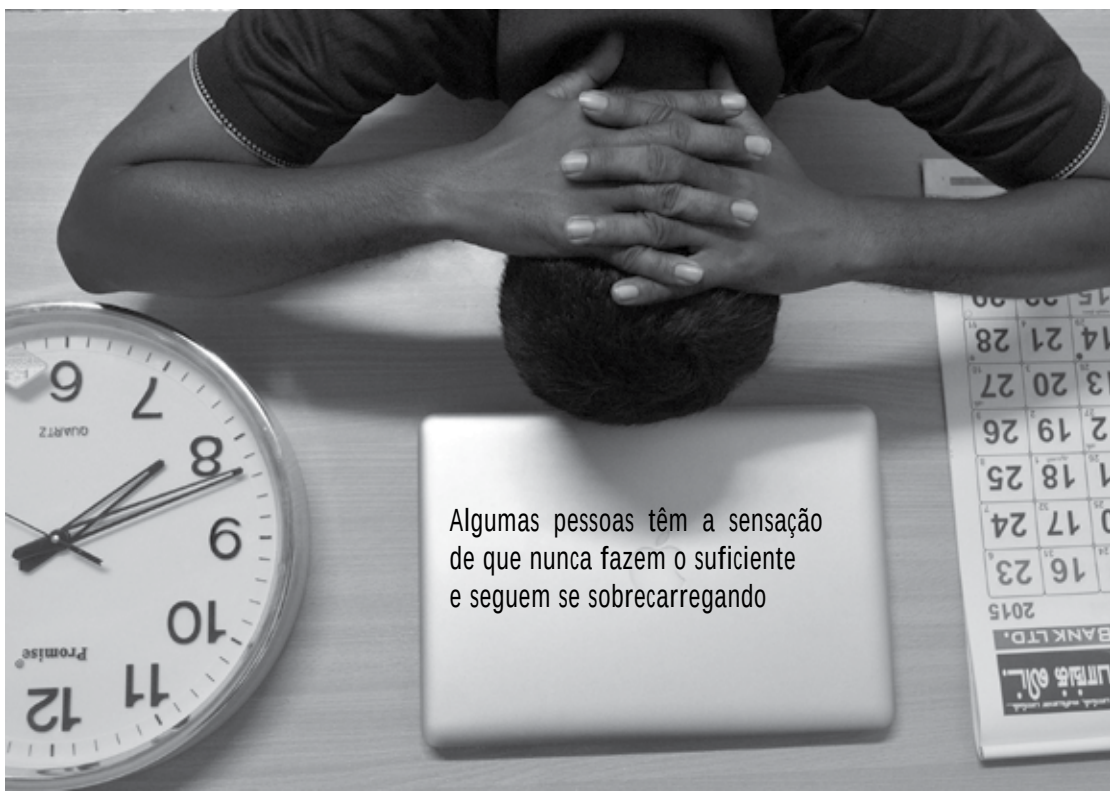
Por mais que pesquisadores da área de saúde mental se esforcem para encontrar diretrizes e protocolos para atendimento, quando o assunto é sofrimento emocional, cada história é única. Somos singulares, sobretudo na dor. Isso nos faz pensar que o sucesso de um tratamento envolve, principalmente, o engajamento do paciente. E com a chamada Síndrome de Burnout não é diferente. Não dá para mensurar o esgotamento mental, que é individual, por mais que as empresas e familiares se esforcem para oferecer o melhor acolhimento. "Sempre achei que podia ir um pouco mais além do que o meu corpo permitia e acabei não escutando os sinais que ele me mostrava. Acabei colocando muita cobrança em mim mesma, sempre querendo alcançar mais e pensando que não era capaz, criando um looping no qual eu não conseguia sair", conta a analista de pesquisa e mercado Julia Bizarri Guarnieri, de 32 anos, que recebeu o diagnóstico no fim de 2019.

"Para além da cobrança dos gestores, algumas pessoas têm a sensação de que nunca fazem o suficiente e seguem se sobrecarregando. É comum isso estar relacionado ao seu desenvolvimento ou mesmo a uma situação traumática. Aprenderam que não eram capazes de realizar suas tarefas. Mesmo quando recebiam elogios, estes vinham acompanhados de um 'mas'. Esse 'mas' anula o que foi dito antes", afirma a psicóloga Lucia Rosa, que trabalha com grupo voltado para Transtorno de Estresse Pós-Traumático (Tept) no Brasil.

Se a gente 'vasculhar' na nossa história infantil, quem nunca se comparou ou foi comparado com o desempenho do coleguinha de sala de aula? E na disputa por uma vaga no mercado de trabalho? Por vezes, carregamos para a vida adulta ideias como 'se disser não, serei um fraco' ou 'se me negar a fazer algo, irão me reprovar'. Na opinião de Deisy Emerich-Geraldo, doutora em Psicologia Clínica (USP), as pessoas também sofrem por não conseguirem se comunicar adequadamente. "Ter a habilidade de ser assertivo para se comunicar com as pessoas que te cercam - negar ou negociar prazos/tarefas/pedidos e também pedir por aquilo que precisa, sinalizar a necessidade - seja na vida pessoal ou profissional. Isto também envolve estar em contato com outros, círculo íntimo e/ou profissionais de saúde mental, no sentido de compartilhar suas vivências acerca dos eventos que estão causando estresse e as emoções que você está tendo. Além disso, é importante destacar que, quando estamos sob estresse, facilmente podemos nos sentir frustrados e irritados, e isso pode ter um efeito negativo nas habilidades de comunicação - o que demanda uma especial atenção a esta área."

A pressão foi tão grande para Julia Bizarri Guarnieri que ela não conseguia se reconhecer mais. "Sentia-me completamente perdida, com falta de propósito e energia, com uma sensação interna de vazio, uma espécie de crise existencial, sem reconhecer quem eu era e sem ter clareza mental do que eu queria " Foi então que a analista de mercado decidiu procurar ajuda na psicoterapia, já que percebeu que precisava mudar. "Notei que, além de todo suporte familiar, a ajuda de uma profissional seria fundamental neste processo. Na psicoterapia, aprendi que está tudo bem não estar bem. Passei a observar meus comportamentos e os efeitos da minha autocobrança. Comecei a me conhecer, a trabalhar minha insegurança e a enfrentar meus medos. Aprendi a me perguntar se minhas atitudes estão me aproximando da Julia que quero ser no futuro."

Yu Tse Heng, doutorando em administração, e Kira Schabram, professora-assistente de comportamento organizacional, são pesquisadores da Foster School of Business da Universidade de Washington, nos Estados Unidos. Eles utilizaram dois projetos - uma pesquisa de campo longitudinal de 130 provedores de serviço social e uma metodologia de amostragem experimental com 100 estudantes de negócios em 10 dias - e constataram que a compaixão pode ser um importante agente de mudança para o funcionário que se sente exausto. "Analisamos o poder de geração de recursos de duas expressões distintas de compaixão (autodirigida e dirigida pelos outros) nas três dimensões do esgotamento (exaustão, cinismo, ineficácia). Encontramos um padrão complexo de resultados indicando que ambas as expressões de compaixão têm o potencial de gerar recursos saudáveis (autocontrole, pertencer, autoestima) que reabastecem diferentes dimensões do Burnout. Especificamente, a autocompaixão remedia a exaustão", diz um trecho do artigo, publicado em janeiro. "Podemos desenvolver e treinar novas habilidades que irão melhorar a autoestima. Todos nós podemos ser bons em muitas coisas. Isso cria recursos que são fundamentais pra gente se regular diante das demandas da vida", diz a psicóloga Lucia Rosa.



Algumas pessoas têm a sensação de que nunca fazem o suficiente e seguem se sobrecarregando

Autocuidado também é um aliado importante na recuperação

Quando começou a olhar mais para si mesma com compaixão, Julia passou a reconhecer seus limites. "Sou uma pessoa mais confiante, mais atenta e percebo quando preciso diminuir o ritmo faço pausas conscientes e estou aprendendo a dizer não. Também aprendi a pedir ajuda, pois sei que minha vulnerabilidade me fortalece e que eu não estou sozinha nesse processo, por isso a importância de nos comunicarmos", avalia. O autocuidado também foi um aliado importante na recuperação: "Uma das ferramentas mais poderosas que encontrei no caminho foi a ioga. Descobri uma maneira de criar uma conexão mais profunda comigo e iniciar o despertar para uma transformação em meu estilo de vida. A prática, combinada com a atenção plena e técnicas como a escrita e exercício físico, tem me ajudado".

O manejo de emoções como frustração, ansiedade e insegurança está no nosso mundo interno, porém, é preciso relacionar com o contexto global da situação, como pondera Deisy Emerich-Geraldo, doutora em Psicologia Clínica (USP). "Nós vivemos em uma sociedade que estimula a produtividade. Este é um fator que impacta o individual e pode contribuir para que as pessoas tenham a ideia de que 'ser eficaz' e 'ser produtivo' é via para ser visto, ser valorizado, ser feliz".

SAIBA MAIS

■ Organize seus afazeres da semana, com metas simples e constantes. Lembre-se: quanto mais tarefas se propuser, mais ansioso ficará. Um pouco é melhor do que nada.

■Tenha momentos de lazer. O lazer é extremamente importante, mas deixado de lado por pessoas que acabam colocando o trabalho como prioridade. Encontrar momentos de prazer como ler um livro, escutar uma canção ou assistir a um filme pode ser uma boa dica.

■Tire folgas pendentes e use as férias. As férias e folgas são direitos dos trabalhadores, mas, para além disso, servem para recarregar as energias. Não adie seu descanso e aproveite esse período, de preferência, longe dos dispositivos eletrônicos, como celular e computador.

■ Cultive relacionamentos saudáveis. Somos seres humanos a partir do relacionamento com as outras pessoas. Cultivar relações saudáveis com colegas de trabalho, amigos ou familiares pode ajudar na sua saúde mental. E atenção: fuja de discussões desnecessárias.

■ Exercícios físicos como remédio. Para aqueles que sofrem com estresse, ansiedade ou esgotamento mental, exercício físico não é opção e faz parte da cura ou prevenção. No entanto, escolher uma prática que lhe dê prazer faz com que você não desista no meio do caminho. Meditação e ioga são boas opções.

■ Melhore sua alimentação. Se está difícil melhorar os hábitos alimentares, comece diminuindo a quantidade de ingestão de bebidas alcoólicas e alimentos ultraprocessados. Na sequência, ou ao mesmo tempo, procure se hidratar mais com água, chás ou sucos naturais e insira maior quantidade de frutas e legumes no dia a dia.

■ Respire. De todas as dicas, esta é a mais simples e acessível para todos. No entanto, poucos param para pensar sobre seus benefícios. Fazer uma pausa de cinco minutos do seu dia para inspirar e expirar, com os olhos fechados, desviando o foco das preocupações, te trará uma sensação de alívio. Que tal tentar?

Manejo correto do solo: a NATUREZA agradece e retribui

Conhecimentos sobre plantio e manutenção adequada garantem plantas mais saudáveis e viçosas, além de contribuir com a preservação do meio ambiente

Fotos: Arquivo Pessoal

Cultivar plantas em casa requer algum conhecimento sobre espécies adequadas ao local e substrato ideal para cada uma delas

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O correto manuseio do solo é essencial para evitar o empobrecimento da terra e outros prejuízos à fauna e à flora. De acordo com o engenheiro agrônomo Walter Alves, o manejo inadequado, aos poucos, acaba toda a biodiversidade, pois está tirando nutrientes, mexendo na estrutura, além de prejudicar a qualidade da água. "Uma planta, quando está em ambiente mal manejado, não cresce, não reproduz, os prejuízos são imensos. Cada vez mais pode-se perceber a diminuição de animais que ficam naquele ambiente", explicou.

Ele esclarece que para manter uma horta em casa ou realizar o plantio de qualquer cultura em um sítio ou outra propriedade maior é necessário entender as diferenças de manuseio do solo nestes ambientes. "Quando a gente pensa em uma horta, a gente vai preparar o substrato, que é uma mistura de areia, esterco, adubo, de algumas coisas que você vai misturar", orienta o especialista.

Independentemente do tamanho do sítio, cada tipo de solo vai demandar um tratamento diferente, pois pode ter declive ou aclive, passar água ou não, dentre outras características.

Para muitas pessoas, as plantas servem como uma espécie de terapia. É o caso da jornalista Sandra Macedo, que conheceu os jardins através da mãe e da avó. Hoje, possui várias espécies em casa. "Eu não me imagino morar num local sem plantas ou abandonar as minhas. Muitas pessoas gostam de ir às compras, outras gostam de sapatos, outras de roupas. Eu gosto de plantas. O cultivo é muito prazeroso, além de ajudar a gente a ter paz. É muito bom o contato com a natureza, mexer na terra, cuidar daquela planta e vê-la florir", elogia.

Foi por influência familiar que montou o primeiro jardim em sua casa sem saber que aquele hábito se transformaria em amor. "Quando eu vim morar sozinha, no começo dos anos 1990 em João Pessoa, comprei uma casa que tinha espaço. Aí pensei: por que não colocar um jardim? Quando eu fui colocando as plantas, a minha avó vinha do interior e elogiava. Fui acumulando mais por causa dela. Isso me estimulava e eu plantava mais porque eu queria que ela visse tudo bonito", relatou.

Depois, Sandra mudou-se para um apartamento e no térreo conseguiu manter e aumentar a variedade das plantas. Até que uma vizinha lhe apresentou a rosa do deserto. "Ela me deu uma muda e eu fui ler sobre a planta. Aí eu vi o quanto ela é fascinante e o que pode fazer quando vai aprendendo a criar outras mudas. Aos poucos fui tendo outras espécies de rosa do deserto", detalhou.

Com o início da pandemia da covid-19, no ano passado, a jornalista passou mais tempo em casa. Foi quando pôde se dedicar ainda mais à jardinagem. Hoje em dia, possui plantas pra ornamentação e outras que servem para alimentação, chás ou temperos. "Gosto de plantar alecrim, manjericão, pimenta de dedo, pimentão, pimenta de cheiro, coentro, cebolinha e citronela. É bom ter hortaliças da sua casa que você plantou. Aprendi a fazer enxerto, que é unir espécies de plantas diferentes, além de polinizar, que é usar o pólen de uma flor em outra e disso obter sementes", declarou.

Queimadas causam prejuízos à terra

A queimada ainda é a prática mais utilizada pelos agricultores do Semiárido paraibano para limpeza e preparo do solo antes do plantio. Na maioria das vezes ocorre sem a orientação dos órgãos competentes causando danos, como a eliminação de nutrientes essenciais às plantas. Conforme o coronel Saulo Laurentino, do 3º Comando Regional de Bombeiros Militar da Paraíba, as queimadas podem atingir áreas de preservação ambiental e trazer uma série de prejuízos à biodiversidade, aos ecossistemas e à qualidade do ar, principalmente, no segundo semestre do ano.

"Nesta época, os fatores naturais como a estiagem, a baixa umidade relativa do ar e as altas temperaturas facilitam a propagação de incêndios em vegetação, aumentando os prejuízos à fauna e à flora, ao patrimônio alheio e ao meio ambiente", informou.

O Sertão da Paraíba é onde mais acontecem incêndios em vegetação. Em 2019, foram 726 deslocamentos de guarnições do Corpo de Bombeiros para esse tipo de ocorrência. Em 2020, foram 795 registros. "Esses incêndios são iniciados, quase que na sua totalidade, em propriedades rurais através da prática agrícola com utilização indiscriminada do fogo ou às margens das rodovias", descreveu.

Com isso, os órgãos de pesquisa agropecuária vêm desenvolvendo formas de produção sustentável que não necessitam do fogo para limpeza ou manutenção. A orientação do coronel é que os agricultores procurem essas entidades para obter a instrução adequada.

Já o engenheiro agrônomo Walter Alves reforça que as queimadas prejudicam a camada dos primeiros dez centímetros do solo, que é de onde as plantas tiram os nutrientes. Por isso, afirma que o manejo adequado da água e do solo é que podem definitivamente excluir a prática da rotina do agricultor. "Quando a gente queima, está matando os nutrientes. Só que isso depois é disponibilizado para as plantas em forma do carbono. Aí, tem o vigor na primeira brotação. Quando queima mais uma vez, dá uma brotação já menor, mas ainda boa. A partir da terceira, já começa a ver que já não germina mais como pensava e começa a dizer que o solo é ruim, mas na verdade, a gente é que fez isso", finalizou.

+ Rotação de culturas

Sandra Macedo acredita que algumas plantas ornamentais precisam de mais cuidados, o que não diminui a atenção com as outras espécies. "As suculentas têm que estar com o substrato correto. A forma de colocar água precisa ser sem encharcar o solo. O tipo de jarro tem que ser bem drenante, que é para escorrer a água e não acumular", comenta.

Segundo o engenheiro agrônomo, para manter uma horta em casa deve-se trocar o substrato e as espécies plantadas após algum tempo. "Se plantar, por exemplo, coentro naquele canteiro, da próxima vez já planta cebolinha, faz uma rotação de cultura. No sítio também, tem que sempre pensar em rotação de cultura e, com isso, a gente muda. Uma leguminosa pode deixar um nutriente para a gramínea", alertou.

Walter Alves entende que a rotação de cultura é uma das melhores ações para o solo, já que uma planta vai deixando o nutriente para outra, evitando assim, a extinção das substâncias importantes. "Se plantar apenas uma cultura, o solo fica mais pobre porque ele vai tirando e não vai havendo troca. Nas hortas, a gente deve fazer uso de um substrato adequado que tenha uma mistura de adubo com a terra vegetal ou areia. Essa terra tem que ser bem afofada para que as raízes, principalmente das hortaliças, consigam se desenvolver bem", analisou.

Inclusive, o ideal não é fazer uma horta só de duas ou três culturas, mas de, pelo menos, quatro ou cinco, pois a biodiversidade ajuda a controlar as pragas. "A diversidade das culturas ajuda a controlar as pragas. Tem que manter sempre a irrigação, sempre que o solo estiver seco, dependendo da cultura, um pouco mais ou um pouco menos de água. Isso serve para as hortas em casa, apartamentos ou propriedades rurais", acrescentou.

Disputa no Sertão

Atlético e Sousa se enfrentam neste domingo fechando a quarta rodada do Campeonato Paraibano de 2021 em jogo no estádio Perpetão. Página 24

Foto: Nononononnonono

Clássico Tradição

10 anos de um jogo que entrou para a história

Semifinal do Paraibano terminou em pancadaria e Treze levou a melhor no campo, na briga e na justiça desportiva

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O clássico tradição, disputado por Botafogo da Paraíba e Treze, desde 1939, é o representante máximo de uma rivalidade que transcende o campo de futebol para se transformar em uma metáfora da dualidade política, social, econômica e futebolística entre João Pessoa e Campina Grande. Em um domingo de dias das mães, como hoje, há 10 anos, um dos episódios mais icônicos desse embate ocorreu a "Batalha do Amigão", jogo ocorrido pela segunda e decisiva partida da semifinal do Campeonato Paraibano de 2011.

Com um dos melhores times de sua história recente, o Treze que era comandado por Marcelo Vilar, tinha em seu elenco jogadores como Ferreira, Celico, André Lima, Doda e Warley. Atletas que, dois anos depois, fariam parte de outro grupo de jogadores históricos, o do Botafogo, campeão paraibano e da Série D de 2013, mas essa já é outra história.

Time de melhor campanha na primeira fase do Estadual de 2011, o Treze - que ainda contava com o baixinho Cléo, Vavá - personagem central dessa história, e Fernando Pires -, com folga, liderou a primeira fase da competição vencendo 13 jogos e empatando outros cinco, em uma campanha invicta até as semifinais onde, em dois jogos, enfrentaria o Botafogo, último colocado entre os quatro primeiros que avançaram para esse estágio daquele certame.

Como nessa história o final é o menos importante, já podemos adiantar para o leitor que não lembra ou desconhece esse episódio que, na outra semifinal, o Campinense enfrentou e eliminou o surpreendente e recém -promovido CSP, avançando para as finais, onde foi derrotado pelo Treze, o melhor time paraibano daquela temporada.

Porém, antes da final, o imponderável - razão principal para o amor que o futebol desperta nas pessoas - ocorreu. Com a vantagem de jogar o segundo e decisivo confronto em Campina Grande, o Treze chegou com toda a pompa natural ao perfil galista e foi até a capital para a primeira partida no Estádio Almeidão.

O time de João Pessoa que teve Paulo Moroni como treinador ao longo da primeira fase da competição, mesmo classificado para as semifinais, resolveu promover, em cima da hora, uma troca de seu comando técnico apostando em um debutante na profissão: Maurício Cabedelo, ex-jogador revelado pelo Botafogo e com passagens marcantes também pelo Treze. Mesmo nesse cenário de mudanças abruptas e após uma campanha cambaleante na primeira fase, o Belo - que tinha em seu elenco jogadores como Genivaldo, Rogerinho, Miltinho, Charles Vagner e a dupla de ataque titular formada por Paulinho Macaíba e Edmundo - não só venceu o primeiro jogo das semifinais, mas goleou por 4 a 0, com gols dos seus dois principais atacantes e mais dois de Binho, que entrou na segunda etapa.

Entrando sem favoritismo e goleando de cara o rival, ninguém deu muita bola para esses lances desperdiçados cujo placar poderia ter sido maior, no entanto, eles fizeram muita falta depois e com a sabedoria de quem conhece o caminho dos triunfos, Warley, hoje ídolo botafoguense, na saída do Almeidão naquele dia avisou: "Confiamos no nosso elenco e o futebol é cheio de surpresas".

Se pelas leis da natureza um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, no futebol, habitado por outras regras, as surpresas ou o imponderável, como sugeriu Warley, resolveram aprontar

> "Se separarmos o que aconteceu depois que o resultado se concretizou, a história dos dois jogos é fácil de ser contada. No primeiro só deu Botafogo e no segundo, o Treze"

mais uma vez, agora no jogo da volta, onde com a inversão do favoritismo repetiu o mesmo resultado, um 4 a 0 para os donos da casa, que dessa vez eram os trezeanos, como lembra Rostand Lucena, narrador esportivo que esteve presente nos dois jogos dessa semifinal histórica entre Treze e Botafogo.

"Se separarmos o que aconteceu depois que o resultado se concretizou, a história dos dois jogos é fácil de ser contada. Na primeira partida, um Botafogo muito melhor e determinado, fez dois gols no primeiro tempo e dois no segundo. No segundo jogo, o Treze foi melhor e fez exatamente a mesma coisa, dois gols em cada tempo e, como tinha a vantagem de jogar por resultado iguais, graças a sua campanha na primeira fase, com esse resultado se classificou para a decisão, onde depois sagrou-se campeão ", relembrou Rostand.

Porém, convenhamos, é difícil deixar de lado o que ocorreu após o Treze chegar ao seu quarto gol, afinal, foi esse o momento chave para que esse jogo tenha tomado a proporção que, até hoje, ostenta no imaginário do futebol da Paraíba. Conhecido por comemorar seus gols simulando uma metralhadora em uma comemoração nada prudente e "sui generis", Vavá, atacante dos bons e cuja alcunha era, justamente, "Vavá Metralha", depois de marcar o quarto e último gol dessa peleja histórica, apontou para a torcida e banco de reservas botafoguenses, os tiros simbólicos que disparava pelo tento marcado. Pois bem, se a comemoração remetia à uma guerra, foi justamente isso que ela despertou.

Um dos "alvejados" por Vavá, foi Raimundo Nóbrega, torcedor botafoguense e professor aposentado da UFPB, que estava no Amigão naquele dia. Ele aponta que, além do atacante trezeano, outro responsável pela batalha campal que se desenrolou, após o quarto gol, foi o árbitro da partida, Jéferson Rafael dos Santos - que depois desse jogo não figurou mais nos quadros de arbitragem da Paraíba.

"Em 2011 depois do Botafogo ganhar do Treze, em João Pessoa, para o jogo de volta, a FPF indicou como árbitro Jéferson Rafael dos Santos, um desconhecido do meio esportivo, para dirigir essa partida tão importante. Pois bem, o Treze ganhou de 4 a 0, como precisava, no maior assalto que um juiz de futebol poderia fazer contra uma agremiação esportiva. Ele expulsou jogadores do Botafogo, validou gols irregulares do Treze e anulou um gol do Botafogo, além de não marcar duas penalidades máximas contra o Treze", afirmou Raimundo Nóbrega.

Por conta dessa atmosfera de revolta botafoguense com o comando do jogo, foi criada a bomba que só precisava de um estopim para explodir. É aí que entra Vavá que, após o quarto gol, acendeu o pavio com a sua acintosa comemoração. Como toda ação tem reação, a teatral comemoração foi seguida de uma plástica "voadora" do técnico do Belo, Maurício Cabedelo, que ainda agrediu o árbitro Jéferson Rafael, antes de ser detido e levado para a 6ª delegacia distrital, no bairro do Catolé, onde prestou depoimento e foi liberado posteriormente.

Além de Maurício, Jéferson Rafael e Vavá, praticamente todos os jogadores entraram em conflito corporal enquanto a audiência das arquibancadas se incendiava, tanto que a polícia precisou intervir dentro e fora do campo para apaziguar os ânimos. Quando o jogo retornou, o Treze estava com três jogadores expulsos: os atacantes Cléo e Vavá, além do goleiro Carlos. Enquanto que o Botafogo havia perdido o seu treinador, o goleiro Genivaldo e o zagueiro Henrique. Com os dois times sem substituições para fazer, Warley foi para o gol trezeano e o volante Ivan para a meta do Belo.

Nessa altura, o time de João Pessoa precisava de apenas um gol para se classificar, ainda havia pouco mais de 10 minutos para serem jogados e o Belo agora tinha um homem a mais, portanto, era possível. Foi aí que o meia Doda e o atacante Vaninho desabaram em campo para serem, em seguida, declarados pelo médico do Treze, Nelbi Fernandes, como sem condições de jogo - de acordo com o delegado daquela partida, José Araújo, em entrevista após a confusão e o término da partida.

Como na regra do futebol, um time não pode jogar com menos de 7 atletas em campo, o Treze ficou com seis jogadores em campo e, por conta disso, a partida foi encerrada, com o placar em 4 a 0 e a classificação do Galo garantida.

A partida que entrou para a história, conforme retratado na edição do Jornal A União de 10 de maio de 2011 - disponível em QR Code nesta matéria - ainda teve desdobramentos jurídicos com o Botafogo recorrendo ao Tribunal de Justiça Desportiva de Futebol (TJDF-PB) e obtendo decisões favoráveis na primeira instância, mas com um efeito suspensivo, o caso acabou perecendo no Superior Tribunal de Justiça (STJD), fato que garantiu ao Treze a vaga na final contra o Campinense e o título estadual daquele ano que, para a glória galista e a revolta botafoguense, teve seu ponto alto na "Batalha do Amigão" episódio de uma década atrás, eternizado na história do principal clássico entre um time da capital e um representante do interior, no Brasil.

Através do QR Code confira toda a reportagem do polêmio clássico no Amigão

Foto: Felipe Gesteira

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Acima, Mauricio Cabedelo, técnico do Botafogo e envolvido na grande confusão, também relatada pelo historiador Raimundo Nóbrega e narrada pelo radialista Rostand Lucena, que testemunhou tudo que aconteceu no Amigão

Birungueta vive grande momento no Treze

Jogador vem sendo decisivo nos jogos do Galo, como nos confrontos contra o Atlético e o Nacional de Patos, quando fez dois gols em cada jogo

Foto: Instagram/Trezeoficial

Jogadores folgam neste domingo, mas se reapresentam amanhã para seguir atividades visando jogo em Sousa

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

A vitória sobre o Nacional veio na hora certa para mudar o clima no Presidente Vargas. Os jogadores do Treze se reapresentaram na sexta-feira à tarde, menos de 24 horas após vencer o Canário do Sertão, por 2 a 1, em partida disputada nessa última quinta-feira, no Amigão. Ontem, o time voltou a treinar em dois expedientes já pensando na próxima partida, que será na quinta-feira, contra o Sousa, no Marizão, em Sousa. O domingo será de folga e a reapresentação será amanhã.

Um dos jogadores mais alegres do elenco é o meia ofensivo Birungueta. Foram dele os dois gols da virada contra o Nacional, que colocou o Galo na segunda posição no Campeonato Paraibano, com 7 pontos. A torcida está comparando a atual fase do atleta, com o desempenho que ele teve no ano de 2013, quando foi o grande destaque do time, marcando 5 gols na temporada e sendo decisivo. Birungueta, que é cria da casa, acha que o sucesso está vindo graças ao trabalho forte que vem fazendo e está muito feliz em ser o artilheiro da competição.

"Estou muito feliz com a atual fase e espero superar o que produzi em 2013, que foi um ano mágico para mim. Graças a Deus estou trabalhando muito forte e o resultado deste esforço está começando a aparecer. Espero que continue assim e que eu possa ajudar o Treze a lutar pelo título do Paraibano", disse o atleta.

Para o jogo contra o Sousa, considerado estratégico, porque os dois clubes lutam pelas primeiras colocações, o Galo já poderá escalar os reforços contratados esta semana. São eles o volante João Ananias, que já está regularizado, além do atacante Iago Martins e o lateral Ferrugem, ambos deverão ser regularizados antes da partida contra o Dinossauro.

Botafogo

O Botafogo, após a vitória sobre o São Paulo Crystal, já retornou aos treinos desde quinta-feira e não para durante o final de semana. Treinou ontem à tarde e hoje será pela manhã. No momento, o técnico Gerson Gusmão está trabalhando, com maior intensidade, na bola na área defensiva, já que o time apresentou falhas neste setor no jogo passado, inclusive tomando um gol.

O próximo adversário do Belo será o Campinense, na próxima quarta-feira, em Campina Grande. Para esta partida, a novidade poderá ser o retorno do atacante Rafael Oliveira. Se isso acontecer, o treinador deverá mudar a forma de jogar da equipe, que vem atuando sem atacante de área.

O lateral esquerdo Lucas não deverá ter condições de jogo. Ele sofreu uma entorse no joelho na partida contra o São Paulo e preocupa o departamento médico. Novos exames estão sendo feitos e há a possibilidade dele ter rompido os ligamentos laterais. Se isto ocorreu, só seria possível se recuperar com uma cirurgia semelhante a que se submeteram o zagueiro Fred e o volante Rogério, ambos já recuperados, além do atacante Bruno, que está em fase de recuperação.

Japão amplia estado de emergência por causa da covid-19 a menos de 80 dias para os Jogos Olímpicos

Faltam 76 dias para a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020, adiados em um ano por causa da pandemia do novo coronavírus, mas o Japão segue convivendo com os riscos da contaminação pela covid-19, que tem aumentado no país nas últimas semanas. Tanto é que, na última sexta-feira, o primeiro ministro Yoshihide Suga anunciou que o estado de emergência, previsto para acabar na próxima terça, foi estendido até o final deste mês.

Estas medidas, menos restritivas que em confinamentos aplicados em outros lugares do mundo, estão em vigor desde o final de abril. Além da capital Tóquio, elas se estendem nas regiões de Osaka, Kioto e Hyogo e agora serão adotadas também nas regiões de Aichi (central) e Fukuoka (sudoeste).

"O número de novos casos está em um nível alto nas grandes cidades e os hospitais estão sob enorme pressão em Osaka e Hyogo", disse Suga nessa sexta-feira. "Nos baseando nesta situação, decidimos incluir Aichi e Fukuoka nas áreas do estado de emergência e estendê-lo até 31 de maio".

Programada para o próximo dia 17, a visita do alemão Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), a Tóquio não deverá ocorrer. De acordo com Seiko Hashimoto, chefe do Comitê Organizador dos Jogos de Tóquio-2020, a situação no Japão não é favorável no momento.

"Acho que é muito importante que o presidente Bach examine a situação atual (antes da Olimpíada). No entanto, quando o estado de emergência for estendido, provavelmente será um fardo enorme para ele visitar durante esse período", afirmou Hashimoto durante a entrevista coletiva semanal do comitê, na última sexta-feira.

Inicialmente, Bach deveria participar da etapa de Hiroshima do revezamento da tocha olímpica, no próximo dia 17, e se encontrar com o primeiro ministro no dia seguinte, cerca de dois meses antes da abertura da Olimpíada. A ideia era reafirmar com os organizadores a segurança do esquema montado em meio à pandemia. O Japão, porém, tem encarado um aumento das infecções desde abril.

A viagem programada para este mês deveria ser a primeira vez de Bach no Japão desde novembro do ano passado. Na época, o presidente do COI se encontrou com Suga e visitou o estádio Nacional, em Tóquio, o principal sede dos Jogos.

Foto: Divulgação

O primeiro ministro Yoshihide Suga anunciou que o estado de emergência foi estendido até o final deste mês

Pandemia atrapalha planos da Seleção para Copa 2022

Calendário apertado obriga a comissão técnica a se desdobrar para montar o grupo e readequar planejamento

Marcio Dolzan
Agência Estado

Sem atuar há quase seis meses, a seleção brasileira volta a se reunir no fim deste mês visando duas disputas distintas: as Eliminatórias da Copa do Mundo do Catar e a Copa América, que será disputada em junho na Colômbia e na Argentina. E, com o calendário fortemente afetado pela pandemia do novo coronavírus, a comissão técnica terá que se desdobrar para montar o grupo e readequar o próprio planejamento.

Após o fracasso na Copa da Rússia, quando o time caiu nas quartas de final diante da Bélgica, Tite e o então coordenador de seleções, Edu Gaspar, elaboraram uma estratégia de longo prazo visando a renovação do grupo. Assim, o planejamento até o Mundial do próximo ano foi dividido em três etapas.

A ideia inicial da comissão técnica era aproveitar o período sem jogos oficiais no segundo semestre de 2018 para testar novos atletas. No médio prazo, o time seria mais cascudo, formado por jogadores de confiança do treinador e por jovens que vinham bem. A intenção - na verdade, uma necessidade - era vencer a Copa América de 2019, disputada no Brasil. E o título da competição, que não vinha havia 12 anos, foi conquistado.

A parte mais importante do planejamento, porém, viria na sequência. O início das Eliminatórias para a Copa do Mundo e o seu andamento, com as Datas Fifa espalhadas regularmente ao longo do ano, serviria para o Brasil consolidar uma seleção para a busca do hexa. Só que aí veio a pandemia. O calendário foi suspenso e campeonatos continentais, como a Eurocopa e a Copa América, foram adiados em um ano. No fim, a regularidade das Datas Fifa foi por água abaixo, assim como o planejamento inicial da seleção.

Agora, faltando um ano e meio para a Copa do Mundo, Tite se vê em situação semelhante à de quando assumiu a equipe, no segundo semestre de 2016. Naquela época, porém, o treinador precisou montar seu grupo a partir do zero e sem nenhuma experiência de seleção. Agora, conta com cinco anos e uma Copa de lastro.

Foto: Divulgação/CBF

O técnico Tite tem até o dia 16 para notificar os clubes sobre os atletas que irão defender o Brasil na disputa dos jogos pelas Eliminatórias da Copa 2022

Lista dos convocados prevista para o dia 14

Tite tem até o domingo, dia 16, para notificar os clubes sobre os atletas que defenderão o Brasil nos duelos diante do Equador, dia 4 de junho, em Porto Alegre, e Paraguai, quatro dias mais tarde, em Assunção. Por isso, é provável que a lista de convocados para as Eliminatórias seja anunciada na sexta, 14.

Até lá, o treinador terá de definir se a convocação valerá também para a disputa da Copa América. A competição começa em 11 de junho, e o Brasil ficará baseado na Colômbia. Caso o técnico opte por levar o mesmo grupo de jogadores para as duas disputas, os clubes que cederem atletas para a seleção poderão ficar desfalcados por mais de 40 dias.

Outra preocupação da CBF diz respeito aos Jogos Olímpicos. O time olímpico é treinado por André Jardine e deverá contar com três atletas acima de 23 para a disputa em Tóquio. Neymar poderá estar entre eles.

A competição acontecerá apenas em julho, depois da Copa América. Ocorre que os clubes não são obrigados a liberar seus atletas para o torneio olímpico - e é possível que alguns que sejam chamados por Tite tenham idade para estar também na equipe de André Jardine. Para resolver essa equação, a CBF terá de negociar com cada clube a liberação dos jogadores. Em 2016, por exemplo, a entidade fez um acordo com o Barcelona e Neymar disputou apenas a Olimpíada.

Preparação

O Estadão apurou que o Brasil deverá realizar um período de preparação na Granja Comary, em Teresópolis. Caso a opção se confirme, o grupo deverá se reunir a partir de 31 de maio.

Assim como aconteceu às vésperas da Copa de 2018 e da Copa América de 2019, é provável que o grupo esteja desfalcado nos primeiros dias de preparação. Isso porque a final da Liga dos Campeões está marcada para o dia 29, em Istambul, na Turquia. E jogadores de confiança de Tite, como Ederson, Fernandinho e Gabriel Jesus (Manchester City) e Thiago Silva (Chelsea), estarão em campo.

Fórmula-1

Verstappen espera assumir liderança do Mundial hoje no GP da Espanha

Agência Estado

Max Verstappen retorna ao palco onde conquistou a sua primeira vitória na Fórmula 1. No GP da Espanha, que será realizado neste domingo, a partir das 10h (Horário de Brasília), o piloto holandês projeta disputa parelha com a Mercedes pela vitória e espera extrair o máximo do carro da Red Bull, além de conquistar novos aprendizados para as 19 provas restantes da temporada 2021.

O atual vice-líder do Mundial de Pilotos chegou à categoria máxima do automobilismo em 2015, com apenas 17 anos, pilotando na Toro Rosso (atual AlphaTauri). Após boa temporada de estreia, seguiu por lá em 2016, mas logo foi convocado a assumir posto na equipe principal do grupo Red Bull. Sua estreia no cockpit da escuderia austríaca foi justamente no circuito de Montmeló, na Espanha, e ali conquistou a sua primeira vitória, caindo nas graças dos fãs de automobilismo.

Em 2016, terminou o campeonato na quinta posição e desde então vem progredindo e alcançando melhores colocações. Em 2019 e 2020, ficou com o terceiro lugar e nesta temporada promete brigar metro a metro pela vitória com o heptacampeão mundial Lewis Hamilton. Para chegar nestas condições, o piloto holandês reforça o trabalho incansável e relembra como foi sua primeira vez no lugar mais alto do pódio.

"As pessoas pensam que vencer é fácil, mas você tem que trabalhar duro para isso. Como todos os jovens pilotos, passei muito tempo fora de casa. Meu pai me ajudou muito e me preparou bem, mas não há garantia de que você chegará à Fórmula 1. Como família, esse sempre foi o objetivo. Foi um dia incrível. Eu nunca vou esquecer aquele dia", revelou o piloto da Red Bull, cujos pais também tiveram as suas carreiras no automobilismo. Sua mãe, Sophie-Marie Kumpen, foi campeã no kart, enquanto que o pai, Jos Verstappen, pilotou na Fórmula 1.

"Guardarei sempre memórias especiais do Barcelona", continuou Verstappen. "A primeira vitória sempre é muito emocionante, especialmente quando é uma surpresa para todos. Não fico emocionado com tanta frequência, mas naquele dia eu tinha lágrimas nos olhos, assim como meu pai", revelou. Sobre a disputa com as Mercedes, o piloto da Red Bull ressaltou que a definição do vencedor na Catalunha sairá de quem escolher o melhor ajuste para o carro e a melhor estratégia para classificação e corrida.

"Voltaremos a andar próximos e só depende de quem encontrar os melhores ajustes. Barcelona é um circuito que conhecemos muito bem. Estamos em uma corrida de desenvolvimento com a Mercedes e precisamos garantir que manteremos esse nível pelo resto da temporada. Mesmo se vencermos, há muitas coisas que podemos aprender", finalizou.

Distante apenas oito pontos do líder Lewis Hamilton, Verstappen pode assumir a ponta do campeonato no GP da Espanha, desde que vença, e Hamilton termine em terceiro.

Foto: Divulgação

O holândês Max Verstapen vai disputar a prova no autódromo onde ganhou a sua primeira corrida na F-1

Foto: Jeffersonemanoel/SEC

Depois de empatar com o Campinense sem gols, no Estádio Marizão, o Sousa encara o Atlético fora de seus domínios neste domingo

Atlético e Sousa fecham a 4ª rodada hoje no Perpetão

Clássico sertanejo é de fundamental importância para as equipes que buscam melhorar a posição na tabela de classificação

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Atlético e Sousa fazem hoje um dos jogos de maior rivalidade no Sertão, pela quarta rodada do Campeonato Paraibano. A partida está programada para as 16h, no Estádio Perpetão, em Cajazeiras. As duas equipes estão em situação diferente na tabela de classificação. Para o Dinossauro, uma vitória poderá levar a equipe para a segunda colocação da competição. Já para o Atlético, os 3 pontos são muito importantes, porque tiraria o clube da zona de rebaixamento. Sempre que se encontram a expectativa é muito grande nas duas cidades, mesmo o público não podendo comparecer ao estádio, por causa da pandemia do coronavirus.

Após uma derrota e dois empates, o Trovão Azul ocupa a lanterna do Campeonato Paraibano e luta desesperadamente para fugir da zona de rebaixamento. O clube vem passando por muitos problemas financeiros, desde que o grupo Lira deixou a presidência. A diretoria resolveu fazer uma parceria com uma empresa terceirizando o futebol e acabou sendo um desastre. Em seguida, o clube partiu para formar um time modesto, às vésperas do início da competição e o resultado é que este ano, o Atlético vai lutar mesmo para fugir do rebaixamento, ao contrário dos últimos anos, quando o clube brigou pelo título e fez belas campanhas.

Nos últimos dias, o clube contratou alguns reforços e o treinador Fininho, que já jogou no clube. Esta partida contra o Treze será a estreia dele no comando técnico da equipe. O empate contra o Nacional, fora de casa, foi considerado um bom resultado, e agora o time quer conseguir a sua primeira vitória na competição, justamente contra o maior rival, o Sousa, o que teria um sabor especial para o torcedor de Cajazeiras.

Já o Dinossauro, após perder na estreia para o Botafogo, em casa, se recuperou em seguida e venceu a Perilima, em Campina Grande, e na última rodada, empatou em zero a zero com o Campinense, no Marizão. Apesar de jogar na casa do adversário, o Sousa está confiante em conseguir uma vitória, para entrar de vez na briga por uma vaga nas semifinais do campeonato.

O presidente do Sousa, Aldeone Abrantes, espera um jogo muito disputado, pegado como se diz na gíria do futebol, mas acredita que o Sousa tem condições de derrotar o rival, dentro de Cajazeiras. "O Sousa nunca participa de qualquer competição, só por participar. Nós já fomos duas vezes campeões paraibanos e sempre entramos para lutar pelo título. Sendo assim, o Dinossauro entra em campo pensando em um único resultado, que é a vitória, independentemente do adversário ou local. Às vezes não dá, mas sempre entramos para vencer", disse Aldeone, que espera uma grande exibição do seu clube neste domingo.

Fluminense joga pelo empate para ir à decisão do Carioca

O segundo finalista do Campeonato Carioca de 2021 será conhecido neste domingo, no Maracanã, entre Fluminense e Portuguesa, a partir das 16h. Como empatou em 1 a 1 na primeira partida e por ter vantagem de dois empates, o Tricolor das Laranjeiras entra em campo por nova igualdade no placar ou mesmo uma vitória, já que é considerado grande favorito e deve usar jogadores importantes neste duelo, bem diferente do anterior quando o técnico Roger Machado poupou vários titulares. As presenças de Nenê e Fred não estão descartadas. o Flu vem de grande maratona com os jogos da Copa Libertadores em primeiro plano, mas de olho numa final do Carioca. A Portuguesa, que já venceu o Tricolor na primeira fase por 3 a 0, não tem outra alternativa na partida a não ser a vitória.

Taça Rio

Já pelas semifinais da Taça Rio,o Botafogo volta a jogar contra o Nova Iguaçu, necessitando de uma vitória para disputar a final da competição. No primeiro jogo houve empate sem gols, domingo passado, no Estádio Nilton Santos, mesmo local do jogo de volta. às 18 horas. O time da Baixada Fluminense joga pelo empate devido a melhor campanha já que terminou em sexto e o Botafogo em sétimo.

Foto: Mailson Santana/Fluminense

No jogo de ida, no domingo passado, houve empate de 1 a 1. A Portuguesa só se classifica se vencer a partida

Rabada da Vovó

Um prato típico e muito tradicional, com toques de cachaça e um acompanhamento com origens na Itália. A receita de rabada deste domingo é a da Vovó Honorina. Página 28

Fotos: Walter Ulysses

Alfaiataria em desalinho

Mercado de roupas feitas sob medida já não vive os bons momentos de antigamente, mas se reinventa e atrai um público que faz questão de roupas personalizadas

Carol Cassoli
Especial para A União

Mede, corta, alinhava, modela, corta novamente, ajusta... Assim costumava ser a rotina de um alfaiate. Um trabalho que já não tem o mesmo volume de antigamente, mas que continua prestigiado por quem faz questão de vestir algo além de roupas; imagens.

Em meio às minúcias do corte e costura, José Elias Xavier constrói não apenas peças, mas também narrativas. Alfaiate profissional desde 1959, Elias conta que, do interior do ateliê Vesúvio, acompanhou o mundo mudar através das vestes das pessoas. "Antigamente, quando todas as profissões tinham aprendiz, eu aprendi a costurar; hoje, costumo apenas remendar, porque a alfaiataria mesmo já morreu", constata ao observar que os tempos áureos da alfaiataria clássica, o estilo que agrada os mais conservadores, já se foi.

Modesto, José Elias esconde sob um singelo sorriso e fala com despretensão sobre as inúmeras vezes em que foi o costureiro de políticos locais. Solitário, o alfaiate que vestiu figuras como Wilson Braga, Carneiro Arnaud e Dorgival Terceiro Neto vê os dias passarem e a demanda, que diminuiu há uns anos, ressurgir com uma nova roupagem: a revalorização da alfaiataria como um trabalho indispensável aos armários de muita gente, mas seguindo uma lógica diferente. "Hoje, todo mundo quer alfaiataria, só que não como antes. Agora o negócio é comprar a modelagem pronta direto na loja", José Elias explica que, mesmo com as mudanças que, rapidamente, mataram a profissão para a qual se dedica há 65 anos, não se entristece.

Para ele, que gosta de ler e obriga sua antiga máquina a dividir espaço com pequenas pilhas de livros e outros papéis, é preciso que um homem acompanhe o mundo e não o contrário. O senhor que, outrora, tirou as medidas do governador Tarcísio Burity analisa o mundo e chega à conclusão de que mesmo não sabendo "bulir" com celular, aceita bem a chegada das novas tecnologias e o consequente desuso de seu ferro de passar profissional, que em outros tempos esquentava as calças que desfilavam pelas ruas de João Pessoa.

Roupas e narrativas

O ramo da alfaiataria se desenvolve desde a Idade Média e os tecidos de alfaiataria são bem vistos no mundo da moda por conferirem destaque ao casual e tirarem a obviedade de combinações comuns. A palavra alfaiataria é culturalmente associada à elegância, fazendo com que as peças sob medida sejam entendidas como um elemento coringa do dia a dia.

A analista de coloração pessoal Jade Vilar explica que peças em alfaiataria são 'chiques' e que o estilo sob medida age como ferramenta de potencialização do vestir humano. "As peças de alfaiataria possuem uma mensagem, junto ao imaginário, de sofisticação e cuidado com a imagem pessoal", comenta. Ela relata que a alfaiataria era vista apenas como algo clássico, e vem se tornando contemporâneo, porque é um item estratégico de comunicação em que a associação de alguns elementos - como os tecidos e cores certas - adiciona um diferencial na composição imagética da pessoa.

A indústria da moda se apropriou dos moldes do corte e costura e, atualmente, produz em larga escala, desviando o trajeto histórico da alfaiataria para as grandes empresas têxteis. A consultora de estilo Jéssica Leal, lembra que, na alfaiataria sob medida, diversas necessidades são atendidas ao mesmo tempo. "Antes, a alfaiataria era mais 'quadrada', com cores sóbrias e padronizadas. Mas a alfaiataria veste bem e atende a diversas situações ao mesmo tempo", Jéssica explica que uma mesma calça de alfaiataria prova sua versatilidade ao ser usada com uma camisa social para ambientes profissionais e com uma camiseta para ambientes de lazer. "A alfaiataria tira você do lugar comum", explica.

Foto: Marcus Antonius

José Elias tem 65 de experiência e já vestiu personalidades como Wilson Braga, Carneiro Arnaud e Dorgival Terceiro Neto

Segmento é alternativa ao *fast fashion*

Foto: Arquivo pessoal

Consultora de estilo Jéssica Leal defende a roupa como ferramenta de comunicação estratégica

Com origem árabe, alfaiate significa "costureiro" e é o termo utilizado para designar os homens que trabalham com costura. Em casos como este, seria fácil tratar o alfaiate (ou a costureira especializada em modelagem de tecidos) como uma simples pessoa que trabalha sobre o pedal de uma máquina de costura. Contudo, o alfaiate desempenha funções que vão muito além de pequenos reparos e consertos de roupas, aos quais, contrariado, José Elias, sua fita métrica e outros tantos itens foram fadados.

"São peças feitas com tecidos mais estruturados, com bom corte e caimento, só funcionam junto a uma boa modelagem", destaca Jade Vilar. As roupas são moldadas de acordo com as medidas do cliente e levam os cortes e detalhes de uma peça que passou por um processo único de construção.

Aos poucos, banhado pelo sol do fim de tarde que o cobre junto de sua antiga mesinha, Elias chega à conclusão de que, no mundo atual, não há espaço para trabalhos lentos e minuciosos como o dele. Não como no passado. "Não estudei, porque não tinha condições; mas tudo passa e a gente, que está vivo, tem que acompanhar o tempo", o alfaiate de 80 anos se contenta em continuar por ali no ateliê que, carinhosamente chama de "meu buraco", diminuindo peças e fazendo remendos.

Consumo lento

O consumo desse tipo de roupa tem se tornado, atualmente, uma alternativa que se opõe ao *fast fashion* (movimento de consumo que prioriza a mudança de tendências em detrimento da qualidade do produto). "As roupas de alfaiataria estão muito em alta, principalmente as calças! Com o retorno de alguns estilos a alfaiataria voltou com tudo também", observa Brenda que, aos 21 anos, já viu o corte e costura mudar bastante.

De acordo com Jade Vilar, a importância da alfaiataria se esconde nos pequenos detalhes. Para ela, vivemos em um mundo abarrotado de pessoas, onde poucas delas vão ter a chance de te conhecer profundamente e muitas vezes até pessoalmente, por isso, cada vez mais, não é possível perder a chance de comunicações estratégicas (como no caso da alfaiataria), sem dizer uma única palavra. "As narrativas estão disponíveis para todos, quem as domina e sabe utilizá-las em benefício próprio, se destaca", arremata a analista de estilo.

Epitácio Soares

Entre os pioneiros do jornal Diário da Borborema

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Filho de um pequeno proprietário rural, o jornalista e radialista Epitácio Soares, era dotado de um espírito humanitário, isento de vaidades e valorizava muito o bem estar do próximo. A ponto de, na devastadora seca de 1930 que levou centenas de retirantes a abandonarem suas terras, ele deixar os afazeres na terra do pai e, aos 15 anos, ocupar-se em distribuir farinha e rapadura com os necessitados. Assim - a maneira inusitada que usava para aliviar as dores dos oprimidos -, ele conheceu sua esposa, Minervina, que logo aderiu à faina de bom samaritano do futuro marido, com quem casou e viveu por mais de 30 anos.

> "Sua versatilidade o levou a atuar em diversos jornais, notadamente na Rede de Emissoras e Diários Associados, pois Chateaubriand, o megaempresário deste império da comunicação, escolhia com olho de lince os nomes de quem chamava para sua equipe"

"Sisudo e monossilábico, ele só falava o que era necessário e, mesmo nas épocas de política, guardava segredo sobre o nome de quem iria votar, saindo-se bem com todos os candidatos que o procuravam," lembra a pedagoga Elba Figueiredo Soares, filha de Epitácio, residente em Campina Grande. "A única coisa que meu pai ostentava, mesmo assim de forma discreta, era seu caráter ilibado e a sua falta de apego aos bens materiais. Para ele, o prioritário era a família, seus eventos literários e os escritos que fazia de maneira ordenada, limpa e compreensivelmente sequenciada", comenta.

Todos na família o lembram como um pai e avô amoroso e presente. Era um autodidata aplicado. Mas o sonho que alimentava de ver um dos oito filhos formados materializou-se nas suas filhas, Elba e Cordélia. Um de seus filhos, Ronaldo Figueiredo Soares, por alguns anos trabalhou nas rádios Cariri e Borborema, em Campina Grande, como locutor. Também se tornou um cantor da Bossa-Nova, percorrendo o Brasil inteiro como solista da orquestra de seu cunhado, Ogírio Cavalcanti.

O escritor e jornalista Gilson Souto Maior, contemporâneo de Epitácio, afirma que ele foi um dos nomes mais expressivos do jornalismo campinense e paraibano. "Sua versatilidade o levou a atuar em diversos jornais, notadamente na Rede de Emissoras e Diários Associados, pois Chateaubriand, o megaempresário deste império da comunicação, escolhia com olho de lince os nomes de quem chamava para sua equipe". Epitácio foi um desses, que logo revelou seu talento fosse com a máquina de escrever ou com o microfone.

Arrojado como todos os sertanejos de seu tempo, Epitácio resolveu mudar de ares, em busca de novo espaço e de uma vida melhor. Iniciou como escriturário da empresa comercial do libanês Noujain Habib El Koury, representante de peças e veículos da Ford e cônsul honorário do Líbano, na região Norte-Nordeste do Brasil. "Enquanto isso, sua vida jornalística corria paralelamente e, no jornalismo, fixou sua vocação, escrevendo para jornais de Campina Grande, como O Rebate, que circulou por um razoável período de anos, e O Diário da Borborema.

Epitácio Soares tinha como única ostentação, conforme relato de sua filha, o caráter ilibado e falta de apego aos bens materiais

Foto: Arquivo

No auge do algodão, O Rebate levava a marca de Campina

Fundado pelo professor Luís Gil, Pedro d' Aragão e Pedro de Oliveira, O Rebate chegou a formar, juntamente com Epitácio, uma brilhante equipe de colunistas e repórteres. Colocado em circulação no dia 4 de outubro de 1932, viveu a fase áurea do algodão em Campina Grande, cujo apogeu centrou-se nas décadas de 1940 e 1950. Em Liverpool, onde iam parar mais de 80% da safra de algodão produzida na área comercialmente polarizada por Campina Grande, alguns importadores ingleses costumavam ler O Rebate, enviado pelos fornecedores campinenses.

Contribuíam para projetar o nome de Campina Grande, no exterior, via algodão, jornalistas do quilate de Epitácio Soares, Abel Correia, Adauto Rocha, Cristiano Pimentel, Carlos Agra, Egídio Lima, Gilberto Leite, Antonio Mangabeira, Félix Araújo, Hortêncio Ribeiro, Lopes d' Andrade, Elísio Nepomuceno, Nilo Tavares, Everaldo Luna, Evaldo Cruz, Lino Gomes, José Leite Sobrinho, Luiz Gil Figueiredo, Mauro Luna, Osmário Lacet, Nilo Tavares, Pedro d'Aragão, William Tejo, Gonzaga Rodrigues, Severino Procópio, e, entre outros, Wallace Figueiredo.

Recomendado por Chateaubriand, Epitácio integrou a primeira equipe do Diário da Borborema, com apoio de Noujain Habib. Justamente na data de sua fundação, em 2 de outubro de 1957. Com ele inauguraram a redação José Stenio Lopes, Ramalho Filho, Nilo Tavares e outros. Epitácio ficou mais conhecido na mídia ao dar continuidade ao trabalho assistencial municipalista iniciado, em 1953, por Félix Araújo. Só que Félix criou "A Voz dos Municípios" em outra rádio e, Epitácio, ressuscitou-o no Diário da Borborema. Nesta emissora, o programa ia ao ar de segunda à sexta-feira, às 18 horas, durando até os primeiros anos da década de 1980.

Epitácio Soares nasceu em Boa Ventura, no Vale do Piancó (Sertão Paraibano), a 440 Km de João Pessoa, em 1 de abril de 1915. Morreu em Campina Grande, no dia 12 de abril de 1988, aos 73 anos de idade. Seu pai era o miniprodutor rural Epitácio Soares e, sua mãe, se chamava Francisca Gomes de Lacerda, de tradicional família sertaneja.

Foto: Arquivo

Nilo Tavares com os jornalistas Epitácio Soares e Stênio Lopes na preparação do trabalho "Paraíba – Informe para o Desenvolvimento" apresentado pelo Conselho Diretor da FIEP na Conferência Internacional de Desenvolvimento, realizada em Belo Horizonte-MG

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Eduardo Carneiro em fragmentos de saudade

Lindo, sensível, simples, Eduardo Carneiro nos enchia de amorosidades. O amado amigo jornalista e ser humano de alma pura foi mais um que fez o voo. A covid-19 o levou na tarde de sábado, 1º de maio de 2021.

Eduardo Carneiro era sorriso fácil, sem tempo ruim para os que puderam compartilhar amizade e trabalho. Não era de brigar, o olhar já refletia tudo.

Era referência. E sempre será.

Dudu de Mulungu. Eduardo Carneiro. Homem íntegro, amigo para todas as horas. Inteligente, comprometido com o que se propunha a fazer, gente boa demais, coração enorme.

Dudu, como era chamado por muitos, foi sempre alvo de respeito e admiração. Sim, não era difícil gostar de Eduardo e admirá-lo.

Foi um cara extremamente profissional, de elevado senso ético e, como padrão de vida, optava invariavelmente pela discrição. Foi um dos colegas mais educados que conheci na minha vida.

Duas dimensões são significativas na presença de Eduardo Carneiro: a correção e a sensibilidade no trato com as pessoas. A correção aqui é sinônimo de honestidade, uma característica marcante da vida de Eduardo Carneiro em todas as suas atividades. Honestidade plena, na forma de agir e na palavra. Não enganava. Tinha um jeito sorridente de dizer a verdade, mas dizia.

Ele inspirava todos a tentar fazer sempre o melhor. E ele conseguia fazer isso com muita naturalidade porque foi sempre o melhor de nós. Um cara sem defeitos, competente e sempre comprometido.

Tudo parecia simples para ele. Talvez por isso, nosso colega ao longo da vida tenha se tornado uma das poucas unanimidades. Jamais vi qualquer tipo de queixa sobre Eduardo. Esta é uma característica invejável a qualquer um. Ele convencia pelo exemplo.

Eu poderia escrever um monte de coisas..., mas não descreveria o que gostaria. Sobre o homem digno e de coração bom, o profissional maravilhoso, o colega que honra a profissão e sabia ser leal e justo; sobretudo, o amigo precioso!

Foto: Divulgação

Ao longo de toda a sua vida, Eduardo construiu uma trajetória marcada pela competência, ética e capacidade de partilha dos seus conhecimentos. Por onde passou, uniu pessoas, equipes e fez amigos.

Reparando direito, Dudu nem parecia desta terra miserável onde habitamos entre feras, como descrito por Augusto dos Anjos. Muito competente na profissão, solidário ao extremo no relacionamento com as pessoas e honesto sem adjetivos. Um ser humano raro.

Eduardo nunca será esquecido. Ficarão as lições e as boas lembranças.

Amigo lindo, o céu está em festa porque você chegou! Mas aqui ficamos com o coração despedaçado. E a dor é infinitamente maior para sua família e o querido Everaldo Ricardo, seu companheiro de toda a vida, a quem eu recorro para encerrar este texto: "Deus irá nos confortar porque já nos deu Du para viver entre nós!".

Eduardo Carneiro, presente!

(...)

Esta coluna é uma coletânea de depoimentos de amigos queridos a respeito do grande Eduardo Carneiro. Edileide Vilaça, Sony Lacerda, Djane Barros, Marcos Alfredo, Josival Pereira, Suetoni Souto Maior, Angélica Nunes, Cláudia Carvalho, Andrezza Carla, Maria Helena Rangel... todos disseram o que eu também diria. Obrigada, amigos, por traduzirem em palavras o que eu não consegui.

Aos leitores: *no jornalismo, é comum o adiantamento das edições dominicais. Esta coluna, por exemplo, é geralmente enviada à redação do jornal A União às quartas-feiras. Foi por isso que, no domingo passado, vocês se depararam com uma referência minha desejando melhoras ao querido Eduardo Carneiro, mas ele já havia partido no sábado... Peço desculpas aos leitores pela imprecisão jornalística. Pequei pelo excesso de esperança. Eu acreditava muito na cura do nosso querido Dudu.*

Tocando em frente — Professor Francelino Soares

francelino-soares@bol.com.br

Amor de Mãe

No processo de uma criação musical, isto é, na "feitura" de uma música, sobretudo da chamada "música popular", tão importante quanto a inspiração de natureza melódica é a formatação da letra, do texto.

Hoje, na maioria dos casos, "já não se fazem músicas como antigamente"... Certamente, você já ouviu esse quase bordão. Ouvimos falar que a "inspiração" dos nossos grandes criadores musicais aos poucos vai se extinguindo. Tudo seria fruto do advento de novos artistas que desejam, de qualquer maneira, se impor ao gosto popular, e este já não é o mesmo. Em um passado recente, emissoras de rádio é que, de certa forma, contribuíam para a formação do nosso gosto musical, cuidando de colocar em suas grades de programação gravações que atendessem ao gosto específico de determinados ouvintes: crianças, jovens e adultos etc., primando por colocarem, na seleção destas, "gente do ramo", como o foram, por exemplo, Beneval Andrade (o saudoso Benny Anderson) e Gil Sabino (um especialista), entre tantos outros aficionados por boas músicas.

Hoje, com o avanço da tecnologia, quem gosta de música busca nos youtubes e streamings da vida o que lhe aprouver. E aí há gente e gosto pra tudo. Confesso que, quando quero ouvir alguma coisa, sigo a orientação de minha formação auditiva, menosprezando grande parte do que se grava e canta hoje em dia.

Uma lástima: mudamos nós ou mudou o gosto musical dos outros?...

Há uma verdade cristalina: há músicos que fazem poesias; há poetas que fazem músicas, e há os bem-dotados que produzem as duas coisas ao mesmo tempo.

Tudo isso vem a propósito de belos textos e belas melodias que buscam homenagear a "rainha do lar", a mãe, cuja data é comemorada hoje.

Coelho Neto já nos falou desse sentimento, quando nos legou o belo soneto "Ser Mãe", aquele de que o prezado leitor, pelo menos, já ouviu algum verso: "Ser mãe é desdobrar fibra por fibra / o coração [...] / Ser mãe é padecer num paraíso!".

No universo musical, a data e a criatura já foram mais bem louvados e exaltados.

Mas, vamos ao que interessa, ou seja, revisemos alguns *hits* que buscam homenagear a mulher/mãe.

A lista seria imensa, mas vamos nos limitar a poucas músicas que ainda permanecem em nossa memória auditiva e afetiva:

• Carlos Galhardo nos deixou a valsa "Mãezinha Querida", de 1952, composição de Getúlio Macedo, bastante celebrado no mundo televisivo (Tupi, Excelsior e Globo), com letra de Lourival Faissal;

• Agnaldo Timóteo marcou terreno no gênero, deixando-nos, sobretudo, duas gravações emblemáticas: "Mamãe" (1965), numa versão do *hit* de Aznavour, e uma regravação, com sua "madrinha musical" Ângela Maria, de "Mãezinha Querida", fazendo reviver o sucesso de Galhardo;

• Neste *play-list* não poderia faltar o nome de Roberto Carlos. A sua demonstração de respeito e amor à família e ao lar se manifestou em, pelo menos, quatro composições: "Minha Tia" (1976), "Lady Laura" (1978), "Meu querido, meu velho, meu amigo" (1979) e "Aquela Casa Simples" (1986). Obviamente, a mais adequada à Coluna de hoje é a com que ele homenageou a mãe, Laura Moreira Braga, costureira e violonista amadora, que levou o filho às primeiras aulas de música ainda na distante Cachoeiro de Itapemirim. Ela nos deixou aos 96 anos, mas de RC os audiófilos sempre haverão de se lembrar ao ouvir o "Lady Laura", em que ele abre seu coração e suas emoções para homenagear e consagrar o nome de sua genitora junto ao seu imenso público. É quase certo que a homenagem feita ao pai, Robertino Braga, relojoeiro de profissão tenha surgido no rastro da música feita para a mãe. Uma nada deve à outra;

• Charles Aznavour exteriorizou todo o seu sentimentalismo romântico na criação melódica do citado *La Mama*, com versos de Robert Gall, que ele (CA) próprio gravou, numa emocionante versão semiacústica, no idioma pátrio, o francês, regravando-a também em italiano (*La Mamma*) e até em inglês (*For Mama*);

• Por fim, a mais soturna música do gênero: Mother, em que John Lennon abandona o seu espírito de roqueiro rebelde para, introspectivamente, recolher-se à sua infância de certa forma traumática, sobretudo no concernente ao seu isolamento provocado pela ausência do pai e da mãe. Expõe toda a angústia e tristeza do isolamento familiar, legando-nos, ao lado de sofrida melodia, os belos versos, que não nos poupamos de repassar para os leitores: *Mother, you had me* (Mãe, você me teve) / *But I never had you* (Mas eu nunca te tive) *I wanted you* (Eu te quis) / *You didn't want me* (Você não me quis). Já ao pai, andarilho navegante, ele se queixa: *Father, you left me* (Pai, você me deixou) / *But I never lefty you* (Mas eu nunca te deixei).

É isso! A vida se vai, e nós vamos tocando em frente...

A paisagem se adequa à solidão de Lennon

MARMITANDO
COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Seu concorrente é um problema para seu negócio?

Muitas empresas imaginam que o concorrente na sua mesma área de trabalho é um adversário e que você precisa andar alinhado com as mesmas coisas, e os mesmos produtos já que está tendo um resultado melhor do que o seu.

Na verdade, seu concorrente é seu melhor espelho e aliado do seu negócio. Isso mesmo o que falei. Parece loucura, mas é a mais pura verdade neste ramo gastronômico.

Vejo e conheço muitas pessoas que não vão nem conhecer o estabelecimento do "concorrente". Mas você tem que conhecer, visitar, comprar, provar... e muitas outras coisas, para identificar onde você está errando e ele está acertando muito na sua frente. Na verdade, o erro é seu, seja nos valores, no atendimento, sua rede social que não funciona para atrair, na sua matéria prima de má qualidade, ou você muda muito de fornecedores e isso reflete na sua venda.

É preciso refletir e conhecer o negócio de seu concorrente. Hoje estamos vivendo um novo momento, que não canso de bater nesta tecla e falar: os amadores e os não profissionais no negócio serão engolidos pelo reflexo da pandemia. Acabou a historinha de tentar ser mais ou menos na empresa. Os clientes estão cada dia mais exigentes, e as maiores falhas ainda são no delivery.

Parece até mentira, mas muitas empresas que já estão há anos e que passaram pela maior batalha da pandemia no começo, estão perdendo seus clientes por conta de demora e má prestação de serviço do seu entregador, e eles esquecem também que o prestador de entrega leva o nome da empresa. Nunca irão existir desculpas para um cliente por um atraso de um pedido, principalmente colocando a culpa no motoboy, talvez essa seja a maior deficiência para seu concorrente.

Um produto atrasar de cinco a dez minutos é entendido, mas conheço pessoas - e eu também já passei por isso -, de atraso de duas horas. Isso é para nunca mais o cliente querer saber dessa empresa e queimá-la no boca a boca entre grupos de amigos de WhatsApp.

Se você está tendo problemas com seu concorrente mais próximo e não consegue fechar o mês sem ser no vermelho, te dou três dicas: a primeira é conhecer o produto de seu concorrente. Você vai fazer o pedido no delivery dele. Se essas duas dicas que dei você achar que está no mesmo padrão de qualidade, preço, atendimento e entrega...

Então a terceira dica é contratar um consultor gastronômico, para descobrir onde você está errando de verdade e não consegue atingir sua meta. Mas para isso, você tem que estar preparado não só para ouvir os elogios, mais para receber as críticas e correções por esse profissional contratado. Fica a dica!

QUENTINHAS

Hoje, dia das mães, minhas homenagens vão para as mães da minha vida, minha mãe Rosele Ramos, a minha esposa Haryanne, esposa e mãe do nosso filho Lucca Arruda e a mãe da minha Hary Dona Fátima Arruda, mulheres guerreiras e cada uma delas com sua história. E, assim, eu parabenizo todas as mães da Paraíba.

A Inauguração do Atacadista SuperFácil está marcado já a abertura ao público para o dia 17 de maio. SuperFácil João Pessoa

Com mais de 5.000 m² de área de vendas, contará com área de frutas e verduras, 26 check-outs e 426 vagas de estacionamento. A loja, que trabalhará atendendo tanto atacado como varejo, sendo o foco maior em atacado, seu endereço é entre a Rua Diógenes Chianca e a Avenida Hilton Souto Maior.

O SuperFácil será abastecido por 12.000 m² de painéis de energia solar e receberá ainda uma ampla central de serviços bancários e praça de alimentação integrada, além de clínicas médicas e academia com 1.000 m². Aguardem que vem bastante novidades!

PITADAS A GOSTO

Antes da chegada de imigrantes italianos, já se consumia, no Brasil, uma forma de polenta de milho denominada angu, que pode ter a consistência de uma polenta firme ou cremosa, mas que nunca era grelhado ou frito. Existe, na Ilha da Madeira, um prato típico muito parecido, as papas de milho, que é consumido logo depois de cozido, a acompanhar peixe, ou então frito, a acompanhar a espetada madeirense de carne de vaca.

A polenta tem origem na região norte da Itália. Constituía a base alimentar (o prato mais consumido) da população e dos legionários romanos. Era feita principalmente de farinha de aveia, mas podiam ser utilizadas farinhas de outros cereais como o trigo.

Pouco depois da chegada dos espanhóis ao Caribe em 1492, o milho foi introduzido na Europa. Na Itália, o milho passou a ser cultivado primariamente no norte, onde as chuvas são abundantes. A partir de então é que a polenta passou a ser feita de farinha de milho.

Ingredientes

- 1 rabo de boi inteiro
- 1 linguiça calabresa grande
- 150 ml da tradicional Cachaça
- 1 cenoura com casca em cubos
- 2 cebolas em cubos
- 4 tomates maduras
- Salsa
- 150g de carne de sua preferência para o caldo
- 5 dentes de alho
- 1 talo de alho-poró picado grosseiramente
- 2 pimentões cortados grosseiramente
- 4 folhas de louro
- Azeite de oliva
- Manteiga
- Ervas frescas ou desidratadas. *(alecrim, salsinha e coentro)*
- Acompanhada de polenta mole com xerém de milho no caldo da rabada.

Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Rabada da Vovó Honorina

Modo de preparo:

Em uma vasilha coloque o rabo de boi já cortado nas sua juntas e tempere com as ervas, sal, pimenta do reino, alho picado, azeite e 100ml de Cachaça Tradicional Baraúna. Cubra com papel filme e deixe na geladeira de um dia pro outro, ou por 12 horas no mínimo.

Em uma panela de pressão já no dia do cozimento, coloque a rabada com seu líquido e acrescente os tomates cortados em cruz e 500ml de água e deixe cozinhar por 20 minutos dependendo seu fogão.

Em outra panela você vai colocar a manteiga e o restante dos legumes e verduras na panela juntamente com a carne e três pedaços de linguiça calabresa que irá cortar em cubos médios. Deixe cozinhar ate colar no fundo da panela e ficar um pouco preta, em seguida acrescente 200ml de água e comesse a soltar a parte colada do fundo da panela, coloque 50 ml da cachaça e desligue o fogo.

Bata no liquidificador os ingredientes colocados nesta panela sem as carnes, e em seguida coloque na panela de pressão e cozinhar por mais 10 minutos.

Em seguida pegue o xerém de milho fino e faça a polenta com o caldo da rabada para que fique bem mole. E sirva bem quente!